3 1761 08152319 3

Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/c2dochiadovene00mach

JULIO CESAR MACHADO

DO CHIADO

A VENEZA

LISBOA
LIVRARIA DE A. M. PEREIRA
50—RUA AUGUSTA—52
1867

DO CHIADO A VENEZA

DO CHIADO

A VENEZA

POR

JULIO CESAR MACHADO

LISBOA
LIVRARIA DE A. M. PEREIRA
50—RUA AUGUSTA—52
1867

LIBRARY
FEB 19 1973
UNIVERSITY OF TORONTO

DG
654
M3
cop. 2

IMPRENSA DE SOUSA NEVES, TRAVESSA DE SANTA CATHARINA, 38

I

No caminho de ferro

Ainda havia o Marrare, quando eu parti.

Ouve-se agora dizer a toda a gente:

—Lá vou encontrar-me comsigo a sua casa, no Passeio, no Terreiro do Paço, no theatro ou no Gremio.

D'antes dizia-se apenas:

—Ás tantas horas no Marrare!

Alli se reuniram commigo os amigos que me accompanharam até ao caminho de ferro, na noite em que parti para Italia: o doutor Thomás de Carvalho, o Conde d'Obidos, Salvador Paes de Sande e Castro, e Michaelo Mamo. Um copo de vermouth ou de bitter a concertar o estomago para durante a primeira hora da viagem, um charuto, alguns apertos de mão para um lado e para o outro, e boa fo-

lia, e toca a divertir, e dá por cá lembranças, e até á volta!

Ao chegarmos á estação do caminho de ferro, encontrámos Junca — aquelle baixo profundo, enormissimo, que tão applaudido foi em S. Carlos. Eu havia tratado d'elle n'um folhetim da *Revolução de Setembro* quando se cantára o *Fausto;* tinha-me deixado um bilhete de visita no dia immediato; era todo o conhecimento que tinhamos um do outro.

Encarregou-se Mamo da apresentação:

—O senhor Junca!

—O senhor Julio Cesar Machado!

—Oh! senhor Julio Cesar Machado!

—Oh! senhor Junca!...

—Tenho o prazer da sua companhia?

—O prazer é todo meu em o ter por companheiro!

—Entrêmos para esta carruagem!

—Alguma em que vamos sós!

Um guarda: Não ha mais passageiros de primeira classe.

—Que afluencia extraordinaria!

Chamo Junca de parte:

—Está-me parecendo que este comboio parte hoje por nossa causa, e que não ha mais passageiro algum nem de primeira, nem de segunda, nem de terceira classe; se deixassemos esta ida para ámanhã, talvez apparecesse mais algum viandante?

—Não vae mais ninguem?!

—Creio que não!

—É medida tomada á ultima hora pela direcção: sabem que eu péso muito! respondeu-me elle.

Deu-se o signal da partida; abraçei os bons amigos, que haviam ido despedir-se de mim, e voltando-me para Junca—que fazia menção d'esperar que eu entrasse para a carruagem, disse-lhe:—*Passe adiante, Mephistopheles!*

Partiu comnosco o comboio e principiámos a conversação pelos balbuciamentos inevitaveis de um dialogo de dois homens que nunca se fallaram:

—Tenho o maior prazer, senhor Machado...

—Senhor Junca, a minha alegria não se descreve...

Em seguida tratámos logo do proposito da minha viagem, e fallámos do genio, da indole, da attitude e vida do povo italiano. Junca é, como sabem, um grande e bello homem, que tem a magestade de um gigante e a poesia de um d'aquelles chaldéos que tentaram escalar o céu. Physionomia gauleza, porte magestoso, e voz profunda; reune a tudo isto as graças do bom humôr francez, o picante de um espirito agudo e facil, certa abundancia de estudos e grande naturalidade de sensações.

Principiámos a cavaquear alegremente, borboleteando de assumpto para assumpto com a ligeireza de uma aria italiana de *borleta*.

Elle ia para Sevilha, e devia cantar d'alli a quatro noites. Não quizera ir embarcado a Cadix, por-

que fazia muito mar n'essa occasião e o Tejo estava com assômos brutos capazes de assustar Ulysses. Rimos, contámos historias um ao outro, gracejámos rasgadamente, e quando chegámos ao Entroncamento ás onze horas e meia, perguntámos a um guarda:

Quanto tempo de paragem?

—Uma hora e tres quartos.

—Uma hora e tres quartos,—ou duas horas menos um quarto! *Bravo, bravissimo!* O mundo é nosso, Junca; vou fazer uma proposta!

—Venha a proposta!?

—Ceêmos!

—Ceêmos!

—Mas ceêmos largamente; ámanhã estaremos em Badajoz, e até Madrid ou até Sevilha não poderemos tornar a comer; ceêmos aqui como quem come para tres dias!

—Sublime!

Sentámos-nos a uma mesa, chamámos o creado, e mandámos vir tudo quanto lá houvesse. O creado olhou-nos com admiração, e cortejou respeitoso. Momentos depois appareciam diante de nós os manjares mais delicados. Todos os escriptores que conhecem os segredos da arte de escrever, sabem que nunca deve deixar-se em silencio o que se come, porque os leitores distinctos que lêem uma descripção prendem-se sempre com mais sympathia a este ponto de que a outro qualquer. Todavia, Junca e eu resolvemos não contar nunca o que alli come-

mos, e havemos de levar comnosco este segredo para a campa!

Fallámos de Veneza.

—Veneza! Veneza! exclamou Junca. O nome d'essa terra encantada faz pulsar o coração de toda a gente! Tambem eu a adorei, *Venezzia la bella!* Accordaram-me outr'ora a imaginação as maravilhas e lendas dos poetas namorados de Veneza!

O Lido:—Lord Byron, Alfredo de Musset, George Sand!

Ó poemas! ó narrativas! ó canções das gondolas! Quantas noites decorreram sem eu deixar de cantar tambem a rainha do Adriatico, antes de a sonhar conhecer, e que de vezes passeei pelo seu canal maravilhoso os meus amores!

Nunca a vira senão atravez do prisma da poesia, e quiz saborear um dia a formosura da deusa dos mares e cingil-a nos braços como a uma amante ideal!

Parti com o coração impando de chimeras; e tomei o folego como um homem que vence o mundo, no dia em que cheguei lá e vi aquelle sonho a correr-me por baixo dos pés!

Desembarquei no Lido. Já o cavallo de lord Byron não espalhava por alli a areia com as suas patas poeticas; haviam seccado os prantos de Musset, e a sombra de George Sand desapparecera havia dias!

Uns poucos de pescadores mal amanhados, de barrete azul, camisa de riscas, e coecas velhas, es-

tavam para alli sem cantar os versos da *Jerusalem* do Tasso. Os poetas tinham cassoado comigo! Aquella população estropiada não pensava senão em atirar para dentro de uns cabazes de feitio ignobil uns peixinhos que não merecem o nome de *frutti di mare!*

Senti cambalearem-me as illusões... Á noite fui á praça de S. Marcos. Não sei se os pombos já estavam deitados, mas não ouvi o minimo rumorejar de azas. Entrei no café Florian. Estavam lá uns negociantes de má morte a tratarem de commercio; era o Martinho de Lisboa, com um sopro de brisa. Quiz ver o leão de S. Marcos; fiz-lhe festas á garganta de bronze. Amabillissimo. Parecia estar a sorrir-se para mim. Não havia a menor denuncia escondida por baixo d'aquelle ar agradavel!

E o conselho dos dez? Angelo, tyranno de Padua, já não tem de que ter medo. Fui pela ponte dos Suspiros e andei a passear de gondola pelo canal á sombra de seus arcos. Nem um ai me chegou aos ouvidos. Lembrei-me de Silvio Pellico...

Achei-me com uma unica coisa intacta na memoria—o amor nas lagoas, a veneziana!

Tinha na algibeira o volume das *Confissões* de Rousseau; e a enfermidade d'aquella infeliz, que elle por lá conheceu, dava-me volta ao miolo. E, todavia, cheguei a ter desejos de topar a neta d'essa bregeirona!

Andava de uma occasião passeando á noite no caes

dos Schiavoni quando veio direita a mim uma creatura aloirada, com um chaile nos hombros, um cestinho no braço, e no cestinho um petisco qualquer que deitava um cheiro enjoativo de comida. Era a ceia para o seu homem, gondoleiro que estava á espera d'ella na ponta do caes. Pareceu-me conhecer a cara d'essa rapariga, que não tinha typo italiano. Puz-me a olhar fixo para ella: riu-se. Uns dentes lindos!

—Junca, interrompi-o eu n'esse ponto, o meu amigo n'esse tempo...

—Era solteiro, *caro mio!*

—Ah! Estimo saber isso por amor da moral. Bebamos!

—Bebamos!

Junca proseguiu:

—Vae-se a ver e a rapariga era uma ramilheteira dos *boulevards* de Paris que estacionava sempre á porta de um botequim, onde eu costumava ir tomar café todas as tardes durante os sete annos que cantei no theatro lyrico! O demonico havia desapparecido de Paris ia em seis mezes, e a gente a scismar no botequim todos os dias á hora do palito e do cognac o que seria feito d'ella! Tinha-se transformado em veneziana, a diabrete, para poder á sua vontade ser amante de um gondoleiro mal encarado.

Quando chegou a Veneza e foi pedir agasalho ao tal gondoleiro, que era um certo Maso, morava elle em *Vicolo nuovo; Vicolo nuovo* é uma azinhaga in-

fecta sem ar nem agua. Dão-lhe um aspecto lugubre as paredes negras de dois palacios enormes que teem a fachada para o canal. A casa onde moravam era uma baiuca escura; uma pouca de roupa pendurada n'uns cordões, um banco, uma enxerga. A ramilheteira foi andando comigo até lá, depois de haver confiado o cabaz a outro gondoleiro que encontrámos, que ella me disse ser o sobrinho do seu homem.

Ia adiante de mim, e eu com cuidado de não me perder n'aquelle dedalo de ruas solitarias. De repente voltou-se para mim e disse-me:

—Chegámos. Suba que preciso fallar-lhe. O Maso não volta para casa tão cedo, e, de mais a mais, não fazemos mal n'isto. Vou dar-lhe uma carta para Paris, e depois ensino-lhe outra vez o caminho e ponho-o na praça de S. Marcos se quizer.

—Está dito.

Fui subindo. Cada degrau que rangia fazia-me lembrar de duzias de historias de ladrões italianos vestidos de Frá-Diavolo...

—Sente-se ahi, disse-me indicando um banco, e indo accender luz.

Depois de uma pausa.

—Então que é feito das flores? perguntei-lhe.

—Isso já lá vae! Nunca gostei de flores; a minha mãe é que foi da lembrança de eu ter aquelle emprego que não me dava para viver! Do mar é que eu gosto!

—Com esses braços bonitos é mal empregado remar!

—Faço em casa a comida, e ajudo o meu homem na pesca.

—E dás-te bem com o teu homem?

—Estamos para viver e morrer. É um homem á mesm'alma! Bate-me quando lhe parece, mas valle mais isso do que andar pelas ruas a vender rosas, surrir a quem vae passando, e ouvir grosserias ainda em cima. Tenho uma irmã que leva essa vida á porta dos theatros, e queria ver se a accommodava.

—De que maneira?

—Podia viver com o Pascoal, que é sobrinho do meu homem!

—Para ella é que queres dar-me uma carta?

—É; mas não sei escrever...

—Vae dizendo que eu escrevo.

—Escrever em que? Aqui não ha papel nem tinta. O melhor é dar-lhe recado de bocca e entregar-lhe isto para as despezas da viagem.

Principiou a procurar n'uma mala velha, e tirou de lá uma pulseira.

—Aqui está o que ha de entregar-lhe. Ella vende á porta dos theatros e...

—Esta pulseira!

—Esta pulseira, sim; deu-m'a um rapaz e tinha-a guardada para alguma necessidade. Vamos ao caso; a minha irmã mora...

Ouvimos passos de tamancos na lagea, ao pé da porta:

—É o meu homem! disse ella.

—E então?

—Esconda a pulseira na algibeira, para elle não a ver.

Gritou uma voz em baixo:

—Ó mulher? Mulher!

Ella poz-se á janella:

—Sou eu, filho; lá vou abaixo, espera.

Encostou o banco á porta e disse-me:

—A luz denunciou-nos. Oiça... Elle ahi vem; se não fosse a luz esperava-me lá em baixo...

—Deixal-o vir!

Vi um remo encostado á parede e fui-lhe deitando a mão.

—Abre!

—Ahi vae, respondeu a rapariga.

O gondoleiro, assim que entrou, espalhou o olhar para um lado e para o outro; deu comigo, e tomou-lhe a physionomia uma expressão horrivel. Voltou-se para a mulher, mas ella estava surrindo como para lhe inculcar que não havia razão para que elle se inquietasse.

Pouco satisfeito com o tal sorriso o homem atirou-se a mim, deu-me um murro e ia levar outro quando a rapariga lhe puchou pela vestia e ao mesmo tempo lhe metteu a perna entre as d'elle fazendo-o cair. Infelizmente o pobre diabo bateu com a

cabeça na borda da mala que estava aberta, e espirrou-lhe logo sangue a valer. Ainda o quiz ajudar a erguer-se, mas a moça pediu-me que me fosse d'alli para fóra, e fiz-lhe a vontade sem me custar isso muito.

Andei na rua sem saber por onde havia de tomar; de repente ouvi uma vozinha dizer-me ao ouvido:

—Sou eu, desci as escadas ás apalpadelas para lhe ensinar o caminho.

Pegou-me pela mão e fomos andando por alli fóra.

—E o gondoleiro? perguntei-lhe eu.

—É capaz logo de me bater; não tem duvida. Não se esqueça o senhor de ir procurar minha irmã e de lhe dar o meu recado.

—Fica descançada; este hombro não me deixará esquecer!

—Foi um murro bom? Mas se o senhor, enorme como é, lhe tem descarregado outro matava o meu homem; por isso preferi pregar com elle em terra! Foi n'este hombro o murro?

—Foi.

—Deixe esfregar-lh'o.

Principiou a esfregar-me o hombro, a rir, e a dizer:

—*Povero!*

Depois apertou-me a mão affectuosamente e despedimo-nos.

—*Addio!*

Ella tomou por um lado e eu pelo outro; foi a correr pelo caes, e desappareceu: não a tornei mais a ver!

—Bebamos a essa aventura, Junca!

—O vinho é fraco como ella!

—Passemos ao Porto?

—Vamos a elle.

—Ó da casa, Porto e copos!

O acaso, porém, havia decretado em suas sabias leis que aquelle festim não ficasse ignorado dos contemporaneos; no comboio que se dirigia ao Porto ia o redactor do *Diario de Noticias*, e o instincto investigador de Eduardo Coelho levou-o até á mesa em que Junca e eu, de chapeus um pouco sobre a orelha, nos entregavamos conscienciosamente a devorar as iguarias, orvalhando-as de saudes allusivas á prosperidade da viagem com uma ou outra palavra na lingua de Metastazzio, por exemplo.

—*Galant'uomo!*

—*Illustrissimo signore!*

—*Egregio!*

—*Preclarissimo!*

—*Gentilissimo!*

—*Incomparabilissimo!*

O popularissimo redactor do *Diario de Noticias* registou por cá a ceremonia d'aquelle festim n'uma noticia graciosa, que ficou fazendo parte dos meus apontamentos de viagem, porque em muitas

cartas que depois recebi em Italia me faziam referencias e interrogatorios ácerca da famosa ceia do Entroncamento. Foi como se comêssemos á ceia a celebridade. Eis a noticia:

Diario de Noticias n.º 368 de 1 de abril de 1866.

«Era 1 hora e meia da noite de quinta para sexta feira santa, quando no extremo da banca do *Restaurant* do Entroncamento das linhas do norte e leste se ouviu bradar:—«Come, Satanaz!»—«Ferro em braza que fosse eu o devorava agora, á fome que tenho,» volveu o endemoninhado. Os commensaes olhavam embasbacados para os dois interlocutores, e ouviu-se uma gargalhada satanica e este terrivel estribilho:—«Teu ministro é Belzebuth, lo, ro, lo, lo, ro, lo!» Era Junca, o Mephistopheles do *Fausto*, que ia para Badajoz, e Julio Cesar Machado, que, de chapéo garibaldino, se dirigia para Italia aonde estará dois mezes.»

Terminada a solemnidade e havendo cada um de nós accendido previamente um charuto, que deve n'este capitulo figurar como havano, partimos novamente; e como iamos dispostos a completo regabofe, disse eu para Junca:

—Isto é tarde, senhor Junca; a noite vae alta, estâmos longe de nossas casas, e ninguem nos observa n'este *wagon* pouco impaciente: seria optimo que houvesse por bem cantar-me a sua aria do «Diabo» no *Fausto!*

—Isso dá-lhe prazer?

—O maior prazer!

—Pois bem, lá vae...

Dio del oro. etc.

Applaudi-o como merece, porque canta muito bem, e lhe disse em seguida:

—Visto não termos nada que fazer, e já havermos conversado esta noite sobre todos os pontos que convidam a attenção do homem culto, atrevo-me a pedir-lhe *bis* á sua aria!

No que Junca amavelmente consentiu,—para evitar, desconfio, que não cantando elle... cantasse eu!

De manhã chegámos a Badajoz: estava reservada a Junca uma catastrophe; por ser sexta-feira de Paixão não partiam as *Diligencias*, e o excellente artista que devia estrear-se d'alli a quatro noites no theatro de S. Fernando em Sevilha, viu-se obrigado a communicar n'um telegramma ao emprezario que ia ficar em Badajoz para as Alleluias!

Mais feliz do que elle por ter bilhete para a malla-posta do correio, parti eu para Madrid deixando o pobre Junca em Badajoz a ver a procissão, todo entregue á superfluidade da sua ira!

II

Milão

A Italia accordava per essa occasião idéas e sentimentos differentes dos que ordinariamente inspira. Era o seu presente e não o seu passado, o que interessava então. Conservava ainda a corôa que as bellas artes lhe fizeram, mas escondia-a um instante debaixo do seu capacete de amazona. Quando cheguei a Lisboa, ninguem me perguntou pelo effeito que produzira no meu espirito esse paiz encantador a que chamam merecidamente o jardim da Europa, não me fallaram das noites de Veneza, dos amores nas gondolas, dos pombos que ao bater das duas horas descem á praça de S. Marcos a comer a refeição de cada dia, dos grandes palacios, dos pés pequenos das venezianas, das maravilhas de pintura, de esculptura, de architectura, em que abunda Fl[illegible]

no Corso em Milão, dos museus, dos theatros, dos artistas, das mulheres; perguntavam-me no Chiado:

—Em que pé deixou por lá aquella gente?

Outro atravessava a rua para me dizer:

—A guerra é infallivel, hein? Victor Manuel soltou-os, agora nem o demonio os açaima!

E este fallava-me no quadrilatero, aquelle desejava informar-se do feitio dos austriacos, o outro queria saber se a miseria levava já Veneza a comer a carne escura dos seus pombos, o outro fallava-me de Garibaldi, e o outro queria noticias de Persano: nem um só me fallou de Miguel Angelo ou do tureto!

E entretanto, se ha terra de que seja grato recordar o encanto quando já se está longe d'ella, é a Italia. Ao voltar de Paris ou de Londres, ha sempre no animo do viajante o sentimento de haver perdido alguma coisa, uma illusão ou uma esperança; de Italia volta-se com a alma saudosa mas consolada; tudo alli é ameno e doce; amar, cantar, esperar, tal é o destino d'aquella gente; o seu *panem et circences* é o *maccaroni* e a musica; os homens são amabilissimos, e as mulheres, em geral formosas, são pouco crueis ao que me affirmam.

Podia demorar-me nos pormenores da viagem por Madrid e Paris, mas o meu editor tem á venda dois livros meus de viagem—*Em Hespanha*, e *Recordações de Paris e Londres*, que descrevem extensamente as excursões que fiz por essas terras; não

póde, quem ainda os não leu, dar passo mais acertado do que mandal-os comprar já, e deixar-me. armando alto o pulo, saltar já para os Alpes!

A viagem pelos Alpes é uma verdadeira festa. Não se faz idéa da magnificencia do monte Cenis, d'aquella natureza grandiosa e excepcional, em que as arvores verdejantes banham os pés no gelo, os riachos a cada passo correm das elevações e fazem brilhar nos rochedos as suas faiscas prateadas, e as nuvens brancas affagam a cumiada dos montes, volteando em redor delles como um bordado! De vez em quando um casalinho perdido no cimo de um roccado surge de repente por entre o farpão de uma nuvem e parece suspenso no espaço; mil torrentes, mil abysmos de um lado e outro, caminhos estreitos, que serpenteiam pelo monte acima e por onde apenas cabe a diligencia ou o *traineau*. O declive é rapido; d'um lado e d'outro avistam-se os montes apenas, e os abysmos; rochedos trepados uns sobre os outros ou erguendo-se ao longe como pedras funebres; mais adiante, uma catarata que arrasta ruidosamente até precipicios profundissimos arvores que a tempestade arrancou; depois o cume de um monte brilhando debaixo de um manto de de neve, ou erguendo-se aguçado por entre o nevoeiro; ás vezes avista-se uma creatura humana desenhando-se subitamente por cima de uma nuvem como uma apparição phantastica—é um caçador, ou um guia.

O frio é diabolico n'aquellas paragens. A meio caminho, em Lanslebourg, estalagem no meio do monte, apeiam-se os viajantes, e ha meia hora de descanso. Scena curiosissima, essa: todos saltam tropegos das carruagens, enregelados e medrosos; o grande perigo é d'ahi em diante principalmente; alli se tomam os *traineaux* quando a neve é muita; se ha luar gosa-se de um espectaculo pittoresco e esplendido, mas, se a noite vae negra, divisam-se apenas os montes erguendo-se como monstros, e o olhar perde-se na escuridão dos abysmos.

A estalagem resplandece de luzes; é uma grande casa branca com duas entradas, sala cheia de mesas, criadas com grandes toucas brancas, e dois concertistas a um canto tocando flauta e harpa. A musica diligenceia alegrar a situação, e não se poupa a toda a qualidade de walsa caprichosa e alegre; os viajantes vão entretanto tomando a sua sopa a ferver, o seu copo de vinho, e o seu pedaço de *roast beeff*, emquanto outros já de refeição feita, calçam as suas meias de lã e embrulham o pescoço n'um *cache-nez* mais que ministerial.

Chega-se de madrugada a Suza, entra-se de novo em caminho de ferro, e ás onze horas da manhã está-se em Milão.

É uma *coquette*, Milão; pequena, graciosissima; um pouco afrancezada talvez no luxo e nas modas, mas temperando isso com a voluptuosa *morbideza*, o fallar a meia voz, o gesto languido e seductor que

caracterisam a Italia. Paris não é *coquette;* Paris é deslumbrante, é prestigiosa, é encantadora, mas é grande de mais para ser *coquette;* as cidades são como as mulheres, só uma mulher pequena póde ser *coquette;* Milão é *coquette.*

Installei-me no hotel de la Ville, que se acha agradavelmente situado no corso Vittorio Emmanuelle. O corso Vittorio Emmanuelle é para Milão o Chiado de Lisboa, os boulevards de Paris; cito este querido Chiado, nossa patria commum, não por que elle dê idéa do corso, mas porque todos nós os de Lisboa para alli vamos *flanar*, como no corso succede aos milanezes, e porque me é grato, apesar do Chiado ser o sitio mais feio e estupido de Lisboa, continuar-lhe a doce reputação que disfructa de ser o que temos de melhor. O corso é uma rua extremamente larga e de grande extensão, a mais elegante e frequentada da cidade, que parte da praça da cathedral e segue com as successivas designações de corso Vittorio Emmanuelle, corso di Porta Venezia, corso di Porta Nuova, o passeio da noite, o rendez-vous das manhãs, o sitio por onde passam todos os dandys, todas as elegantes, e todas as carruagens.

Abril é o melhor mez de Milão para o viajante, o mez mais entretido e agradavel; póde ainda assistir a uma representação no Scala se alli chegar logo no principio do mez e depois fica encontrando em Milão pelo mez adiante todos os artistas italianos

até então espalhados pelo mundo, e que alli acodem por esse tempo para tratarem de escripuras nas agencias theatraes. É um verdadeiro espectaculo de cantoras e bailarinas. Só das que já haviam estado em Portugal encontrei eu logo no primeiro dia dez ou doze, a Berini, a Fricci, a Laborde, a Lafont, a Stefanska, etc.

Os *toristas* chovem alli tambem por esse tempo. A hospedaria em que eu estava não tinha outra gente. Notei apenas em Milão poucos inglezes, em comparação dos que vi principalmente em Veneza. De inglezes no hotel de la Ville só havia dois quando eu cheguei; marido e mulher, toristas conscienciosos, isso sim, que partiam de madrugada com os seus *murray* debaixo do braço, e só voltavam para casa á noite depois de um dia inteiro empregado em visitar egrejas, monumentos, jardins, não lendo nunca os jornaes, não fazendo perguntas sobre as novidades politicas do dia, e parecendo ignorar que a Italia se estivesse preparando para guerra. Admiravel sangue frio britanico, que tão singularmente contrasta com a curiosidade massadora que anima o espirito dos meus compatriotas!

É de uso dizer mal dos inglezes nas descripções de viagem e tratal-os como uma especie de flagello, accusando-os de prejudicarem com a sua presença a formosura dos logares e a belleza dos monumentos.

Confesso-o, não participo dessa indignação, e,

em viagem, chego a ter pena quando não vejo inglezes e principalmente inglezas; animam as paisagens. Vejam se não é agradavel, aos pés d'uma ruina, á beira d'uma cascata, debaixo das arcadas d'uma cathedral, encontrar-se a gente de repente cara a cara com um rosto gracioso e fresco moldurado em loirissimos cabellos? As inglezas são quasi todas bonitas em viagem; fica-lhes bem a estrada!

Os *locandieri*, os *ciceroni*, e os *custodi* notavam tambem e com maior tristesa ainda a pouca affluencia dos nossos fieis alliados.

Um corcunda, que tive por guia nos primeiros dias,—deixem-me já dizer-lhes que em Milão não sei explicar-lhes o motivo, fervem corcundas! —e que tinha grande sentimento de não poder alistar-se como voluntario para a guerra, dizia-me d'uma occasião:

—Isto é um emprego perdido. Ha tres semanas, não tenho acompanhado senão quatro inglezes!

Apesar da situação actual da Italia, entrei alli pensando em tudo menos em politica, e assim me conservei. Parecia-me que seria bom viver n'aquelle paiz sereno e tranquillo, onde em tudo se espalha um sopro de arte, longe das preoccupações em que de ordinario se nos gasta a existencia: vêr os primeiros e os ultimos raios do sol doirarem a cathedral, ouvir a brisa murmurar nas arvores dos jardins, tomar um gelado á porta dos cafés do *corso*, e ir á noite escutar no Scala, no Cannobiana ou no

Radegonda, a romanza do tenor e a aria da prima donna. Amor e musica—são as duas unicas preoccupações que se dão bem n'aquella terra!

Ás noites, quando não ia ao theatro ou ao circo de Cinizelli—aquelle mesmo Cinizelli que em 1862 esteve em Lisboa—passeava pelo *corso* ou entretinha-me á porta dos cafés, tomando um sorvete e vendo quem passava, como os velhos no côro do *Fausto* que gostam de sentar-se á béira-mar e vêr passar os botes em quanto despejam o seu copinho; ou ia passar a noite a casa de alguma familia das minhas relações.

Levava de Lisboa muitas cartas de recommendação e quando passei por Madrid a cantora Galleti foi tão amavel que me offereceu uma noite no theatro real algumas cartas para Milão, para Florença, e para Veneza, e passou, creio eu, o resto da noite a escrevel-as, porque me mandou na manhã immedista obra de umas dez ou doze.

Bastou logo, porém, a sala da cantora Borghi-Mamo para eu ficar conhecendo a metade de Milão, e notem que a outra metade supponho não valer a pena de a conhecer. A familia Mamo tem uma lindissima casa no *corso*, e sempre que a grande artista está em Milão enchem-se-lhe as salas de visitas e os artistas vão todos saudar a *diva*. Lá fui encontrar aquelle celebre Varezzi, que fez as delicias de nossos paes em S. Carlos, e que conta hoje sessenta e tantos annos; quando lhe disseram que eu

era portuguez alegrou-se o homem como se ouvisse cantar-lhe n'alma a primavera, e mostrou-se saudoso dos seus triumphos de Lisboa. Foi d'alli tambem que conheci o poeta Piave, o mais distincto librettista d'este tempo, o poeta preferido de Verdi; naturesa simples e inspirada; um gentil talento e uma alma de phantasista; hei de occupar-me d'elle n'outro capitulo; guardo de Piave, de sua gentil esposa e da sua formosa filhinha, a lembrança mais grata.

Uma noite a filha de madame Borghi-Mamo cantou acompanhando-se ao piano a *aria do Salgueiro*, do terceiro acto *d'Othelo*, um dos grandes triumphos de sua mãe. É uma creança de onze annos, de fronte pallida, cabellos negros e olhar scintilante, que parece um passarinho animado pela harmonia; voz pequenina mas de tanta graça e magia que quereria a gente escutal-a sempre; desabrochar de uma alma, que adivinha tudo; o salgueiro verdejava, na aria d'ella, como se uma flôr viçosa lhe offertasse a verdura e o perfume ou se um arbusto elegante e tenue se enlaçasse á arvore; era ella o arbusto e a flôr, a gentil Mimi; flôr ingenua e expressiva, a que bem quadrava o nome que os inglezes dão a uma das suas flores—*the daisy*, o olho do dia!

III

Ainda Milão

Os padres em Italia têem que ver. Em geral, como sabem, não se morre por lá de amores por elles e não é desagradavel á boa gente italiana divisar na phisionomia de um estrangeiro certo ar de desdem quando elles vão passando. Os padres em Italia teem entre outros defeitos um defeito capital, que é embirrarem com as bellas artes. Prégar a um povo—e então ao povo italiano!—que as bellas artes são má coisa, não me parece effectivamente ser prova de grande habilidade!

Sente-se aqui o leitor em minha companhia á porta d'este botequim, e eu lh'os vou mostrando á proporção que elles passarem. Ahi vae um que nem tem batina; vae de manhã á egreja, enfia uma das sotainas que ha na sacristia, diz a sua missa, mette

os cobres na algibeira, e elle ahi vae sem se lembrar mais que é padre, comer, beber, fumar, e depois á boquinha da noite *fra il lusco e il fusco* dar o seu passeio por certos bairros que o compromettem e onde moram formosuras um pouco mais que profanas.

Est'outro agora que vae devagarinho, n'um passinho de pulga, barrigudo e afogado em banhas, com uns olhinhos redondos que mal se abrem, é a figura da materia a respirar sósinha. Come-lhe bem, e é amigalhote do dono da *trattoria* para que lhe sirvam os melhores bocados e dóse dobrada—que o ajuste é esse. Como é bom homem, trata todos bem, e faz festas ás creanças, ninguem lhe quer mal por elle ser golotão.

Este sujeitinho magro, esguio, mal arranjado, e pensativo, que parece que vae a scismar n'algum argumento importante contra a incredulidade ou n'um sermão que converta quem estiver perdido, vae assim cabisbaixo por ter emprestado um dinheirito a juros, e pedir-lhe o devedor que espere dois dias. Elle bem sabe que se os juros se accumularem dois annos dobram-lhe o capital, mas sempre está alguma coisa agoniado porque nem gosta de esperar nem quer pregar com a justiça em casa do homem, para não tornar publico o mister a que se dá.

Aquelle é mestre de meninos por casas particulares, e vae comendo e bebendo á custa d'uns santos burguezes, que querem fazer como os fidalgos.

O burguez que não quer metter os filhos no collegio aluga um padre, que se incumbe de educar o herdeiro e acompanhal-o á rua a passeiar. Dá riso vel-os com os discipulos a cairem de somno, pedagogos tão contentes de serem uma especie de creados de servir, que parece á primeira vista que vão alli n'um grande cargo. Ratões modestos, insinuantes, levando o seu barquinho por entre os cachopos d'uma existencia atrapalhada. Humildes com o dono da casa, cortesãos do criado predilecto, tratando os mais por cima do hombro, sabendo ás mil maravilhas quando devem fallar e quando hão de callar o bicco, abrir os olhos ou serem cégos, estarem a rir ou a lagrimejar, prégarem seu sermão ou metterem os sermões á bulha,—tudo em termos habeis e a hora propria!

Pois este?! Este é o padre *galopino*, e chamam-lhe assim porque passa o seu tempo todo a galopar, a correr por todos os sitios onde ha jantar de bodas ou enterro, e offerecendo-se para dizer missa barata com tanto que vá depois para a mesa. Á noite está elle sempre á porta de algum botequim ou ao pé do correio com outros amigalhaços de egual feição, indagando o que ha de novo a respeito de consorcios e de exequias, e perguntando á sua gente:

—Então ámanhã que patuscada temos?

E aquelle, aquelle?! Isso é que é um reinadio. Não ha viv'alma que o não conheça, e elle tambem

paga na mesma moeda ao genero humano porque conhece toda a gente. É quem preside nas reuniões dos padres da provincia, que vão á cidade tratar dos seus negocios, e quem agenceia que elles jantem n'alguma casa conhecida onde se coma bem. É a alma de uma funcção, este reverendo! Aquillo tem graça ás pilhas, e falla pelos cotovêlos. Sabe tudo. É um regalo ouvil-o discorrer a respeito da loteria, dos sonhos que teve a noite passada, dos numeros maus e dos numeros bons, e de muitas outras coisas não menos edificantes. Até já de uma vez quiz fundar uma academia cabalistica, que tratasse de elevar o *livro dos sonhos* á altura dos progressos da sciencia!...

A mim explicou-me isto tudo um homem com quem eu me encontrava frequentemente a jantar na casa de pasto *Isola bella*, e dizendo-lhe eu pasmado:

—Como sabe o senhor tanta coisa a respeito dos padres?

—Não adivinha! respondeu-me elle.

—Não.

—É que eu mesmo, que lhe estou fallando, tambem já fui padre!

—Ah!

Uma coisa, em todo o caso, teem elles de bom, que é não se oppôrem a que cada um ame á sua vontade. Podem reprehender tudo, mas não consta que accusassem nunca o amor. Nisso mostram ao

menos que conhecem a terra em que vivem, e sabem que a Italia lhes perdoaria tudo menos que elles quizessem acabar com o amante. O amante, que vae desapparecendo nas comedias, existe ainda em Italia completo, inteiro, *impermeavel*, na comedia e na vida. O *benevolo* o *amico di famiglia* tem talvez soffrido suas modificações, mas o *amico del cuor* resiste e creio que resistirá sempre alli ás revoluções e ás edades. As idéas liberaes iam dando com elle em *pantana*, com a historia da dignidade do homem e da mulher, mas o maganão soube triumphar dos revezes, e por lá anda ainda a esta hora á redea solta.

E depois, na Italia não ha como em França aquella aluvião de *coquettes* que fazem vida disso, e de *lorettes* que são moda. Até as celebres cortezãs venezianas que tinham fama de fazerem os homens tontos, deram completamente em droga. A italiana não sacrifica nada ao luxo nem ao interesse, não gosta de se vender,—dá-se. A gente em França diverte-se: na Italia, ama.

As familias de boa sociedade recebem uma ou duas vezes por semana, em dias certos, exactamente como entre nós. Teem boas salas, regalam-nos de musica, dão-nos sorvetes, e deixam-nos namorar á vontade. O estrangeiro tem unicamente um embaraço, que não é pequeno,—encontrar já todos em duetto e não ter ás vezes a quem faça a côrte por estar tudo a postos. Tem um homem de andar por

alli a conversar com quem encontra disposto a aturál-o, a respeito do tempo e da politica, o que é grande massada principalmente para quem não falla a lingua com facilidade e que está pouco ao facto das noticias do dia.

Recebem muito bem, com o melhor acolhimento e a affabilidade mais graciosa. As mesmas pessoas que se encontraram uma vez n'uma casa, lá se encontram sempre; são de grande constancia nos seus habitos. Não é uso por lá convidar para jantar; quem tem camarote n'algum theatro offerece um logar, e fica-se com isso e com o receber uma noite por semana em casa.

Pelo que respeita ao afamado ciume italiano—*la gelozia!*—não lhes posso dar grandes noticias d'elle. Os amantes alli pareceram-me mais assiduos e encommodos, do que os proprios maridos; estão no seu posto constantemente para arredarem qualquer abelhudo, que queira fazer pé d'alferes.

E, ao que dizem, os amores alli duram eternidades. Pelos modos não se admittem successores, e pessoa que escolhe outra conserva-a em quanto vive. D'outras vezes ha simplices paixões platonicas, que alcançam voga e aguentam-se com uma firmeza prodigiosa. Se os maridos não ralham muito, deve-se isso, supponho eu, á boa confiança que depositam nas consortes, incapazes em sua opinião de concederem mais do que serem namoradas. O conde Greppi contou-me uma occasião um caso galan-

tissimo, que eu já lhes vou referir. Já aqui lhes fallei do conde Greppi, e disse-lhes que é um dos primeiros elegantes de Milão; assim é; grande cavalheiro, muito apaixonado por litteratura, por senhoras, por flores, por theatros e por cavallos; um *gentleman*. Ainda ultimamente recebi uma carta d'elle engraçadissima: imaginem que o conde comeu uma vez ao almoço batatas portuguezas, que um artista havia levado de Lisboa e de que lhe offereceu em Milão algumas, assadas no forno; souberam-lhe tão bem que ao fallar-me de Portugal citou-m'as logo depois de tratar do Camões; prometti-lhe, a rir, que lhe mandaria batatas em tendo portador, e quando o violloncelista Cazella partiu para Italia fez-me a amabilidade de se encarregar d'essa incumbencia; as batatas de cá, ao que parece, tentam diabolicamente os italianos, e o maganão do Cazella creio que mandou assar metade pelo caminho, porque o conde diz-me n'uma carta dictada pela indignação mais comica do mundo que só recebeu um cestinho com trinta e sete! Fiz immediatamente para Nizza uma parte telegraphica a Cazella, com estas simples palavras, que foram enchel-o de remorsos:—O resto das batatas?

Mas, que isto não nos faça esquecer do caso que Greppi me contou. Estava-se na alcova da marqueza . . . que se achava doente de cama; fallava-se de amores, e um estrangeiro que alli se achava disse que a sua bella era a mulher de um tal fulano, a

quem elle não conhecia mas com quem hia tratar de arranjar conhecimento para ter entrada em casa; principiaram todos a morder os beiços perdidos de riso, porque o fulano de quem se tratava estava alli presente. De repente, o fulano diz com a maior gravidade:

—Isso que tem! Ella não é bonita, até passa por feia, mas gostei d'ella assim, e assim a conservo; não me vinha á idéa que alguem se namorasse d'ella, e tenho a maior satisfação em ver que um cavalheiro de tão bom gosto viesse de tão longe para preferir minha mulher a todas as outras damas! Para lhe mostrar quanto me penhora, convido-o para jantar ámanhã em minha casa!

Desatou tudo a rir, e o namorado teve de acceitar o jantar,... que não lhe fez bom proveito.

IV

Ainda Milão

Nos primeiros dias, é uma festa. Passa em tudo, alli, um sopro d'arte; agora, encontra-se um homem de fronte alta, cabellos compridos espalhados á mercê da brisa, colleirinho baixo e largo, gravata fluctuante, e, quasi sempre na mão, um chapeo garibaldino com que vae abanando-se em ar de leque: vive de ser *modelo:* um pobre diabo a quem a natureza fez bonito, bonito de mais para trabalhar, e que achando-se demasiadamente formoso para ser engenheiro, padre, medico, ou empregado publico, vae ganhando uns tantos réis por dia a consentir que os pintores immortalisem na tella, attribuindo-as a diversos figurões mythologicos, as suas fórmas peregrinas; mais adiante um *empresario* de quartos mobilados, ratão que vive de pescar estrangeiros e in-

culcar-lhes onde se aluga por trinta *liras* por mez, (cinco mil e tantos réis,) um quarto em bairro tranquillo, com duas entradas por diversas ruas, canta, em quanto espera, encostado a uma esquina, a *Bell'alma innamoratta*, de Donizetti, com uma voz tão suave e pathetica, que revella a alma d'um trovador; mais adiante, passa esbelta e tentadora uma bailarina celebre, passeando o seu sorriso ao sol: avista-se reclinada brandamente n'um calèche que corre veloz pelo *corso* uma moira de feições gentilissimas, tez bronzeada, dentes alvissimos, e com os cabellos lisos caidos sobre os hombros nús, para que veja bem quem vae passando *che sai môra, ma non sai nera;* n'um carrinho puchado pelo vendilhão, vendem-se sorvetes preparados de mòmento, e os soldados, as raparigas do povo, e os garotos da rua, tomam por dois soldos, um vintem, o seu gellado de limão, de crême, ou de laranja de Napoles; fazendo roda a um magnifico realejo, que toca *Il baccio* com uma perfeição e encanto que valem por uma orchestra, dançam umas poucas de creanças em quanto outras á janella as acompanham cantando.... Pára o estrangeiro a olhar para aquillo tudo, e sente de repente tocarem-lhe como que uns dedos de fada: é uma ramilheteira, moça, brilhante, de olhar meigo e gracioso, que lhe offerece um raminho de flôres ou lh'o põe pela sua mão n'uma das casas do fraque.

A Italia é a terra das flores por excellencia. As

ramilheteiras em Milão enchem o *corso* com os cestos, que trazem ao braço cheios de ramos. Os ramos não são notaveis nem pela abundancia nem pela variedade, mas são leves e bonitinhos.

Á noite, nos theatros, é um jardim. Nos camarotes, na platéa, e na scena, não se vêem senão ramilhetes. Quasi todos são tão pequenitos que podem metter-se n'uma das casas do collete e ficam parecendo, á primeira vista, um berloque. As *fioraje*, de tão afamada formosura, são muitas vezes um poucoxinho inferiores á reputação que teem. Dizia-me lá o meu barbeiro, excellente milanez que só tinha o defeito de me pentear de cabello para traz da orelha, que o tempo das ramilheteiras bonitas passou já.

—Ainda ha duas em Florença, acrescentava elle com ares de muito sentimento, e o senhor *cavaliére* lá ha de vel-as; são duas amostras soberbas das antigas ramilheteiras florentinas!

As de Milão até se permittem ás vezes ter quarenta annos, edade em que as mulheres podem ainda muito bem dar flores, mas já não as podem vender. Andam em volta das mesas do botequim, na estação do caminho de ferro, (em Milão ha uma só estação, e d'alli partem todos os caminhos de ferro, para Camerlata, Turim, Veneza, Gallarate, Varese, Piacenza, Bologna, Pavia, Alexandria, Genova etc.) no *corso*, no passeio publico, no adro da Cathedral, e á porta dos theatros. Nos raminhos d'ellas o cra-

vo é que domina; dá-se-lhes uma prata miuda de vez em quando, e anda alli sempre um homem de cravo ao peito, sem se inquietar com o rifão portuguez que resa amargamente d'este caso.

Os theatros são o divertimento predilecto da sociedade milaneza, pouco dada aos *raout* de Londres, ás reuniões de Paris ou á *tertulia* de Hespanha, e o estrangeiro que não conhecer alguma artista celebre, unicas casas em que se recebe facilmente, tem de ir para o theatro assistir á representação de uma companhia mediocre, perante a qual boceja todas as noites—sem consentir uma noite só em não ir bocejar para lá—a sociedade mais illustre de Milão.

Os milanezes receiam talvez, se abrirem as suas portas a uma sociedade bastante numerosa para formar assembléa, não poderem dizer quanto querem e ficarem expostos á espionagem, que mesmo nas terras de Italia em que não havia austriacos parecia ser o papão dos italianos. Accresce que esses habitos dão-se pouco com a parcimonia tão citada dos milanezes.

Os theatros de declamação são insignificantes; a Italia não abunda hoje em talentos poeticos como ha pouco tempo ainda, em quanto eram vivos o Monti, o Nicolini, o Pellico, o Foscolo, etc. Apenas vive ainda Manzoni, e esse não se dá ao theatro. Os theatros de declamação vivem das tragedias magnificas dos seus auctores antigos, de traducções de

dramas francezes, e de alguma composição nacional que é raro ser grande obra.

Os theatros lyricos são, sem comparação, preferiveis, e pelo que respeita ao theatro da Scala, os italianos que em geral não se poupam a despezas com os superlativos, têem grande pretexto para prerromperem em phrases pomposas, porque a admiração dos estrangeiros vae sempre e com justiça mais adiante ainda. O *Scala* reune á grande magnificencia, todas as condições agradaveis e commodas, não só para os espectadores, mas para os cantores, para os musicos, para os dançarinos, e para os machinistas. Não cheguei a Milão infelizmente a tempo ainda de assistir a alguma recita, mas visitei o theatro acompanhado por um dos *cicerones* que estacionam debaixo da arcada, destinada como a de S. Carlos de Lisboa a servir de abrigo ás pessoas que se apeam das carruagens. É um theatro enorme, com seis ordens de camarotes, e uma platéa extremamente espaçosa e commoda. Ha quarenta e seis camarotes em cada ordem, e a tribuna real sobe á altura de dois terços da sala; os camarotes, adornados todos com cortinas, têem pela maior parte uma saleta contigua para jogar ou para ceiar. Nas noites de galla, bem como n'aquellas em que Victor Manuel apparece em Milão e vae ao theatro, augmenta-se por meio de placas a illuminação. Esta solemnidade official déra-se todavia nas vesperas de eu chegar a Italia, ao que me referiu o *cicerone*, sem

que fosse noite de galla e sem que Victor Manuel estivesse em Milão, mas para festejar na recita de encerramento do Scala os artistas que ao que parece tão divinamente cantaram a *Africana*.

Depois, ao primeiro sorriso da primavera, o Cannobianna abre as suas portas, e os milanezes tentam consolar-se do silencio do *Scala* com as primicias de alguns talentos a que o futuro ás vezes reserva a gloria, e que, ao estrearem-se, vão pedir ao Canonobianna na sancção dos seus applausos o passaporte para as futuras viagens da sua voz.

Na primeira noite em que eu fui ao Cannobianna annunciavam os cartazes a *Somnambula*, de Bellini, e uma dança em dois actos—*A Ilha dos Amores, musica d'il signor Cavaliére Santos Pinto*. Tive um sobresalto de nacionalidade; e não podiam meus olhos affastar-se do cartaz. Conheci como todos nós de Lisboa, um musico distincto que aqui houve que se chamava assim; mas morreu o musico ha seis annos, e parecia-me extraordinario pelo menos que elle fosse ressuscitar á Italia ou á ilha dos Amores!

A dança, porém,—era eu que já me não lembrava!—havia sido posta em scena ha annos no nosso theatro ds S. Carlos pelo mesmo choreographo Montplaisir, que, escripturado actualmente no Cannobianna quiz deliciar os milanezes com essa composição. Os milanezes têem um fraco pelas danças, e applaudiam esta como todas. O *ballo* estava posto em scena com magnificencia, e se não fosse a profusão de

mimica de que estava recheado poderia ser visto sem bocejar por qualquer portuguez, inimigo tradicional da pantomima. Os italianos creio que o applaudiam principalmente por isso, porque a mimica faz fortuna na Italia, onde toda a gente é dotada de uma mobilidade de musculos, que está pedindo como pão para a bocca a linguagem dos gestos—que alli se mescla até na conversação familiar. Depois, quem sabe mesmo se a perfeição d'aquelle povo na mimica não provém de uma causa politica, e se não haverá sido a desconfiança que o systema de espionagem d'aquella terra lhe fez adquirir, que o leve a confiar a expressão do seu pensamento a um olhar, a um accionado, mais do que á palavra?

O theatro de Cannobianna, muito inferior ao da Scala, é todavia uma bonita sala, mas um pouco velha. Os corredores são escuros e principiam a estar arruinados. Não se fuma no salão nem em logar algum dentro do theatro, e quando não se conhece nos camarotes algumas familias a quem se faça visita, enfastia-se sinceramente um homem enterrado *a meia luz* n'aquella honesta platéa. Os theatros em Italia são todos mal illuminados, e o conde Greppi —o famoso elegante de Milão—como que me deu a perceber, ao observar-lhe eu isto, que os milanezes fazem gosto n'aquella doce penumbra para se estar mais a vontade nos camarotes. Se ha malicia n'essa intenção, Deus lhes perdôe... como eu.

Á frente dos camarotes sentam-se duas pessoas

apenas, mas o fundo está sempre cheio de visitas; alli conversam toda a noite, excepto quando algum trecho importante merece as attenções. Teem lá o costume exquisito nos camarotes de que a chegada da ultima visita sirva de signal á primeira para se retirar, ainda que se esteja no melhor de uma declaração d'amor, ou de uma explicação importante.

Eu ia muitas noites, em Milão, a um theatrinho lyrico pequeno, escuro, e pobre, chamado o theatro *Radegonda*. O bilhete de entrada custa nove vintens—*una lira*—e outra *lira* para ter direito a uma cadeira da platéa superior. Canta-se tudo alli; não se conhecem difficuldades d'aquellas portas para dentro, e tanto lhes faz cantarem Coppola como Mozart. Ouvi n'uma noite a *Somnambula*, e logo na outra o *Don Giovanni*. A *Somnambula* era confiada a uma cantora mocinha e fresca, que tem uma voz sympathica e uma physionomia interessante; chama-se Mazzini. Em quanto ao *Don Giovanni*, dou-lhes a minha palavra que nunca assisti a uma farça tão galante. D. João era um môno insipidissimo, o Leporello era um celebre Ignacio Marini, bom no seu tempo, mas insupportavel hoje, D. Elvira comprehendia-se perfeitamente que D. João fugisse d'ella como gato de brazas, e D. Anna, o duque Ottavio, Zerlina, Másetto, e o commendador eram capazes de fazer com que o Evangelho levasse pateada... se elles o cantassem. O scenario era deploravel; na scena do festim estava D. João sentado a uma mesa pequena com

duas comparsas, creanças de dez a doze annos, uma de cada lado, trinchando com um despeito significativo um frango de papelão. Aos disparates homericos em que abundam ás vezes aquelles espectaculos preside sempre uma gravidade, uma convicção, que recorda a ratice pantafaçuda dos nossos antigos theatrinhos particulares. Mas, atravez d'isso tudo ha para escutar, e para applaudir frequentemente a orchestra—porque a mais insignificante orchestra do mais obscuro theatro d'Italia tem sempre um dote, de que muitas vezes carecem as orchestras de theatros importantes d'outros paizes—sentimento musical; ha intelligencia n'aquelles instrumentos, passa uma alma no som das rebecas e no sôpro das flautas, como que se ouvem palpitar os corações d'aquelles homens, quasi todos pallidos, magros, de fronte alta, com os cabellos em desordem, typos melancholicos, mas verdadeiros typos de artistas!

V

Milão n'outro tempo

Ainda hoje em Milão é citado o caso de Cesario Sforza, que se demorou tão pouco tempo no throno ducal que a historia quasi não deu por elle. Parece que era moço animoso e bello, affavel e intrepido. Não me perguntem se tinha vistas profundas sobre a economia dos estados, se acatava as letras, e honrava as artes; sabem perfeitamente que nada d'isso eram virtudes do seu tempo. Na época em que elle era vivo morava a litteratura nos conventos, fazia-se poesia em vez de a escrever, preparava-se o caminho para as artes, e, como a lei era a espada, a melhor habilidade de um cavalheiro era dar para baixo rijo e a valer!

Cesario era um excellente coração, candido, generoso, que tinha o defeito das boas almas que o

frio da experiencia não gastou—duvidar do mal que se está mettendo pelos olhos dentro, e crêr no bem que não se avista. Imperfeições n'um principe, peiores que vicios.

Como todos os reis, Cesario tinha a desgraça de possuir muitos amigos; um dos primeiros era um tio d'elle que aproveitava a dianteira que lhe levava em annos em ser tão grave e austero quanto o moço era enthusiasta e ardente. Passava por ter estudado nos livros o que o outro só aprendera n'alma, e haver arranjado para seu uso uma especie de grammatica de valentia, cujos preceitos seguia á risca,—fracalhão com verniz de pimponice, que andava sempre de rosario no punho do sabre, e molhava as armas em agua benta, passando por homem mais de bem do que o sobrinho, que era brioso sem o dizer, para ninguem dar por tal.

Chamava-se Ludovico esse fidalgo, que andava de gatinhas pelos degraus do throno, não se atrevendo a trepar lá acima, mas arrastando-se, que é, como sabem, a maneira de lá chegar mais depressa. Homem d'experiencia e de cautela, ia trabalhando para se desfazer do sobrinho sem o matar. Não é porque tivesse repugnancia ao crime, porém medo dos indicios que o denunciam; queria dominar o caracter franco, e facil do moço duque, para o perder, desgostando os milanezes do seu governo, e levando-os a tirarem-lhe a corôa.

N'uma d'aquellas festas cavalheirescas, que se ce-

lebravam em Milão para honrarem victorias de que já hoje ninguem se lembra, o duque viu pela primeira vez uma mulher, que eclypsava totalmente as outras, cercada de uma aureola de formosura como jámais vira resplandecer na sua côrte. Era a filha do vice-rei de Napoles, Isabel de Capua. Pareceu-lhe que a pompa do cortejo scintilava de luz, sentiu-se mais dextro e mais agil, manejou a lança com melhor vigor, chegou a desejar que se lhe offerecesse alguma injustiça da sorte para a remediar, esteve a ponto de ambicionar que tentassem assassinal-o, não para alcançar o triumpho de se defender, mas para ter a satisfação de perdoar.—Amava, que é o que isto significa; bastara-lhe um olhar para adorar Isabel, que não precisara mais tambem senão vêl-o para o amar.

O amor não tem o costume de se ir sentar nos thronos; contenta-se de os merecer. Paixão exclusiva e absorvente, difficilmente se allia aos cuidados e ás luctas do poder; não quer partilhas, e exige imperiosamente os pensamentos todos; se ás vezes até dá idéas, para ter o gosto de as roubar depois!

Não se conhece no alto mundo outra coisa senão o prazer; e, quando uma pessoa pensa, vê logo que é justiça haver o céu concedido a felicidade do amor a favoritos obscuros e cidadãos humildes, como o leitor ou eu, que se é verdade que não temos a arcar com os embaraços da grandeza, tambem não é

menos certo que não disfructamos os encantos do luxo, nem as cocegas orgulhosas do poder. O que não faz nada ao caso para que o amor, que escapa a todas as convenções assim como illude todos os calculos, não se esgueire ás vezes por baixo da purpura e não vá alvoroçar os monarchas—tanto mais a seu contento quanto menos trivial é, que tem que vencer maiores obstaculos, e que menos se acha em harmonia com a opulencia sensual da côrte, os melindres da etiqueta, e o guindado aborrimento dos deveres. Tal foi a paixão que subitamente se apoderou de Cesario, paixão que se tornou profunda assim que nasceu, como se o amor sentisse que não tinha tempo a perder e que era preciso dar-se pressa, se queria occupar aquella existencia inteira.

Não é para admirar paixão tão subita e amor por tal fórma poetico, da parte de um heroe como os sonhava o Tasso, um d'esses caracteres cavalheirescos que é tão raro encontrar na historia, e que os poetas quasi sempre inventam. Mais deve surprehender que o olhar de Isabel ao passo que agitasse as riquezas todas do coração de Cesario e a elegancia de suas prendas, houvesse ao mesmo tempo excitado o lodo de Ludovico e as fezes de infamia que elle escondia por baixo de cilicio. É caso ás vezes para duvidar de Deus, ver palpitar os biltres com as mesmas impressões que os bons, e o mesmo relampago ir alumiando a um tempo em dois altares o incenso da alma... e o fumeiro d'ella.

Ainda que ao amor não se lhe importem titulos nem privilegios, entretanto ás vezes sempre lhe fazem conta. Não o accorda o poderio, mas abrevia as difficuldades que possam empecel-o, e evita as delongas, que ás vezes fortificam os amores, mas de outras os suffocam. Se Cesario não passasse de simples pagem, Isabel havel-o-ia amado da mesma maneira, mas não teria casado com elle. Era duque, ella foi duqueza; dignidade que se fez esperar mais tempo que o amor, porque um principe de Florença a pedira em casamento, e o pae, que lh'a promettêra, não queria faltar á sua palavra—apezar de ter summo gosto n'isso—arranjando um inimigo sem mais nem menos. Ha centos de maneiras de não se cumprir o que se promette, e foi principalmente para as fazer valer que se inventou a diplomacia. Tornou-se, porém, o mysterio em necessidade, e todos nós sabemos que occultar a felicidade é duplical-a.

Com quanto a arte dos embaixadores não estivesse ainda no seu maior grau de perfeição, as negociações do vice-rei parecia que não tinham fim, e figuraram-se por tal feitio interminaveis a Cesario que não houve remedio para curar sua impaciencia senão casarem-se ás escondidas.

E o mais é que apezar de ter sido ás escondidas, ninguem o soube. Coisa singularissima, porque o contrario é que costuma acontecer; é indiscreto o silencio, e, em não se dizendo nada a ninguem já

toda a gente o fica sabendo. O proprio Ludovico se enganou como os mais, e tanto se enganou que Isabel o detestava por elle lhe fazer cada vez mais a côrte. Infelizmente não soube disfarçar o tedio tão bem como o amor, e o homem resolveu o crime ainda antes de saber em quem havia de applical-o.

Roido de ciumes, andou a querer vingar-se sem vêr em quem; já Isabel tinha um filho e ainda elle nem sabia que ella fosse sobrinha sua. Espalhou-se por essa occasião o boato de que Cesario pedira e alcançára a desejada noiva. Foi o mesmo que dar-lhe a idéa de matar dois coelhos de uma cajadada, satisfazendo por um só crime duas ambições. Por um triz que não deu graças a Deus, mas lembrou-lhe que o céo estava com escriptos. Entregou a escolha da hora e do logar para o crime á sua boa estrella, que é a providencia dos tratantes. Dispoz de mais espiões, fez-se elle espião tambem, e principiou todas as noites, com a sua cambada de sicarios, á caça de victima.

Uma noite estava tudo a dormir em Milão, quando Cesario sem outra arma senão a adaga saiu do seu palacio e se dirigiu ao palacio de Isabel. Ia a abrir uma porta falsa n'um muro do jardim, que só elle áquella hora tinha o direito de abrir, quando se sentiu ferido com uma punhalada. Voltou-se para se defender, mas achou-se cercado de inimigos, e eram tantos que havia espadas de mais para um só corpo e entravam umas poucas na mesma

ferida. De repente cravaram-lhe no peito um punhal todo:

—Guarda; disse-lhe uma voz que elle conheceu; isto vem da parte de Ludovico e da mão d'elle!

O moço caiu soltando um grito, que só os culpados ouviram, e não se mecheu mais. Deram-o por morto, e fugiram.

Cesario era de uma força prodigiosa. Haveria morto vinte homens a metade dos golpes que lhe deram; mas, elle, vivia. Ficou por um pouco de tempo estirado, depois n'um esforço supremo ergueu-se. Ao achar-se em pé, andou-lhe a cabeça á roda como se estivesse ébrio; mas queria tornar a vêr a esposa e o filho, e a esperança deu-lhe animo; caminhou. Foi encostando-se ás arvores; via, na alcôva de Isabel, brilhar a lampada por entre as folhas; levou talvez duas horas para dar cem passos, mas chegou até lá; ia com medo de morrer sem a beijar; foi-o sustendo Deus, como que pela mão, até á porta; depois retirou-se a mão, e veiu a morte. Cahiu.

Mas havia tornado a vêr o que alli fôra procurar, e tremeu-lhe nos labios um sorriso d'alegria. A mulher soffrera tanto em quanto o esperára, que reconheceu o moribundo na angustia que a suffocava; olhou elle para ella surrindo-se a modo de dó, como se ella é que estivesse ferida, e contemplou-a ajoelhada no meio do sangue que se espalhava em ondas, conchegando ao peito a fronte do marido

que não palpitava já. Pediu-lhe elle baixinho para vêr o filho, e ella não se atrevia a ír buscal-o ao berço, com medo de não voltar a tempo. Encheu-se de animo, e a creança que estava a dormir não acordou com o beijo do pae. Sentiu elle então que de todo se lhe ía a vida, e murmurou umas palavras confusas em que só se percebia a expressão dos seus receios de pae e o nome do assassino:

—Vinga-me! disse.

Mas teve o amor o seu pensamento ultimo:

—Ai! O que me custa morrer! Desde que tu me amas, queria tanto á vida!

Pendeu-lhe a fronte então e saíu-lhe o sangue pela bocca: expirára.

VI

O duque de Milão

Isabel era mulher de um heroe, e digna d'elle por sua firmeza d'animo. Tinha uma d'aquellas almas que só se defendem do infortunio petrificando-se perante elle. Não desmaiou ao lado do martyr, a italiana; resou. Terminada a prece, enxugou as lagrimas, beijou os olhos fechados do marido, e mandou á pressa chamar o pae que habitava na outra extremidade do palacio. Quando alli appareceu:

—Meu pae, lhe disse, está vendo o duque de Milão, meu senhor e amo, assassinado ainda agora pelo tio. Aqui lhe entrego meu filho, e lh'o confio. Leve-o, esconda-o, queira-lhe bem. A seu tempo m'o restituirá, quando eu houver provado que sou mãe d'elle. Não ha tempo a perder: parta.

Affastou-se o velho levando ao collo o neto or-

phão, que ia dormindo, e que a mãe consagrára, imprimindo-lhe na fronte, no pescoço, e no peito, o signal mysterioso de novo baptismo—uma cruz com sangue.

Assim que elle se foi, convocou ella os criados, gente de tempera leal e affectuosa, que a haviam visto nascer e que á minima palavra quereriam morrer por ella.

—Amigos, disse-lhe, já não teem amo. Morreu, esta noite, assassinado. Só me resta o seu cadaver, que não posso conservar; exige o ceo que me separe d'elle, e que o divorcio seja completo. Não é aqui que deve a justiça vir procurar o seu principe; cumpre-vos conduzil-o ao palacio ducal, n'uma liteira e com o respeito devido aos mortos. Dirão que o encontraram morto junto da porta do jardim; que já estava frio quando o ergueram; mais nada. Escutem o que se disser, examinem o que se passar; de mim não fallem. Mais ninguem deve estar ao facto de tudo sei. Só os quero a vós por confidentes, e a Deus por testimunha. Vão!

Ao ficar só, não se desmentiu por um momento a impassibilidade da sua exasperação, da sua dôr. Estancou pela sua mão com uns poucos de veus o sangue que banhava o sobrado, e arrecadou attentamente essas reliquias no cofre em que guardava as joias; depois, sem um suspiro, sem uma lagrima, foi ajoelhar-se aos pés do leito, e alli passou a noite a resar. Que seria o que pediu ao ceo?

Affastára de si o corpo do marido, receiosa de que o encontrassem em sua casa, e que Ludovico quizesse absolver-se culpando-a. E mal sabia quando lhe mandára o cadaver, que tirava o tio de grandes sustos. O homem fugira com a cambada que o acompanhava, ao grito que soltou Cesario. Mas com medo de que o crime não houvesse sido completo mandára-os uma hora depois para de todo darem cabo d'elle; o cadaver desapparecera. Com a febre do assassinato, Ludovico que tinha commettido a imprudencia de dizer quem era, figurou-se-lhe logo que já estava vendo o cadafalso. Estava em taes apuros de terror, que quando lhe levaram o morto, em vez de accusar, como poderia haver feito, os que lh'o levaram, deu-lhes dinheiro ainda em cima. Rasgo de prodigalidade, que me parece fraca homenagem á virtude. Mergulha-se no crime para pescar grandezas, e depois, assim que uma pessoa está suja, já não sabe com que ha de pagar uma gotta d'agua para se lavar!

Isabel precisava ter grande cautella para comprar a segurança de sua innocencia. Encheu-se d'animo. Ao romper do dia foi ao jardim. Seguira com olhar inquieto toda a estrada dolorosa que o marido andára para chegar até ella. Por toda a parte havia sangue, na areia, na relva, nas flôres, nas arvores a que se encostára. Levou seu tempo a apagar aquelles vestigios da morte, e só depois de elles desapparecerem é que se sentiu em segurança. Poderiam

agora vir procurar alli indicios do assasinato d'essa noite; nenhum signal de similhante coisa. Sorria tudo no jardim; As latadas estavam limpas, verdejavam as folhas, e as abelhas iam chupando as flôres sem risco de que as azas lhes ficassem vermelhas!

Quando os creados voltaram, deram-lhe a noticia de que a côrte estava consternadissima. O que de todos fazia maior arruido com a sua angustia era o tio da victima; já tinham ido umas poucas de deputações offerecer-lhe o sceptro, e elle recusava-o com a maior obstinação, fallando de se metter a frade, e enclausurar-se para todo o sempre n'um convento,

Não fez móssa em Isabel aquelle expediente. A virtude não percebe nada das artes dos trapalhões, mas em a virtude soffrendo e se tornando em odio e querendo ser vingança, por mais que se embrulhem os malvados na obscuridade da hypocrisia, desembrulha-os logo; acode-lhe de improviso a experiencia, vê debaixo dos veus, lê como n'um livro aberto, as rubricas da infamia.

—Ah! murmurava ella; recusa hoje, para ser duque ámanhã; quer que lhe dêem o que não tem animo de alcançar. Reinará! e o povo, que não perde tempo a chorar por ninguem, ficará contente de o ter. Mereceria tel-o annos e annos, mas paciencia: eu é que não sou do povo, e já que os homens parecem mulheres, cumpre ás mulheres mostrarem-se homens!

Dizia isto sosinha á sua alma, horas depois de estar viuva. Quem a ouvisse não duvidaria um instante que sonhava com alguma grande vingança, como só as italianas concebem e executam. Quem, dias depois, a visse, perguntaria pasmado em que se tornára aquella tormenta de ressentimento. Andava de uma serenidade que fazia inveja ás ditosas; nem parecia lembrar-se de Cesario, nem pensar no sucessor d'elle. O que exclusivamente a occupava era saber se o luto lhe ficava bem, se a tez palida do seu rosto brilhava com o preto, se os cabellos loiros lhe resplandeciam com o crepe. Não pensava se não em escolher fazendas, mandar cortar vestidos, e arranjar a libré mais bonita para seus pagens; os mercadores de Milão, e os ourives não se lhe tiravam de casa; passava-se alli o tempo em sessões magnas e discussões importantissimas.

Ludovico acceitou a corôa no dia immediato áquelle em que havia merecido ser enforcado. Celebraram-se depois com grande pompa as exequias de Cesario, e o homem Ludovico tornou-se notavel pela solemnidade da compunção, feliz energia do pranto, e acertada distribuição dos ais. Depois, para dar uma satisfação ás exigencias da lei e divertir o povo, esquartejaram para alli dois pobres homens innocentes a titulo de haverem matado o principe, confiscaram-lhes os bens, e ficou tudo em boa paz. Terminou o luto, cantou-se um *Te-Deum*, e Isabel assistiu—por signal que a sua presença desmentiu

o boato de que houvesse gostado de Cesario, boato que ella desvaneceu cada vez mais, porque logo appareceu na côrte, mais formosa, mais brilhante que nunca, realçando-lhe a bellesa certo charlatanismo de enfeites e de graças a que d'antes não era dada.

As primicias do reinado de Ludovico foram logo más; assim que se apanhou no throno renovou os horrores do imperio romano, que passariam por fabulas se alguns tyrannos da marca d'este não fizessem o favor de dar attestados de verosimilhança á historia. Brincava com o sangue e com o crime, mas conservava por Isabel a mesma especie de paixão que d'antes tinha por ella, e quando a via na côrte desfazia-se em galanterias, que só pareciam brutas por virem d'elle. Era voz geral que só ella seria capaz de domesticar um tigre, que só gostava de se embriagar com vinho em lhe faltando sangue. Mas, fria e *coquette*, Isabel que parecia gostar de homenagens tanto animava uns como outros, repellindo-os todos, que é ás vezes, já ouvi dizer, o meio mais seguro para os attrahir.

O melhor da passagem é que quanto mais Ludovico se ia tornando detestavel, mais a duqueza ia com frequencia á corte; os outros a affastarem-se d'elle cada vez mais, e ella a chegar-se. Era a unica pessoa que ainda achava uns grãositos d'incenso para lhe deitar. Chegára o tyranno áquelle estado; até a lisonja tinha medo de que a tomassem por ironia. Como não pudessem accusar Isabel de amo-

res, suspeitavam-a de ser ambiciosa, e lastimava-se a baixesa a que a levava a vaidade. É dizer, que como era bonita, dava-se-lhe desculpa. Era impossivel advinhar o que se passava na sua alma; respirava o sorrir d'ella o encanto de ser amada; Ludovico fallou de amor, fallou-lhe até de casamento; ella acceitou.

O miseravel resplandecia de jubilo; Isabel empregava para o captivar quanto a arte feminina póde empregar de astucia e de meiguice. Com que sinceridade candida sorriu, quando elle lhe fallou dos ciumes que tivera do sobrinho; o biltre haveria jurado no Evangelho, se acreditasse em tal, que nunca a duquesa amára outro homem senão elle.

Esperava Isabel pelo pae, a quem prevenira; mas o pae não apparecia, e Ludovico tornava-se cada dia de uma impaciencia mais insoffrida. Havia o que quer que fosse de animal feroz n'aquelle amor; precisavam de uma presa qualquer aquelles incendiados sentidos. Jurára a Isabel casar com ella, assignára a promessa, era já sua mulher perante Deus; porque motivo então retardar a felicidade, que havia de pertencer-lhe ámanhã? Esteve a paixão vae não vae a tornal-o eloquente, e a fazer esquecer a fealdade d'aquella alma que se lhe embutíra nas faces; passava-lhe nos olhos um demonio de uma cousa que parecia lagrimas; pedia, supplicava, implorava; Isabel disse-lhe que não, resistiu até levar

ao cumulo aquelle amor phrenetico, que accendêra; por fim, como vencida, concedeu-lhe uma entrevista amorosa. Dormia tudo em Milão, quando o duque, acompanhado apenas por alguns guardas, saiu do seu palacio dirigindo-se ao de Isabel...

VII

Vingança de italiana

Quando se aproximou d'uma das portas do jardim, da qual Isabel lhe havia dado a chave, lembrou-lhe de repente que dois annos antes á mesma hora abrira um homem aquella porta que elle ía abrir; e que, esse homem, assassinára-o elle. Opprimiu-o um terror supersticioso, e esteve quasi a voltar para traz, O orgulho de se considerar amado pela mais formosa mulher da Italia e talvez do mundo, os testemunhos de affecto que recebêra d'ella e os que ainda esperava alcançar, ligou-se-lhe tudo no espirito a dissipar-lhe a nuvem que lhe passára n'alma. Mais do que tudo serviu para lhe desvanecer os escrupulos, uma idéa como as que tinha Nero: firmemente acreditava que Isabel não havia amado Cesario, mas tinha a certesa de que Cesario a amá-

ra, e era um acrescimo de voluptuosidade inesperada possuir a amante no dia anniversario da morte d'elle,—como o outro que diz, nas barbas do seu cadaver! Este sentimento de felicidade, temperado pelo crime, acabou de entontecer o assassino, que despedindo alegremente os sucios que o acompanhavam, recommendando-lhes todavia não fossem para muito longe, abriu a porta e penetrou no jardim.

—Por aqui, por aqui, meu senhor, sirva-se Vossa Altesa de me acompanhar! disse-lhe em voz baixa uma aia que estava á porta esperando.

Ou por surpresa ou por desconfiança, o homem hesitou por instantes. Não ha maiores medrosos do que estes bregeiros que engordam com a ruindade; tão familiares são com o crime que em toda a parte o vêem, teem até medo da sombra. A voz da aia sobresaltou-o como um presagio; depois, como lhe succedêra á entrada, venceu-o a paixão e seguiu a camareira que o ía chamando. Á claridade d'um archote que ella levava metteram-se por uma ruella sombria do jardim e passados instantes estavam no palacio. O palacio estava pouco illuminado.

—Sou eu! disse a aia.

Abriu-se a porta. Entraram.

—Que tarde que vem Vossa Alteza! disse graciosamente Isabel, que elle mal divisou na penumbra que reinava na sala. Cuidei que se tinha esquecido de mim! É tarde; devo estar com os olhos ver-

melhos. Bem sei que esta côr lhe agrada, mas não a quero nas palpebras. Mande que nos dêem vinho d'Asti, Margarida, e previna-nos em estando a mesa posta. Vossa Alteza conhece perfeitamente o preceito *Sine Baccho*... Não me fica bem dizer-lhe isto, mas já que esqueço os meus deveres, é justo que invoque outros deuses!

—Feiticeira! exclamou o seductor, bebendo de um trago um copo de vinho d'Asti.

—Á prosperidade de Vossa Alteza! respondeu Isabel, tocando levemente o copo; e, feiticeira ou não, podesse eu enlaçal-o a ponto de que nunca mais d'aqui sahisse!

Assim brincaram de ditos durante instantes, um com a brutal elegancia de carrasco que se faz janota, a outra mesclando a reserva á tentação, receita que o diabo ensinou aos anjos.

—Não acha, disse o duque, interrompendo-a no meio de mil protestos; que faz immenso frio n'esta sala?

—Acho, sim. Estive a tremer todo o dia como no pino do inverno, e bem vê que estou embrulhada de tal feitio n'esta capa que nem póde adivinhar como estou vestida, e mais trago hoje um vestuario que de proposito escolhi para lhe agradar.

—Não sei se é a commoção que me gélla no meio do incendio que me consomme, replicou o principe, mas o certo é que não se me dava de apanhar agora o calorsinho de um brazeiro!

—Tambem ha. Já vae ver que não ha de ter frio. Dê-me licença que vá dar ordens. Estamos aqui enterrados n'uma escuridão sepulchral. Parece que estamos n'um tumulo. Do seu amor, talvez!

—Isabel, disse o duque evidentemente inquieto, levando a mão á adaga, se me atraiçoasse!...

—Nunca faltei ao que prometti, bem está tendo a prova; retrucou Isabel erguendo-se.

Depois, correu os reposteiros, e o quarto innundou-se n'um diluvio de luz.

Fecharam-se os olhos de Ludovico, estonteado com aquella illuminação subita. Ao abril-os, viu a poucos passos de si Isabel, em traje de viuva, pallida como um espectro, e com um punhal no cinto. A sala em que estava era a nave d'uma capella toda coberta de preto. Apanhado como uma creança, livido de terror e de raiva, quiz o duque erguer-se para se vingar; mas a esse tempo já estavam mais de duas pessoas na egreja. Reteve-o o punho de ferro de quatro homens, que estavam por traz d'elle. Ficou pregado ao seu logar, espumando de furor e de pasmo. Estava a olhar e não via. Mechia os beiços sem dizer nada. Os cabellos das barbas levantavam-se-lhe e abaixavam a cada movimento convulso das faces, como se lhe inchasse a pelle para os deitar fóra. Falta aquella cara á galeria do Dante!

—Já vossa alteza não tem frio? disse-lhe Isabel n'um tom de amarga ironia. Veja que o não enganei: queria um braseiro—tem-o no corpo!

—Maldito seja Deus! gritou elle.

—Aqui não se blasphema. Ponham-lhe mordaça.

Os olhos do prisioneiro não cabiam nas orbitas; saía-lhe a alma pelos poros.

—Sente fogo nas veias, agora, não é assim? Atem-o com cordas, para não se poder mecher. O mover-se podia aquecel-o ainda mais. Desculpe tantas precauções; é-me cara a saude de Vossa Alteza; preciso que viva uma hora para me vêr livre de todo o meu odio e desenxovalhar-me do seu amor! Fiquem, deixem-se ficar todos até que esteja morto ou quasi. Em eu me calando, atirem com elle para onde se deitam as immundicies; o cemiterio d'elle deve ser o monturo!

Era um espectaculo singular, ouvir aquella formosissima mulher opprimir o inimigo com todas as pompas do estylo popular. Na lingua da côrte não havia termos bastante maledicos para a justiça que lhe cabia; servia melhor para os insultos o idioma das ruas; queria antes afogar o moribundo no lôdo, revolvel-o n'elle.

—Os malvados teem fraca memoria, retorquiu ella, e só assim se explica que esquecesse quem eu sou e em que dia do anno estamos hoje! Estava-te em divida de uma ceremonia pela da tua coroação, a que me fizeste assistir; paguei-t'a. Dou-te uma missa de defunctos por um *Te-Deum*, que os *De profundi* te sirvam de *Magnificat*. Julgaste que eu era amante de teu sobrinho: era sua mulher; era

a mãe de seu filho. E ainda que fosse a ultima das concubinas, desgraçada que fizesse vida da belleza, como podias presumir que depois de haver recebido os beijos de um anjo iria vender os meus a uns beiços, que gotejam sangue e se lavam com vinho! Ha muito tempo que te estou esperando aqui, n'esta sala em que morreu meu marido. Consagra-se capella esta noite. Está o inferno a arder-te nas entranhas, não é assim? Tirem-lhe a mordaça. O furor em que está póde abreviar-lhe a morte. Já não ha perigo de que grite, e quero que me oiça bem. Cautela, que não morra ainda. Por extensa que seja a tua agonia, miseravel, será sempre curta para mim. Se a tortura durasse um anno, ainda não egualava a minha, viuva de um homem que adorava e cujo ultimo suspiro foi um grito d'amor; que me privei dois annos de beijar meu filho para me conservar fiel a uma sombra; que me condemnei a parecer alegre e feliz, quando a alma me gemia no peito; obrigada a calcar no coração o pranto que podia cançar-me os olhos, e roubar-me a formosura com que te envenenava; reduzida a requestar essa fealdade odiosa, e a surrir-me para ti, para ti; prometter-te uma entrevista, prostituir-me na tua idéa, assim que vi que fazias tantos crimes que mais dia menos dia me roubariam a tua morte. Não m'a roubaram, louvado Deus; e não tarda, apesar de que ainda respiras. Ahi vem os padres. Vae principiar o officio. Para ti não ha oração. Levem o cadaver d'este

animal corrupto. Está sujando a egreja. Tirem-o d'aqui!

O officio divino principiou no quarto em que Cesario morrera, á hora exacta em que elle dissera: «Vinga-me.» A viuva cumprira a promessa. No fim da ceremonia consagrou-se ao Senhor e tomou o veo das freiras da misericordia, para alcançar de Deus o perdão que não concedera ao culpado. O filho foi aclamado herdeiro legitimo do ducado de Milão. Parece que Isabel morreu de vinte e quatro annos, formosa ainda mas com os symptomas todos de uma velhice precoce. Lá se mostra em Milão, o tumulo d'ella ao lado do do marido; tem por inscripção este versiculo do psalmista:

Sustinuit anima mea in verbo ejus

VIII

No lago di Como

Estava um portuguez no *Albergo d'Italia*, hospedaria situada nas margens do lago di Como. Os portuguezes viajam pouco, mas ás vezes lá lhes acontece isso—quando não póde deixar de ser. Este, que vae ser nosso heroe, fôra parar a Italia porque os medicos lh'o haviam receitado.

Quando se apeou do omnibus que conduz de Cammarlata a Como, a luz da lanterna que o dono da locanda tinha nas mãos allumiou um bonito moço de vinte e oito annos, moreno, grave, sorrindo para que o dispensassem de fallar, como convém a todo o doente que viaja a sua tisica elegante.

A poeira da manta em que vinha embrulhado cercou-o, illuminando-se, de uma nuvem doirada, quand[illegible] ibus.

Pediu em italiano que lhe dessem de cear e um quarto. Comeu pouco, tirou um album do sacco de noite, poz o castiçal em cima de uma mesa encostada a uma porta, que dava para outro quarto, e poz-se a escrever. Ainda não havia traçado uma linha quando a luz se apagou.

Ergueu a cabeça, notou com grave surpresa que não havia sitio na alcova por onde corresse ar, e sem fazer mais reparo, acendeu de novo a luz e continuou a escrever.

Antes, porém, de haver escripto seis palavras, repetiu-se a mesma circumstancia. Pareceu-lhe sentir um assopro passar-lhe pela testa, inclinada sobre o album. Poz-se em pé, meio enraivecido, meio receioso, e exclamou em voz alta:

—Que diabo ha n'este quarto?

Do outro lado da porta respondeu-lhe uma d'essas gargalhadas crystalinas que só podem sair de um seio juvenil e de uma bocca fresca.

O moço, que andava a passear agitado pela alcova, parou e respondeu:

—Não me entreteem brincadeiras. Estou no meu quarto, e não percebo a graça de me apagar a luz pelo buraco da fechadura!

—Porque a luz não me deixa dormir.

Era voz de mulher.

—Peço-lhe perdão, minha senhora, mas não posso tirar d'aqui esta mesa que é muito pesada.

—Mais difficil me é a mim arredar a cama!

O moço fez-se córado. Dormia a seu lado uma mulher, talvez bonita, e original com certeza. Não pôde reprimir um movimento de curiosidade, e espreitou pela fechadura que dera passagem ao sopro, de cuja frescura se estava agora lembrando.

Completa escuridão no quarto da visinha.

—Se alguem ouvisse a nossa conversação havia de a achar curiosa! disse o moço.

—Não tenha receio, a hospedaria está deserta.

—Ningem nos ouve? Melhor. Vamos a ser ambos condescendentes. Não accendo luz, mas hade consentir que continuemos a conversar.

—Não digo que não; agora passou-me o somno.

—Sempre lhe quero dizer que vou passar uma noite muito mais poetica do que eu esperava!

—Especie de noite de baile de mascaras!

—Muito melhor porque estamos sós e ha unicamente uma porta que nos separa!

—Ouça, respondeu a visinha n'um tom de voz mais firme; ha uma coisa entre nós que lhe cumpre respeitar ainda mais do que esta porta—a minha vontade e a confiança que me levou a fallar-lhe.

—Honra-me immenso essa confiança, mas não sei o que m'a pôde merecer.

—Conheço-o.

—A mim?

—Vi-o ainda agora, quando se apeou.

—Como me chamo eu?

—D. Pedro.

Gesto de surpreza profundissima do mancebo.

—Encontrei-o uma noite em Millão em casa da princeza de Beljiojoso. Veio doente da sua terra, esteve a divertir-se em Florença, vem melancolisar-se a Como...

—E vou talvez morrer em Napoles, retrucou o moço, sorrindo tristemente. Bem sabe o proverbio: *Veder Napoli e puoi...*

—*E puoi amare e ringrazziar Dio!* respondeu ella.

Assim principiou aquella conversação inesperada, verdadeira saude para o doente. A voz da italiana era uma musica que por si só bastaria para lhe fazer passar as horas como instantes do céo. Fallaram de quanto lhes lembrou, borboletearam de assumpto em assumpto, como se conversassem n'um baile. A graça d'ella em que por vezes brilhava a chamma do enthusiasmo, parecia, ao nosso compatricio, adoravel a mais não poder ser. Sentiu-se logo capaz de apostar em como era bonita; o que não iria jurar é que não fosse por ali alguma aventureira que désse com uma pessoa n'um perigo qualquer ao dar-lhe a mão. Boas noites!

No seu caso era acceitar as distracções todas que se lhe offerecessem, e até principiar logo a ter pena com a idéa de separar-se no dia seguinte de tão singular companheira.

—Agradecer a Deus, disse elle «—*ringrazziar Dio*»—está feito já. Não allumiou elle por interven-

ção sua esta noite, que eu destinara para escrever tristemente? Espalhou um dos eccos mais suaves da minha existencia nas paredes devastadas d'esta hospedaria. Mas ámanhã, quando me houver fugido, e eu estender os braços para uma visão que nem sequer avistei, hei de accusal-o, bem vê, e leva-me a praticar essa impiedade!

Ella respondeu n'um tom que indicava irem passando as palavras por entre dois labios abertos n'um sorriso:

—Não brinque com isso, nem se finja namorado de repente. Conheço-o, encontrei-o em Milão, em casa da condessa Pepoli. É portuguez, vem recommendado á princeza de Beljiojoso, está doente, e anda triste. Juro-lhe que não tive idéa alguma de que pudesse succeder nada d'isto, quando commetti aquelle innocente crime de lhe apagar a luz. A luz incommodava-me, assoprei-a,—mais nada. A esta hora estão apagadas as lampadas em redor de todas as *madonas*. Boas noites!

—Não creio que esteja fallando serio. Afugenta-me o somno das palpebras como o vento espalha uma nuvem, e bem deve sentir que me seria impossivel agora adormecer. Em quanto a si, sem vaidade o digo, persuado-me que tambem não poderá cerrar os olhos. Principiou a ser-me deliciosamente importuna, e eu continuarei a perseguil-a com perguntas. É o castigo de me haver dirigido a palavra. Antes de tudo—para onde é que vae?

—A nenhures.

—Condemna-me, visto isso, eternamente ao *Albergo d'Italia?*

—A pergunta é vivaz de mais...

—Oh! Responda-me. Não ha de ser esta a ultima que lhe eu faça!

—Chamo-me Serena.

—Lindissimo nome! nome que sobe ao céo, ás estrellas, e á lua. E então agora que reune a todas as prendas um similhante nome, ainda julga que poderei dispensar-me de a adorar?

—Vamos nós, retrucou a dama, está-me parecendo que me dirige systematicamente essas perguntas todas para me cançar. Mais vale que me diga quanto antes o seu projecto.

—E se m'o não perdoasse?

—Diga lá sempre, e depois veremos.

—Pois ahi vae: o meu projecto é chegar-me para mais perto de si, agora mesmo.

—D. Pedro, respondeu ella impressionada, se não sou patricia de nascimento, deve todavia ver que possuo a linguagem e os instinctos d'essa raça. Não suppunha, quando já estava a accusar-me a mim propria de tão singular indiscrição, que um cavalheiro, como é D. Pedro, m'a pagasse com uma injuria!

—Não se equivoque com as minhas intenções, por Deus lhe peço. Não passava isto de uma esperança modesta e respeitosa...

—Que esperança? redarguiu ella com altivez.

—De a convencer que d'aqui a uma hora já será dia, e que conversariamos melhor n'uma carruagem, que eu tomei para dar um passeio pelas margens do lago até Collico. Limitava-se toda a minha ambição a que me entrasse pelos olhos, o que já me entrou pelos ouvidos! Note bem que me havia dito que não tinha escolhido aonde ir, e que se não ha no mundo mais encantador logar do que o lago di Como, tambem não ha passeio mais agradavel do que quando se olha ainda mais para dentro da carruagem de que para o que se avista pelo postigo! Digo-lhe isto, para que dê desculpa ao que lhe pareceu tão temerario na esperança que manifestei. Agora se estou sentindo que principio a amal-a, bem conheço tambem que é muito nobre e muito digna para que eu a respeite até onde quizer condemnar-me a isso,—e está resolvida a comdemnar-me por ahi além, já percebi!

—Póde excellentemente terminar por uma extravagancia, o que começou por outra. Acceito, mas com duas condições: accrescentou ella depois de uma pausa.

—Escusa de dizer-me as condições, assigno em branco!

—A primeira condição é que iremos no vapor e não na sege!

—Pois iremos no vapor, mas é uma semsaboria esperar até ás duas horas, e só ás duas horas parte o vapor!

—Bem, vamos n'um bote; n'um bote com quatro homens a remos.

—Dois homens, para o caso, fazem o mesmo effeito;—duas testemunhas incommodam tanto como quatro, e tomam menos campo no barco; mas, sejam quatro!

—A segunda condição...

—A segunda condição?

—É que vamos almoçar a Collico, e voltêmos logo.

D. Pedro fez uma grande cortezia á porta, e respondeu reverentemente:

—Está dito. E quando vamos?

—Vamos já. Principia a romper a manhã. São horas de partir. Estou á sua espera, ande!

D. Pedro deixou o sacco na alcova, e levou apenas comsigo o album e o chaile manta. Observou que lhe tiniam umas libras na algibeira, e saiu.

Estava o corredor completamente ás escuras; deu uns passos aos trambulhões, e ao passar a mão pela parede encontrou outra mão, macia e delicada, e roçou por um vestido de seda. Sentiu-se capaz de jurar em como a mão era alvissima, e que o vestido desenhava um corpo elegante e airoso. Serena deu-lhe o braço, e foi-o guiando com o melhor desembaraço pela escada abaixo.

Estava tudo a dormir na hospedaria. Abriram uma das portas e acharam-se na rua. Não se ouvia

o menor ruido. Iam apenas passando uns gatos a correr pelos lagedos, e a lamberem as portas da *tratoria*, em que ainda havia uns longes do cheiro do *macarroni* e dos fritos.

IX

O lago

Como é o eden da Lombardia; sitio de uma formosura especial pela gentileza das paizagens, pela posição originalissima em que se acha, pelo encanto do lago e das montanhas, e por aquellas solidões melancholicas que teem sido theatro de tantos combates, de tantos crimes, e de tantos amores. Ha uma graça particular de interesse classico e de belleza pittoresca n'este sitio romantico, que foi outr'ora o retiro predilecto de Plinio, e para onde, no nosso tempo, vão, com frequencia, os musicos celebres compôr as suas operas. É uma cidadesinha pequenita que vive á beira de um lago e aos pés de um monte. O lago estende-se por entre montanhas escarpadas, coroadas de ruinas e collinas, que parece que cairam alli da varinha de condão de alguma

fada. A terra em si é triste, de ruas estreitas, egrejas velhas, e palacios arruinados. Ha por lá umas lojinhas escuras e umas casinholas de grutesca architectura, que me enfastiaram sensivelmente certa manhã em que o vento não me deixou ir passear ao lago, e em que, para entreter o tempo até á hora da partida do comboio que regressava a Milão, tive de ir para uma egrejinha ouvir um padre que estava prégando a respeito dos magos n'um italiano que me tinha ares de excellente.

Os namorados e os amantes adoram Como; é um sitio para amores; só se ouve alli o ecco dulcissimo do suspirar ditoso de quem se ama, o som mavioso de alguma ondulante barcarolla, o murmurio dos beijos, e a cumplice palpitação do lago; está a sorrir-se o ceo, verdejam as collinas, as ondas... *falam italiano!*

Resplandecia tudo nos primeiros clarões da aurora quando elles partiram; corria a noite os reposteiros e patenteava em toda a magnificencia aquelles divinos horisontes. Foram avistando as aldeolas alcandoradas como ninhos na encosta dos montes; o casalinho da famosa bailarina Taglioni; mais adiante, á beira mesmo do lago, a *villa* da celebre cantora Pasta; depois a cascata de Nesso; e aquelle sorriso do lago, que se chama Bellagio...

Á proporção que se corriam os cortinados da noite, iam-se descobrindo horisontes magnificos; erguiam-se os rebanhos cabeça por cabeça sobre a rel-

va em que haviam dormido; pelas margens do lago passava uma ou outra carruagem; já appareciam nos eirados das casas de campo algumas donzellinhas madrugadoras a pentearem os cabellos côr de oiro ou de ebano; ia tudo harmoniosamente a perfilar-se na perspectiva, ao nascer do sol...

A luz é mais que tudo a belleza. Nem era para as paizagens que D. Pedro olhava—era para Serena. De principio foi uma apparição vaga; adivinhoulhe os encantos pelo perfume que se lhe exhalava das roupas, e porque o coração lhe estremecia de cada vez que um solavanco do bote o encostava a ella; depois, como ao clarão de uma lampada que estivesse distante, avistou uma fronte alva e pallida, moldurada em bastas tranças de cabellos negros, olhos soberbos que allumiavam tudo com uma claridade oriental, e o collo, e os braços, e a figura, que egualavam nos mais leves movimentos a graça das roseiras que a brisa baloiça.

Sentiu-se o moço como deslumbrado com aquella perfeição inesperada, e chegou a cuidar que era uma creatura ephemera, uma phantasia que o logar e a hora excitavam. Cerrou as palpebras para a achar outra vez. Ao abril-as, ia já correndo o sol por cima de Serena, e innundando-a de explendor. Era caso de não se saber se o sol a ella lhe dava mais raios que ás outras, ou se era ella que os duplicava com o reflectil-os, como acontece aos diamantes!

Percebeu ella que a surpresa de D. Pedro era extasi, mas por não ser vaidosa da sua formosura queria agradar por outros titulos.

—Já fazia idéa de ficar admirado; pasmado de extasi, não. Consinta que lhe diga que ainda não vi nada no mundo antes de si!

—Se principia a glosar assim sobre esse mote desde o romper da aurora, vamos ter um dia muito comprido e seccante!

—Olhe, o que eu sei dizer-lhe, é que sou o viajante mais feliz da terra, mas que estou persuadido que era coisa combinada encontral-a eu esta noite em Como. Todo este caso é tão singular...

—Dou-lhe um juramento de que entrei sem premeditação n'aquella hospedaria; agora o que não nego, é que o cavalheiro está-me obsequiando sem querer...

—Se não me arrisca a morrer senão quando me houver deixado, dou graças a Deus de tudo quanto me aconteça!

Chegavam a Collico. Á porta da hospedaria estavam umas poucas de carruagens. Acabava de partir um rancho a passeio. Serena perguntou a um dos cocheiros:

—É a familia Sorbelli?

—Sim, *excellencia*, respondeu o cocheiro depois de haver feito reparo n'ella.

—Quantas pessoas são?

—Veem tambem os Ottavi e o conde de Najo. Foram por ahi fóra mais de vinte!

—Voltam a almoçar aqui?

—Não sei, minha senhora.

D. Pedro a este tempo tinha ido escolher dois cavallos.

—Foi o D. Pedro quem escolheu estes cavallos?

—Fui.

—Devéras?

E largou a rir, a rir; o moço estava espantado de tantas gargalhadas, mas como se sentia n'ellas mais contentamento do que ironia, não fez maior reparo. Montaram a cavallo e partiram.

A conversa ia n'um declive mais arriscado do que o da estrada que tomaram. D. Pedro mostrou-se perdido de amores. A italiana com a sua peregrina belleza, e um tom de familiaridade suavissima entonteceu-o cada vez mais. Por saber conservar-se impassivel, ainda mais o enleava. Não a dominava um instincto de coquetismo e de vaidade; bem se lhe via no rosto que obedecia a um bom sentimento.

O dia estava limpido e ameno. Os Alpes brilhavam ao longe como escapando das mãos dos Ciclopes, e os campos confundiam-se com o azul do ceo.

A cavalgada que precedera D. Pedro e Serena atroava a estrada com descantes, movimento e ruido. Serena foi de parecer que não se chegassem ao rancho, e que voltassem para Collico. A este tempo já os cavalleiros a haviam visto, porque pararam, e estiveram falando com vivacidade apontando para ella. D. Pedro não deu por nada d'isto.

—Voltemos! disse Serena.

Voltaram. O caminho até Collico pareceu mais rapido ainda ao moço. Os cavallos metteram a trote, depois a passo. Então com a meiguice especial da felicidade do amor:

—E queria morrer! disse ella, estendendo-lhe a mão.

Elle estremeceu, fez-se córado, empallideceu, e beijou-lhe a mão sem responder.

—É sempre assim! disse ella. Na flor da vida, podendo ser util á patria, passando ás vezes ao lado da fortuna sem dar por ella, não fazendo caso de quem lhe quer d'alma, borboleteando na vida, imaginando grandes desventuras, e esquecendo tudo com o primeiro sorriso de uma estrangeira!

D. Pedro balbuciou vagamente:

—Morrer... porque não a conhecia!

—E pelo facto de havermos estado horas debaixo do mesmo telhado, de me conhecer menos do que de certo conhecia as senhoras a quem tem feito a côrte, e de se namorar de mim sem saber se sou boa ou má, prende-se agora á vida e pede a Deus que lh'a prolongue?

—Peço; quero viver—quando não seja para outra coisa, para ter saudades!

—Para que escreveu a noite passada, no seu album, esta simples linha que eu commetti a indiscripção de ler pelo buraco da fechadura, linha que me

fez tentar o acaso e a mercê de Deus, «Ámanhã irei pôr fim aos meus dias no lago de Como.»

—Não posso pedir-lhe perdão do passado, Serena! respondeu D. Pedro.

Chegaram de novo a Collico, que resplandecia de luz. Os montes que fecham o lago e descem até á praia desenhando-se em collinas ondejantes, os castanheiros e as oliveiras da encosta, os rebanhos, os casalinhos, os botes que iam no lago, a neve eterna dos Alpes que alvejava ao longe, davam ao quadro toda a feição admiravel d'aquella natureza caprichosa!

Apearam-se á porta da hospedaria.

—Vamos almoçar muito bem! disse Serena toda risonha.

—Vamos almoçar seja o que fôr com truffas, retrucou D. Pedro rindo; as truffas d'estes montes teem grande nomeada e até Santo Ambrosio fala d'ellas n'uma epistola a outro bispo de Como.

—Está-lhe a saltar uma citação latina...

—É verdade que está, e sempre lha digo para me ver livre d'ella e almoçar melhor: *Misisti mihi tubera*...

—Não dê escandalo n'estes sitios, pelo amor de Deus! Dizer latim no lago de Como! Não tem vergonha?

—Não acabo a citação, visto isso, e vou dar a guardar os cavallos.

Emquanto D. Pedro se ausentou, chegou a Colli-

co a cavalgada que haviam encontrado na estrada. Um dos do rancho, ao ver Serena, fez um gesto exasperado, e, travando-lhe do braço, obrigou-a a entrar para uma carruagem, exclamando:

—Não soffrerei nunca que a princeza Calandrini, minha prima, se desconceitue d'esta forma!

Quando D. Pedro voltou, a carruagem partia; não teve tempo de alcançal-a, mas pareceu-lhe que Serena lhe dava um sorriso que valia por uma promessa...

X

Como casou em Milão um portuguez

Ás oito horas da noite, n'esse mesmo dia chegava D. Pedro a Milão e informava-se aonde morava a princeza Calandrini. O palacio d'ella era n'uma travessa que cortava a *Via Monte di Pietá*. Dirigiu-se alli mais triste do que irado com a aventura de Como. Precisava ter ainda uma explicação com Serena; e depois que remedio senão viver de saudades —como lhe havia promettido!

O palacio Calandrini erguia-se na sombra grave e triste; pareceu-lhe ao moço impossivel, que tanta vivacidade e graça morassem n'aquelle sepulcho silencioso. Os lacaios passeavam á porta; D. Pedro não desejava expôr-se a ser despedido pelos criados da mulher com quem passara umas poucas de horas de tão doce intimidade. Em tres janellas do

primeiro andar havia luz; ouvia-se um piano. Amofinava-se D. Pedro em pensar que Serena se distrahisse com tanta facilidade de uma preoccupação que tambem para ella devia de ser cruel, quando de repente, como se apezar da musica estivesse de ouvido attento ao minimo rumor de passos na calçada, appareceu Serena á janella, olhou, fez um acceno, e deu ordem a um criado de mandar entrar D. Pedro.

Era o salão espaçoso e frio. A mobilia revelava que elle havia sido feito para as gerações anteriores e não para a graciosissima creatura a quem coubera em herança. Uns cupidinhos que estavam a sorrir-se nos frescos das paredes, sorriam-se para as galantarias de outro seculo — os *monsignori* e as aspirações ardentes e castas de Serena.

— Esperava-o! disse-lhe ella. Não podemos ficar-nos no desenlace burlesco do nosso passeio no lago. De mais a mais, tenho que lhe agradecer: vae tudo o melhor possivel!

— Serve-me de consolação — e não a ha mais doce para a crueldade do meu destino, — a felicidade que possa ter, princeza!

— Nunca mais me trate pelo meu titulo, retorquiu ella. Chega a parecer-me que sou minha avó, quando ouço isso. Chame-me Serena, como esta manhã no lago!

— É que esta manhã continuava ainda o sonho da noite, que fugiu agora!

—Não lhe pedi que subisse para me entristecer! Se lhe digo que tudo vae bem, deve crer-me. Quer ouvir o que tenho a dizer-lhe? E até preciso que ouça, ou queira ou não, porque devo parecer-lhe uma cabeça no ar, e todavia a minha combinação correu que foi maravilha! Em primeiro logar. apezar de ter já viajado muito, o D. Pedro não percebeu ainda bem talvez o fundo da aristocracia italiana. A vida de qualquer princeza, em casando por conveniencia, é passar trinta annos mettida n'um palacio bisonho como este, possuir uma fortuna petulante no centro de uma população pobrissima, ter camarote no Scala e um SIGISBEU que nos faz a côrte durante tantas estações que chega a ser tão fastidioso como o marido, caminhar na vida como as gerações que dormem nos cemiterios, e não deixar de si outra memoria senão um retrato que ha de vir a servir de riso como esses figurões que estão ahi pelas paredes; ahi está o bem que me esperava se casasse com o marquez de Santa Lucia—aquelle, que esta manhã me trouxe de Collico!

—O marquez de Santa Lucia!

—Era coisa que estava a metter-me medo—casar assim! Não quero enganar, e não gosto do marquez. Sou da familia Calandrini; em resultado de uma demanda que prosegue secularmente entre os Calandrini e os Santa Lucia, empobrecendo ora uns ora outros, toca a sua vez aos Santa Lucia de estarem pobres: um casamento com uma Calándrini ter-

minava tudo,—mas não tenho genio para fazer essa obra de misericordia. Hontem, exasperada, saí de Milão; lembrou-me o lago di Como, e fui para lá. Tomei interesse por si; a circumstancia de me apresentar comsigo em publico desfazia o meu casamento; era o que eu queria! Tinha ouvido fallar a seu respeito em Milão. Sabia que era incapaz de me comprometter senão... até onde fosse necessario. Agora passa já por meu amante—o que não me importa, porque bem sabe a verdade, e a minha consciencia sabe-a tambem. O marquez esta manhã, trazendo-me de Collico a titulo de ser sua parente e de dever obstar ao meu descredito, declarou-me que estava tudo terminado entre nós!

—Está livre, disse D. Pedro. E eu escuso explicar-lhe que a adoro; seducção da belleza, do acaso, ou da mão que se entende a quem soffre, o certo é que de uma entrevista fugitiva fez um horisonte fóra do qual já não vejo nada. Sou nobre, e não seria para estranhar que lhe pedisse licença de consagrar-lhe a minha vida...

—Deixemos ao tempo o cuidado de nos fazer pensar n'uma resolução tal, D. Pedro!

—Não lhe dê cuidado; é impossivel!

—Ah! respondeu Serena como que inquieta; impossivel da parte de quem?

—De ambos nós!

—Não entendo.

—Suppondo mesmo que um dia me desse um

poucoxinho de sympathia em troca da adoração que eu lhe dou, seria indigno da princeza Calandrini acceitar o amor de um homem que não pudesse declaral-o publicamente. O homem que a princeza elevou até si, deve dar-lhe o seu nome.

—E que é que não lh'o deixa dar... se ella consentir? É casado?

—Não sou; mas, ainda que eu endoideça de pena de a perder, a differença, de fortuna entre nós é uma difficuldade invencivel!

—D. Pedro, disse Serena que ficou morrendo por aquella franqueza; que havia eu de fazer se o amasse? Não poderia gastar n'um mez a minha fortuna, para o merecer!

Mas estava commovida; acreditava no amor d'aquelle moço que tão lealmente lhe provava ser ella, fóra dos seus haveres e do seu titulo, ella só que adorava. A recusa de D. Pedro advogava-lhe melhor a causa, do que toda a poesia que elle pudesse fazer.

De repente tomou uma resolução, e chamou um criado:

—Quantas vezes tem vindo já esta noite o marquez de Santa Lucia bater á porta?

—Tres vezes.

—Já se foi ha muito tempo?

—Está ainda na escada.

—Chame-o, e faça-o entrar.

O criado voltou costas.

—Não se inquiete. Não vem para reclamar a minha mão; vem para me injuriar, na qualidade de parente. Jura-me então que está bem certo de que me ama?

—Com que palavras lh'o hei de eu persuadir, Serena! Mas para que estamos nós a dar esperança ao que não pode ser?

—Porque sigo a inspiração da minha alma, porque creio que sou amada, porque lhe offereço a minha vida!

Ia a correr para lhe beijar as mãos, quando ella por um gesto lhe mostrou o marquez.

O marquez de Santa Lucia era um homem de quarenta annos, gordo e pesado. Curvou-se todo diante da princeza, e disse depois olhando para D. Pedro com ares orgulhosos:

—Minha prima, ha de conceder-me licença de que eu dê parabens a mim proprio pela fortuna de encontrar aqui este senhor. Tenho corrido as hospedarias á sua procura: creio que não mora em parte alguma!

—Eu já fazia tenção de pedir-lhe uma entrevista, que terá logar ámanhã...

—Perdão, disse Serena; persuado-me que nenhum dos senhores deve nada ao outro, e que, se assim é, não podem ter que ajustar contas. Com que direito se indignou o primo esta manhã por o senhor D. Pedro me acompanhar a Collico?

—A minha posição relativamente á prima era bastante notoria para...

—Mas já não existe...

—Certamente que não.

E, voltando-se para D. Pedro:

—Por que motivo tambem se formalisou o cavalheiro, ao ver que meu primo me acompanhava a casa?

—Mas, minha senhora, balbuciou o moço sem saber o que havia de dizer.

—Não poderia achar exorbitantes aquelles modos a que o parentesco dá direito, senão sendo meu amante... Creio que não o era?

—Minha senhora...

—Ou meu marido.

—Serena!

—Mas não o era ainda, e só d'aqui a oito dias é que o ha de ser. Marquez, aqui lhe apresento este cavalheiro portuguez, que vae ser seu primo. Acabaram-se as questões entre ambos! Entre mim e o marquez é que ainda resta um negocio grave; vamos a acabar com isto. Dura esta demanda ha cento e cincoenta annos, e já tem gasto dez gerações de procuradores. Dê cá uma penna, primo.

E escreveu, lendo em voz alta: «Eu abaixo assignada, princeza Serena Calandrini, declaro renunciar aos direitos que me assistem á herança de meu tio o cardeal Ottavi»

D. Pedro ajoelhou diante d'ella:

—Obrigado! exclamou, mas é-me impossivel acceitar!

—Então o amor não faz a gente mais rica do que o dinheiro? respondeu-lhe ella a meia voz.

Depois, em voz alta:

—Creio que basta isto, primo?

O pasmo e a avareza jogavam as bulhas no animo do marquez; todavia, pareceu-lhe dever dizer:

—Olhe a prima que não calculou bem, porque nos termos da sua renuncia nem mesmo este palacio lhe compete!

—Assim mesmo é que é, respondeu Serena, dando o braço a D. Pedro.—D. Pedro, voltemos para o lago di Como!...

XI

Durante a guerra

Não ha precisão de dizer-lhes em que cidade de Italia se passou o caso; foi n'uma das que estavam em poder dos austriacos; que mais querem? Tambem quasi que não podem os personagens levar nome: o que lhes vou contar passou-se agora...

O major d'artilheria Dibtern tinha casado havia tempo com Giovanna, estando então em Veneza. A familia de Giovanna nunca mais quiz ouvir fallar d'ella. Só quem ultimamente tenha estado em Veneza póde avaliar bem a aversão que reinava alli entre os italianos e os austriacos; não podiam ver-se, não podiam comer na mesma casa, nem beber no mesmo botequim, nem passear do mesmo lado na praça de São Marcos. Em quanto a musica austriaca tocava no passeio publico, a nobresa italiana estava

escondida nos cafés e só lá apparecia depois da musica terminar, para não sanccionar a festa com a sua presença. O unico ponto em que Giovanna não mostrava grande attenção para com o major, era em ser formosa de mais para os cabellos grisalhos d'elle, mais para os seus trinta annos de farda. E quando digo formosa, não presto inteira homenagem á impressão que suscitava; é verdade que eu, em se me fallando de alguma mulher só como bonita, sinto um friosinho como se fizesse festas a uma estatua! Giovanna não era só bonita, era outra coisa; ninguem se acercava d'ella sem lhe parecer que aspirava um perfume; produziá este effeito pelo encanto de sua voz suavissima, e pela atmosphera de bondade e de innocencia que se lhe exalava do semblante. Em tempos de guerra precisa toda a gente divertir-se para se distrair do perigo, ir ao club, jogar, dançar, ceiar; depois de estar contente fica-se mais animoso; uma dóze de prazeres não enerva uma pessoa como uma dóze de opio; Giovanna ia sempre aos bailes, e tinha camarote effectivo no theatro.

A casa em que morava o major era situada n'uma das extremidades da cidade; só estavam occupadas as sobrelojas; as janellas deitavam para um jardimsinho fechado por grades de ferro. Havia já uns dias que, tão depressa se acercava alguem, desapparecia da esquina da casa do major um homem que ninguem conhecia, comprido, estitico, com uns

braços por ahi além, e o cabello em caracoes pelas costas abaixo. Que edade tinha o homem? Era difficil de perceber, com quanto se visse ser ainda moço. Feio? O diabo o jure. Bonito? Ás vezes não se poderia dizer o contrario;—era quando contemplava Giovanna, de quem estava evidentemente namorado. E depois havia um contraste entre as feições d'aquelle homem, que não eram finas, e a expressão de melancholia que da alma lhe subia ao rosto, contraste que tornava difficil formar um juizo a respeito d'elle e produzia uma impressão problematica. Tinha chegado havia pouco tempo áquella terra, nunca fôra ao theatro nem aos botequins, não fallava a ninguem. Devia de ser sua occupação unica, ir para defronte da casa de Giovanna; chegava alli a toda a hora, como se o advertisse um telegrapho electrico dos momentos em que ella estava na sala. Ella provavelmente nunca o vira, porque elle escondia-se atraz do arvoredo, e só a curiosidade do amor seria capaz de descobrir aquelles olhos a luzirem por entre a rama das arvores. Alguns officiaes, amigos intimos da casa, deram por elle, e scismaram; uma occasião acharam no sitio em que elle tinha estado, escripto com a ponteira de uma bengalla, uma assignatura, um nome, o nome, d'elle talvez—Paolino.

Todavia, quando não se fallava na cidade de La Marmora, de Cialdini, do cruseiro do Adriatico, do almirante Persano, dos corpos do exercito regular

que se destinavam a cooperar com Garibaldi para a occupação do Tyrol italiano, de uma demonstração fortissima do corpo de Durando sobre Peschiera obrigando as avançadas austriacas a retrocederem para a praça, ou das operações da esquadra italiana entre as costas de Veneza e da Dalmacia' e se era provavel que conseguisse ou não bloquear a esquadra austriaca em Pola,—quando na cidade não se fallava de tudo isto e do mais que dizia respeito á guerra, não se tratava havia uns dias senão de Fagotino, grande palhaço celebre, que acabava de chegar alli precedido de immensa fama. Fagotino devia estreiar-se n'uma quinta-feira, e n'essa noite os postos não estiveram muito bem guardados, porque muitos officiaes foram para o theatro. No camarote de Giovanna, que era uma frisa de bocca—como se costuma chamar á primeira frisa junto do palco—estava um tenente, que a acompanhára, porque o major não havia querido ir e limitára-se a fechar os olhos benignamente... para não ver ir o tenente. Defronte era o camarote destinado ás primeiras patentes, que estava sem ninguem. Umas vinte senhoras espalhadas pela sala representavam a elegancia e a aristocracia da terra. Na platéa e pelos corredores via-se uma farda aqui, outra alli.

Fagotino appareceu no tablado com um salto que lhe conquistou logo o riso do auditorio. O tenente e alguns officiaes da amisade de Giovanna soltaram um grito de pasmo. Era Paolino, Fagotino.

—Que é? perguntou Giovanna ao tenente, voltando a cabeça.

—É o seu namorado! respondeu o tenente meio a brincar meio sério, porque no momento em que elle dizia isto pregavam-se os olhos de Paolino na esposa do major. É o seu namorado, que pulla assim!

Caíra rapidamente a mascara do bôbo, e illuminára-se-lhe a fronte com o olhar da paixão. Só o tenente todavia, só o tenente e ella talvez, deram por aquella mudança subita. O publico não interrompeu os seus aplausos ao palhaço.

É preciso ter visto como se gosta em Italia das pantomimas para comprehender o enthusiasmo d'aquella récita. A Italia tem dois papeis classicos de palhaço, o Polichinello e o Arlequim. O Polichinello *Pulcinello, Pulcinella*, que na opinião de alguns eruditos deriva por uma serie de palavras fritas e guizadas de Mocus, bôbo da antiguidade que tinha esta alcunha: Mocus, pelos modos,—ou antes por não ter modos d'isso—em grego quer dizer «ratão.» É como o outro que dizia que Alfana vinha d'Equus! Polichinello é feio, tem voz de corcunda, e fazem-lhe tratos de polé. Arlequim é o criado ladino, o namorado astucioso, o demonico que se esconde na despensa, debaixo da mesa, na carvoeira, na caixa de um relogio, ou dentro de um chapeu de chuva. O padre Antonio Vieira diz que o nome de arlequim é formado do artigo *at* e do verbo *leika*, lamber,

comer; de onde devemos concluir que arlequim significa sujeito *que lambe*, para não lhe chamarmos... *lambedor!* Ora, Fagotino era arlequim e não polichinello; exquisito, mas não feio; engraçado na sua exquisitisse; modos maliciosos e caçoistas; carinha de *sum, és, fui;* beliscando as moças, pulando por cima da cabeça do chefe de familia, petiscando os restos do jantar abraçado á filha da casa, e, para ir de accordo com o padre Vieira, lambendo muito.

O tenente contou a Giovanna a sentinella que Fagotino lhe fazia defronte das janellas, e exaggerou-lhe de proposito as attitudes de namorado sem prestar justiça á sinceridade séria das suas contemplações.

—O que posso dizer-lhe, minha senhora, é que é amada pelo homem mais alegre d'este mundo. É um triumpho! Chega a ser modestia da minha parte mostrar-lhe similhante rival!

—Devéras? respondeu ella com uma expressão dolorosa e altiva, que o tenente não pôde perceber, porque em quanto elle fallára havia continuado a pantomima mysteriosa de Paolino.

De cada vez que elle olhava para Giovanna tornava-se, só para ella, distincto e melancholico. Grande força d'amor era precisa para aquelle homem se methamosphosear assim e saber expressar com tanta certesa os sentimentos que o dominavam. Desesperação tanto mais commovente por ir disfarçada em caretas de palhaço!

Giovanna estava visivelmente impressionada.

—Não metta a ridiculo aquelle moço, disse ella ao tenente. Quer-me mais elle por si só do que o regimento todo!

N'esse instante rebentava uma gargalhada phrenetica no theatro e abafava qualquer outro ruido. Mas, d'alli a um momento, uma bala atravessou a sala e foi metter-se na galeria fronteira. Houve um grito unisono: Batalha! Paolino estremeceu ao vêr que a morte passára tão perto de Giovanna. Sem soltar um grito e tão lesto como a propria bala saltou do tablado e com a ligeiresa d'arlequim achou-se de um pulo na frisa, agarrou em Giovanna, abriu a porta, e levou-a nos braços.

Tudo isto succedeu com tal prestesa que parecia alguma peripecia inesperada da pantomima. A surpresa nem deu tempo ao tenente de resistir áquella ousadia; levaram-lh'a nas barbas, sem o homem poder apreciar sequer o insulto e a audacia. Correu toda a gente para fóra do theatro. O tenente ainda perguntou aos porteiros pelo caso: tinham visto passar Fagotino mas não sabiam que direcção levára. O terror do publico não lhe dava logar a interessar-se n'aquelle acontecimento. Não tardou muito que outra bala atravessasse a sala. Os comicos fugiam com os trajes da scena. O tenente ao ver a segunda bala passar mesmo pelo sitio em que Giovanna estava sentada um momento antes, estremeceu e scismou.

—Profundo deve de ser o amor, que dá pressentimentos taes! disse entre si.

Gastou um quarto d'hora a chegar a casa de Giovanna. Havia luzes na sala como de costume. Ao atravessar o jardim ouviu, imaginem com que pasmo, Giovanna a tocar piano e como que a querer lembrar-se de um dos motivos da pantomima que Fagotino representára...

XII

O palhaço

O tenente entrou na salla, pasmado para Giovanna.

—Sou eu! disse-lhe ella, rindo.

—Não sei se sabe, retorquiu o tenente, que o seu camarote está desfeito em cinza!

Apesar de animosa, empalideceu. Depois, voltando-se para Paolino:

—Como poude adivinhar isto? disse-lhe.

—Não adivinhei, receei que succedesse; respondeu elle com a maior simplicidade.

Agradeceu-lhe ella por um olhar em que lhe dizia haver comprehendido. Parecia que já não se fallavam senão por meias palavras e que percebiam o que não chegavam a dizer.

O major disse a Paolino como resumo da narrativa que lhe haviam feito do caso:

—Quizera ter diante de mim mais annos de vida que os que a minha edade e a minha profissão me promettem, para testimunhar-lhe mais duradouramente a minha gratidão. Considere como sua esta casa em quanto não a deitarem por terra, e deixe que a minha mão se lhe estenda em quanto a guerra m'a não levar.

Paolino respondeu affectuosamente, indo a retirar-se.

—Quando o veremos? disse-lhe o major.

—Quanto antes? acrescentou Giovanna.

—Amanhã! proseguiu o major.

—Ámanhã, visto que m'o permittem! disse elle saindo,

O tenente mal teve tempo de se despedir no ar como costuma dizer-se, e foi atraz de Paolino, que ainda não chegára ao portão de ferro e que lhe disse logo ao vêl-o:

—É muito amigo d'ella, bem sei; posso contar lhe tudo... Suffoca-me o segredo, e a cada instante me denuncio sem querer...

—Falle! disse-lhe o tenente. Mostrar-me-hei digno da sua confidencia!

—Conheço Giovanna ha vinte annos, desde que nasceu; é minha prima.

—Sua prima! redarguiu o tenente estupefacto.

—Minha prima, continuou elle. A filha dos Nag é parente de um *saltarello*, de um arlequim, de um palhaço! São coisas; tambem a mim me corre na

veias sangue azul, que se indigna e referve quando divirto o povo no tablado. Outra devia ser n'este mundo a minha sorte. Levou-me a isto o amor! Giovanna foi a rosa de cheiro que encheu de perfume a minha mocidade: viviamos quasi na mesma casa: aos quinze annos já ella era o que é hoje. Vel-a a toda a hora, pegar-lhe da mão cem vezes por dia a pretexto de qualquer coisa innocente, acompanhal-a de noite durante horas, de gondola, na nossa Veneza, e ella—creança que mal sabia que era mulher—adormecer á luz pallida do luar reclinando a fronte no meu hombro; resarmos juntos na cathedral de S. Marcos, ajoelhar ao lado d'ella, e suppôr que assim como resavamos juntos—juntos esperariamos: ter para mim só, annos e annos, aquelle olhar, aquella familiaridade adoravel, e não enlouquecer d'amores por ella, era impossivel, era impossivel—não era? Indoudeci. Não me lembrei que a desgraça de Veneza devorára os haveres da minha familia, pedi a mão de Giovanna e o pae recusou-m'o como que recambiando-me para o fundo da minha pobreza. Sempre pensei que isso lhe deu pena, porque sabia a paixão que eu tinha por ella: ainda hoje o creio. Não se atreveram a recusar o meu nome e disseram-me como maior flagello á minha miseria: «Volte com fortuna digna do nome que tem, e Giovanna será sua.» Parti, deixei o nome de meus paes, e até outro nome mais doce, o pobre nome de Paolino, que Giovanna consagrára entregando-o aos eccos da

nossa juventude. Fui a pé, scismando, pela estrada fóra, como havia de fazer para enriquecer. Pelas armas só conseguiria no fim d'annos chegar a capitão —o que não seria ainda chegar a Giovanna; não estudára Direito; artes, nem era pintor nem musico: formára um projecto doido. O acaso é o recurso supremo; estou que Deus, de uma fórma ou d'outra, sempre lá entra no acaso; estava decidido a pôr em cima da primeira mesa de jogo que topasse o dinheiro todo que possuia. Se Deus abençoasse o amor que eu tinha n'alma, cobrirse-ía a mesa de oiro e eu iria buscar minha prima: se me saisse mal, em toda a parte ha rios e affogava-me de uma vez a mim e aos meus pezares. Á noite, depois de um dia de febre, estava eu sentado n'uma estalagem. Não sei o que tinha dito ao criado com uns modos que haviam fixado em mim a attenção dos viajantes; fiz um gesto, dei um geito ao corpo, não me lembro já o que foi; olhavam-me pasmados, quando de repente se levantou um homem e veio direito a mim.

—É talvez singular a proposta que vou fazer-lhe! disse-me o homem. Sou director de um theatro, e falta-me o actor comico; vim a Milão, e não achei nenhum que me servisse. A natureza dotou-o ao sr. admiravelmente, e far-lhe-hei para a Russia uma escriptura largamente paga, e o dobro para o anno. se agradar como espero. O sr. tem um milhão no nariz! Ainda não vi cara mais comica do que a sua!»

Por mais que o biltre parecesse insultar-me com estes comprimentos, tive vontade de entrar aos beijos a elle. Um milhão! Quer dizer que eu era exquisito sem o saber; nem Giovanna tambem, que de certo nunca deu por tal; conhecia-me de pequenino, e o amor transfigurava-me; para ella nunca fui burlesco, nem o seria em quanto se me acendesse o olhar e me arquejasse o peito na verdade da paixão. Acceitei a proposta. Tomei outro nome, um nome para rir, *Fagottino,* como ella me chamava ás vezes em Veneza quando estavamos brincando. Aprendi tres linguas n'um anno. Quando me estreei no palco alcancei um triumpho, que não se descreve. Que de noites passei em claro a scismar n'ella, na felicidade casta do nosso futuro, uma casinha no Rialto, os nossos filhinhos a darem de comer aos pombos, existencia tranquilla no mesmo lar, somno sereno depois no mesmo tumulo! E nessas noites, inventava um traje irrisorio, calculava um effeito burlesco para beijar Dorina e levar pancadas de Pantalone. Não quero rebaixar a profissão que escolhi; ha grandes corações n'esta gente, ás vezes; até cuido que fazemos obra caridosa n'este mundo, em que se vertem tantas lagrimas, com o darmos a uma assembléa inteira a ebriedade e o olvido da gargalhada. Mas affigia-me o contraste da alegria que espalhava e da tristeza que ia dentro de mim. E entretanto ia enriquecendo. O que me consolava era estar Giovanna n'uma terra aonde não chegava nenhum

rumor, porque Veneza habituára-se a não pensar senão na sua desventura. Ninguem alli poderia vir a saber que Paolo, Paolino, se chamava *Fagottino*. Corri as capitaes da Europa. Ia-se juntando a pouco e pouco o milhão com que eu devia regressar. Quando agora cheguei aqui, não sabia nada da minha familia. Póde fazer idéa do que senti em mim quando passei por esta rua e vi Giovanna á janella em casa do major. Não comprehendo o que desse origem a este casamento com um austriaco. Não lhe quero mal a ella, senão á quimera de felicidade que se assenhorea de tantas almas n'este mundo, e escolhêra a minha para viver n'ella como o que ha de mais seguro. Não fiz nada para que me conhecesse; nunca perdoaria a mim proprio assombrear-lhe a vida com remorsos; mas desejava representar estando ella presente, deixar-lhe adivinhar que martyrio passára, e affastar-me depois, e ir morrer deffendendo Veneza. Os acontecimentos d'esta noite precipitaram todas as minhas resoluções. Como que tive uma vertigem ao ver roçar a morte perto d'ella: fiz uma imprudencia, salvei-a e perdi-a; fica sabendo toda a tropa austriaca que ella é amada pelo arlequim *Fagottino*. Mais valêra termos morrido ambos esta noite, ella no seu camarote de senhora, eu no meu tablado de palhaço!

—É triste tudo isso respondeu o tenente a Paolino, como commovido. E conheceu ella o homem que a salvou?

—Conheceu, e perdoou-me logo. Casou por vingança, ao que eu pude entender, para desgostar a familia, e tem achado uma especie de felicidade na estima do major; não serei eu que lha perturbe com as lembranças que vá despertar-lhe. Não quero que me ame; e amar-me-ía, se eu quizesse —póde crêl-o: sinto-o no som da sua voz. Hei de ter animo para combater os sorrisos da vida, como já tive para combater os revezes. Giovanna deve ficar sem macula; morrerei. Parto esta noite mesmo. Vou atirar-me á guerra como quem lhe pede a morte!

Ouviu-se um leve rumor de passos por entre as sombras do jardim, e appareceu uma mulher embrulhada n'um chaile escuro; era Giovanna. O tenente, quando a viu, ía a retirar-se com ar discreto, quando ella lhe disse:

—Fique! Não basta ouvir Deos as minhas palavras; cumpre que possa alguem ser testimunha dellas perante os homens.

Depois, dirigindo-se a Paolino:

—Primo, disse-lhe, ouvi detraz daquella arvore o que acabou de dizer; isso bastava para erguel-o aos meus olhos se algum acontecimento o houvesse rebaixado; os acrificio da sua vida não accrescentará nada a isto. Não procure a morte; continue a estar aqui!

—Quando queria em tempos obter de mim alguma coisa, respondeu elle com a tristesa na voz, não costumava invocar direitos de parentesco, chamava-me Paolino!

—Pois sim, Paolino, proseguiu ella suavemente, por Deos lhe peco, não vá esta noute para a guerra. O seu logar é aqui ao pé de mim!

—O meu logar é aonde possa purificar-me pelo perigo. Não bastará a agua para lavar-me as nodoas, perante os preconceitos; talvez que baste o sangue. E, todavia, tudo quanto tenho feito foi por amor de si!

—Peço-lhe! Veja que em redor de nós vae cair tudo, e que esta terra será talvez o tumulo dos que ainda me protegem...

XIII

Nem italiano nem austriaco

—Estamos n'uma terra maldita, proseguiu Giovanna; os que a defendem estão condemnados; terei de ficar viva, quem ha de valer-me depois? A si unicamente, Paolino, é dado não ter de morrer pela Italia nem pela Austria; fique, continue a estar perto de mim!

Paolino não respondeu logo. Por muito que amava Giovanna, não deixava talvez de estranhar que ella invocasse com tanto egoismo a sua segurança pessoal.

—Sou fatalista, disse; se Deus quizer que eu lhe seja util, Giovanna, deffender-me ha nos perigos; se me abandonar, é porque não me escolhe para tanta felicidade!

—Oh!. por tudo quanto ha lh'o peço, não me

diga que não! Paolino, em nome de sua mãe, em nome da felicidade da nossa infancia, em nome... do nosso amor—acrescentou ella em voz baixa e convulsa—fique, se não me quer matar!

Ficou. No dia immediato alugou uma casa bonita, comprou cavallos, tomou creados e deu-lhes ordem de não o tratarem senão por «sr. conde.» Mostrou ao tenente a sua certidão de baptismo, que nunca o desamparava para consolal-o, creio eu, de ter de subir ao tablado. Era filho do conde de Naji.

Apesar dos convites do major e de Giovanna, não voltou mais áquella casa; contentava-se com o passar todos os dias a cavallo por baixo das janellas, como se lhe dissesse a ella que o seu defensor estava álerta. E todavia era aquelle amor o interesse unico da vida de Paolino; via que era amado tambem, e era justamente essa revelação que o affastava ainda mais; tinha medo de si. Entretanto por muito virtuosas que sejam, não comprehendem as mulheres essas dedicações sagradas pelo dever; quantas ha que se tornam intrepidas pela virtude e succumbem depois por se considerarem acima dos perigos vulgares. Giovanna não percebia, e despeitava-se.

Das primeiras vezes que o viu passar, sorriu-se para elle. Depois, foi vendo que não queria ir visital-a. Sempre o mesmo tirar de chapeo reverente e melancholico á mesma hora de cada dia. E chega-

ram-lhe aos ouvidos os boatos das festas que dava o conde, jantares, ceias com actrizes. A guerra a devastar tudo, e elle a divertir-se. Considerou-se não só abandonada, mas trahida. Chegou a ponto de detestar o conde e quanto o cercava, os amigos, os cavallos, os lacaios; mas ia amando sempre o ingenuo Paolino e o pobre arlequim *Fagottino*.

Que, de mais a mais, no fundo de seu ressentimento havia questões d'orgulho. Não fôra porventura Giovanna quem havia feito as primeiras declarações e promessas, no principio d'aquella noite em que elle queria ir morrer na guerra? Não lhe tinha ella dito. «Fique!» E elle ficára, mas esquecera-se. Desse esquecimento é que queria vingar-se e comprometter-se ao mesmo tempo; mas, n'aquella occasião, andavam todos como doidos. A situação tornava-se cada vez mais perigosa; esperava-se a cada hora um assalto geral; estava toda a gente n'uma situação analoga á dos condemnados á morte. Perante essas catastrophes supremas a fragil creatura antes de olhar para Deus volve o olhar para os encantos da vida, e quer despedir-se das delicias e extases antes de descançar para todo o sempre...

O perigo imminente arrancava do coração de Giovanna os instinctos melindrosos, como o vento de trovoada que leva comsigo as folhas verdes das arvores. Acceitára as necessidades da sua união com o major; mas havia fixado os raios de seus primeiros sonhos n'aquelle Paolino, que illuminára

a sua juventude. Todavia elle parecia desdenhal-a agora, e foi com a idéa de ir accusal-o de seus desdens que ella tomou a decisão de procural-o em casa, já que elle não lhe apparecia. E ainda não houve, desde que o mundo existe, passo mais audacioso e menos calculado!

Cumpre dizer que o major era excellente homem em todas as suas relações habituaes; mas feroz, em se tratando de disciplina.

N'um dia, faltaram dois austriacos á chamada da manhã. Em tempos de guerra vae tudo á pressa; o major, sem mais formalidades, condemnou os homens a perderem os postos no dia immediato defronte do regimento.

Os homens eram soldados valentes, cujo unico crime fôra haverem-se deixado estar n'uma das tabernas do arraial. Tomaram a resolução de não quererem passar por tal vexame, e fugirem n'essa noite depois de matarem quem os condemnára.

N'essa noite, Paolino, que não queria que Giovanna o visse mas que nunca perdia occasião de a ver, esperava-a n'uma rua estreita por onde ella devia passar quando voltasse de casa da baroneza de L... Escondera-se no vão de uma porta. Os dois austriacos estavam á cata e fallavam baixinho.

Um dizia:

—O major chega aqui ás dez horas: atira-te a elle pela direita.

—E tu pela esquerda.

—Não te enganes. O major vem só e traz lanterna. Deixa os officiaes virem atraz, de namoro com a mulher e de braço dado. Depois de o presentearmos bem, fugirêmos por acolá.

—Está dito! replicou o outro.

Paolino ouvira tudo. Que havia de fazer? Não trazia armas comsigo. Estavam dando dez horas menos um quarto n'uma egreja. Ir chamar a guarda levaria muito tempo, e alli cada minuto era precioso. A casa d'elle era proxima. Passados instantes appareceu um homem, de lanterna e espada; era Paolino. Atiraram-se a elle os assassinos. Apagar a lanterna, affastal-os com a espada, feril-os a ambos e estiral-os no chão, foi obra que Paolino levou menos tempo a fazer que eu a referir. Em seguida, voltou para casa.

Chegou o major, com a mulher atraz e uns poucos de officiaes—como os outros haviam dito. A luz da laterna batteu de chapa sobre os corpos estendidos no meio da rua. Respirava ainda um d'elles. O major reconheceu a farda austriaca.

—Quem está ahi? perguntou-lhe tentando erguel-o.

—Um homem que te queria matar, e a quem Deus castigou. Estavamos esperando-te quando chegou esse maldito fidalgo que era arlequim...

—Qual fidalgo?

—O conde Naji.

Giovanna deu um grito.

—Perdoe-me, major, disse ainda o soldado, perdoe-me e mande chamar um padre!

Acabou de dizer isto e morreu.

Giovanna sentiu orvalharem-se-lhe os olhos de lagrimas de reconhecimento:

—E não havia de o amar! disse.

Assim ficou sabendo o major que devia a vida a Paolino. A mulher passou a noite na inquietação dos remorsos, considerava-se ingrata e odiosa.

—Não se atreve a vir aqui! pensou. Tem medo de trazer-me idéas, que mesmo sem elle estar presente me accordam n'alma... E é um protesto d'amor cada acção da sua vida! E salva meu marido, em quanto não me salva a mim! Que dedicação, Deus meu! Vejam se, tendo diante de mim tão poucos dias talvez, devo esperar por ámanhã eternamente, para ser feliz!

E duas horas depois do toque de alvorada, embrulhou-se n'uma capa escura e em passo de mulher namorada, passo ligeiro de receio e de felicidade, dirigiu-se a casa de Paolino.

Era ainda cedo. Chovia. De vez em quando passava uma ordenança a galope. Giovanna não encontrou ninguem conhecido; bateu á porta; o coração parecia saltar-lhe do peito: appareceu um creado.

—O sr. conde Naji está em casa? perguntou, entrando logo para o corredor que a assustou menos que a rua.

—Está em casa, minha senhora.

—Só?

—Está só.

Respirou então com mais liberdade e seguiu o criado, que lhe fez atravessar uma serie de quartos luxuosos até chegarem a uma portinha estreita. Disse Giovanna ao criado para se retirar, e elle ao vêl-a tão formosa e tão timida julgou que seu amo ia ter fortuna boa e desappareceu. Olhou ella por muito tempo o quarto em que se achava; era a alcôva; estava um crucifixo ao lado do leito, e por cima do crucifixo um retrato de mulher: era o seu. Recordou-se então que Paolino a desenhára outr'ora, quando ella tinha quinze annos, em Venesa. Fez-lhe mais impressão aquella lembraça do que todos os protestos novos que elle lhe fizesse. Fez-se córada de felicidade, e pareceu-lhe vêr abrir-se para outro mundo a porta em que de leve bateu com os dedos.

Paolino empallideceu ao vêl-a:

—Aqui! exclamou. Ella, aqui!

Porque a gente, em o coração lhe pulsando com ancia, põe-se a fallar comsigo.

XIV

Drama

—Não ia ver-me, disse Giovanna, vim eu. Sujeitou-me a um combate, em que succumbi. Estar a vel-o passar todos os dias com o seu modo d'olhar reverente e meigo; suppôr que me estimava e que estimava o major; saber que se está guardando para um futuro, que ninguem conhece, e que se expõe a ser assassinado para salvar a vida a meu marido, e não lhe ouvir nunca a voz, não poder agradecer-lhe, são mais tormentos que os que posso supportar. Se quiz com isto ser habil, não o podia ser mais; se quiz ser cruel, excedeu-se. Viva contente: chóro, estou triste, perdida!

—Não, Giovanna, replicou Paolino com enthusiasmo; esta hora não roubará nada á felicidade do major; roubar-lhe-ha tanto como as que me deu em

Veneza no tempo da nossa infancia. Continúa a ser para mim, Giovanna, a mulher sagrada a quem eu réso ás noites, e por quem algum dia morrerei!

—Não tente enganar-me, disse-lhe ella. É impossivel que de traz dessas cortinas não me hajam avistado os olhos de alguem. Quando abri esta porta pareceu-me que ia fazer em pedaços a honra de meu marido. Pensei no passo que dava, e dei-o.

—E que hão de dizer? redarguiu Paolino. Que veiu por cinco minutos a casa do conde de Naji, que toda a gente sabe ser amigo do major, e que saiu!

—Sair!

—Certamente que sim; cumpre deixar-me, Giovanna; tenho animo para lh'o dizer!

—E se o não largasse mais? disse ella, abaixando os olhos.

Paolino estremeceu de esperança; nunca mais o deixar, ter confiança n'elle, fugirem, irem viver juntos! Mas avistou ao mesmo tempo a deshonra de Giovanna, e os remorsos que lhe murmuravam n'alma. Teve força contra si proprio e contra ella, e respondeu:

—Não lhe mereço tão grande sacrificio.

—Mas que foi que entendeu? redarguiu ella, encontrando de novo a sua dignidade na friesa e sequidão d'aquella resposta. Martyrisa-me de mais. Sou d'uma familia que paga sempre o que deve, e o meu coração gosta tambem de pagar. Sujeitou-se por mi-

nha causa a um modo de vida que o rebaixa; tem vivido annos desterrado e envergonhado. Encontra-me aqui; diz-me claramente que, por não me achar livre, não quer nada mais da vida: salva meu marido, lembra-me os meus deveres, porta-se em tudo como bom e leal, e não quer que eu reconheça quanto lhe devo, nem consente que viva descontente de mim em quanto não lhe der tambem alguma alegria! Alegria pura e innocente. Não sou má; ainda sinto em redor de mim a athmosphera honrada da casa da minha familia. Mas preciso de o ver, de viver perto de si, de lhe provar que o meu coração não é ingrato, que o admiro, que o preso! Ha de ir a nossa casa, sim, Paolino?

—Irei, respondeu elle, commovido.

—Vae lá esta noite?

—Esta noite e sempre, Giovanna! replicou elle apertando nas suas as mãos enregeladas da veneziana.

N'essa occasião, pareceu a Paolino ouvir passos no quarto immediato. Como ninguem podia entrar alli, suppoz que era algum criado.

—Fallemos mais baixo! disse elle a Giovanna.

E chegaram-se mais um para o outro.

Quem estava no quarto de Paolino era o major.

—Quando não fosse pela ventura de o ver, precisava da sua presença esta noite. Sabe-se pelos espiões que o forte vae ser atacado. Terá logar a batalha mesmo diante dos meus olhos. Se estivesse sósinha, morreria de medo!

—Ah! Lá hei de estar, lá hei de estar! Maldita guerra!

—E se não fosse a guerra, haver-nos-iamos encontrado, haveria eu recorrido a si, e teria o Paolino de me defender? disse ella.

—E, redarguiu Paolino, se te houvesses conservado solteira em Veneza, fiel e esperando por mim, não serias agora minha mulher assim como és o meu amor!

E desmanchou com um beijo um dos caracóes do cabello de Giovanna, que lhe caíam pelos hombros.

Conheceu ella o perigo e ergueu-se.

—Não! disse. Seria um crime a felicidade! Mas convém que o saibas—continuou vendo-o de repente consternado e triste e esquecendo-se tambem a ponto de o tratar por tu, como durante annos e annos em Veneza—amo-te, Paolino! Poz Deus na minha alma dois impulsos: um, mais suave, que me leva para o teu peito; o outro, mais santo, que me prende aos meus deveres. Devo fugir. Tu proprio dizes que assim deve ser. Quem sabe...

Depois, teve horror á idéa que a assaltou.

—O major ha de viver! replicou. Peço a Deus que elle viva! É um bom coração.

—Defendel-o-hei contra todos! disse Paolino.

—Está justo então, vae lá a casa esta noite, sim?

—A que horas?

—Ás dez. O major haverá já sahido.

Dirigiu-se para a porta e quando ia a abril-a e que teve a certeza de poder fugir, voltou-se para Paolino e disse-lhe:

—Dá-me um beijo!

Durou o extasi como um relampago, e de relampago teve a luz: luz, que, illuminando-os até ao intimo, lhes deixou ver que eram um do outro. Giovanna sentiu-se tremula em quanto foi correndo pelas casas fóra.

Não estava ninguem. Sahiu.

Voltemos ao major.

O major ía quasi todos os dias visitar o conde. Como lhe dissesse o criado que seu amo estava com uma senhora, o major largou a rir e respondeu que esperaria. Andou passeiando um pedaço, e o criado voltou para onde estava. Estava por acaso a porta do quarto entreaberta. O major não teria tido a indiscripção de entrar, mas volvendo a vista machinalmente para a porta, teve uma visão que o assombrou; defronte do oratorio viu o retrato de Giovanna! de Giovanna a surrir-se, mais moça, mais bonita do que elle nunca a víra. Pareceu-lhe aquillo impossivel, e teve de olhar mais de vinte vezes para se convencer que não se enganava. Todavia ao passo que lhe chegava a vergonha pelo olhar, entrava-lhe tambem pelos ouvidos; a voz que se ouvia no quarto ao lado, era a voz de sua mulher. Encostou-se para não cair. Ouvia-se de um quarto para o outro o que se dissesse n'uma conversação familiar, mas,

n'uma conversação d'amor as palavras ora se elevam ora se abaixam, como as ondas do rio á medida que passa por ellas o sôpro da brisa. As palavras que chegavam até ao ouvido do major não lhe deixaram a minima duvida ácerca da intimidade que reinava entre os dois, e podiam até as conjecturas ir além do que era...

Ia, no primeiro impeto, para resolver vingar-se; em seguida, moderou-o e arrefeceu-o a reflexão. Detestava o escandalo; pareceu-lhe mais acertado respeitar o seu nome até no acto de se vingar; não queria que se dissesse d'elle:

«—O major matou a mulher, porque o conde de Naji era amante d'ella!»

Deixou para mais tarde o castigo, que tinha de ser terrivel, mas indirecto e comprehender tambem Paolino. Saiu do quarto, assim que ouviu que combinavam uma entrevista para as dez horas. Estava com precisão de respirar outro ar, que não fosse o da perfidia!

Encontrou-se com elle o tenente, ao voltar da esquina.

Estava livido, o major.

—O conde offendeu-me agora mortalmente, disse-lhe elle. Ha de ir procural-o, e terá de servir-me de padrinho: elle bem deve calcular o motivo e com certesa lhe não pedirá explicações. Não posso eu proprio dar-lh'as. É ponto de honra.

O tenente adivinhou logo que andava Giovanna

no caso; mas por lhe ser muito affeiçoado a ella, embora culpada, e por se interessar por Paolino, quiz ainda dizer-lhe;

—O major não póde bater-se com o conde.

—Porquê? acudiu o outro, fremente.

—Porque lhe deve a vida.

—Tem rasão! respondeu o austriaco atterrado.

Até disso se esquecera!

Permaneceu instantes calado e oppresso; depois, subitamente:

—Veja se acha meio de lhe eu pagar o que lhe devo. Preciso ter direito de o matar. Deos, se é justo, não me ha de negar isto.

—Não valia mais esquecer a injuria com a lembrança do favor? tentou ainda dizer-lhe o tenente.

—É impossivel! Se soubesse...

Arrependeu-se do que aquellas palavras iam deixando adivinhar, e accrescentou logo:

—O tenente vem do forte?

—Venho.

—Viu Giovanna á janella?

O outro teve dó d'elle e respondeu-lhe:

—Vi.

—Eu bem sabia que havia de lá estar! disse elle levando a mão aos olhos e enxugando uma lagrima.

—Vamos, continuou, pois n'uma terra d'estas com perigos por todos os lados, não havemos de encontrar algum que ameace Naji? Ajude-me, valha-

me. Cumpre-me atirar-lhe com a vida, para lha tirar depois!

Encontraram o general*** n'essa occasião. O general dirigiu-se affectuosamente ao major e disse-lhe:

—Confirma-se a noticia d'esta manhã, major. Os italianos attacam-n'os esta noite; ha de marchar uma divisão sobre sí; e o general em chefe, que não póde acceitar acção em ponto tão desfavoravel, deixa-o entregue ás suas forças. Deve ser brilhante e terrivel.

—Brilhante só, general.

—Se o numero os vencer, como hão de arranjar-se?

—Indo pelo ar.

O general apertou-lhe a mão.

—E todavia fazia-me conta viver, disse o major em voz baixa ao tenente, até que...

—Oiça o major, continuou o general. O major é casado. Não ha na sua vida de soldado uma só pagina que não seja um attestado da sua honradez. Magôa-me ter que dar-lhe tal commissão. Posso confial-a a outro, que não tenha de quebrar tantos laços. Auctorisa-me a retirar-lhe o commando?

—A morte, general, é a consagração da vida. Agradeço-lhe o seu cuidado, mas não fallemos mais disso. O que lhe peço é que me conceda uma licença de oito dias, se eu me saír d'esta a salvo?

—Hei de dar-lh'a com o posto de coronel... Vá com Deus!

E affastou-se depois de cobrir demoradamente o major com o olhar de despedida, com que se olha tantas vezes para os desgraçados a quem a guerra condemna!

XV

A guerra

Quando tornaram a estar sós, disse-lhe o tenente:

—Não era melhor para o meu amigo, aceitar, se por ventura tem que pôr em pratica...

—Deus o fará por mim, respondeu o major. Até mais ver! acrescentou sorrindo-se com ar de tristesa.

—Lá irei esta noite ao forte offerecer-lhe os meus serviços.

—Não se incommode. O melhor serviço que póde prestar-me lá para mais tarde, será o de provocar o conde e fazel-o sciente de que o mata por amor de mim.

Foi para casa; mas apesar da submissão absolude que dava prova ás ordens que recebêra, tinha

o quer que fosse de estonteado e de vingativo no olhar e na voz.

O tenente chegou a ter medo. Viu diante d'elle um dia inteiro para se vingar. Foi procurar Giovanna, que estava radiante de formosura e de felicidade, e disse-lhe:

—Não se tire de casa!

—Porque?

—De um instante para o outro vão tornar-se as ruas n'um campo de batalha.

O major appareceu na salla.

Deu, como de costume, um aperto de mão á mulher, e demorou a mão por mais tempo entre as della.

Denotava até ternura mais expansiva.

—Quero fallar comtigo na presença d'uma testimunha, disse-lhe. Daqui a poucas horas terei de correr perigos graves; ficarás sósinha talvez... Convém que possa dizer-se a todo o tempo que não me fui sem te abençoar; tens sido esposa fiel. Desde o dia em que te apartaste de tua familia, trouxeste para minha casa a alegria, a bondade e o juiso, que te acompanham. Sirva-te este attestado, se um dia te casares outra vez, como é natural que os teus vinte annos te aconselhem. Agradece-te, Giovanna, o teu velho companheiro!

E beijou-a.

Contrastava entretanto a meiguice destas fallas com o tom ironico em que eram ditas.

Foi talvez por isso que Giovanna não se commoveu tanto como o caso pedia.

O major partiu para o forte. Fez os preparativos todos com a maior vigilancia, apesar de não ter já que illudir-se. O forte e os que o acompanhavam íam ser sacrificados. Havia semanas já que se modificára o systema de protecção com o construir-em-se outras obras. Podia o forte ser tomado sem que a cidade tivesse de se render.

Assim se passou aquelle dia; o major a dizer adeus á vida, Giovanna a reviver com a esperança.

Scismava ella na doçura de uma noite passada com Paolino na delicia da intimidade innocente; não lhe ía o pensamento para além d'esta meia traição.

Pelo que respeita ao marido, estava habituada a vel-o ausentar-se para ir ao encontro de noites perigosas, por isso esta a inquietava menos.

Haviam soado nove horas. A noite escurecia cada vez mais. O major estava a escrever no gabinete; devia partir ás dez horas menos um quarto.

Ás dez horas devia ir Paolino.

Na saleta ao lado estava o criado, á espera, com o capote do major no braço.

O major foi ao quarto da mulher.

—Estás prompta? disse.

—Prompta para o quê?! respondeu ella admirada.

—Para vires commigo.

—Já! retorquiu ella com alegria. Acompanhar-te-

hei até á ultima porta. Ainda bem que te lembraste disso. Mas dize-me, esta noite não corres nenhum perigo maior que das outras vezes, não é assim?

—Esta noite, replicou elle como homem que tomou uma resolução suprema, serei morto infalivelmente.

—Quê! exclamou Giovanna assustada, atirando-se-lhe nos braços.

—E, proseguiu o major desembaraçando-se d'ella, como terás ainda o meu nome por alguns mezes, quero que corras o mesmo risco que eu. Has de passar a noite commigo no forte.

O ultrage e a ameaça agitaram-a.

—Não és tu quem está fallando! disse. Nem és vil nem cruel para insultar uma mulher ou para a levar a morrer. Que querem dizer essas suspeitas? Essa barbaridade o que significa? E, de mais, és tu senhor porventura de te sacrificares assim? Não rás.

—Incommodar-te-ia, ficando!

—Jesus piedoso, que infamias foram dizer-te,—falla?

Disse elle umas palavras em voz baixa.

Ella nem se fez pallida nem côrada.

—Pela memoria de tua mãe t'o peço, agora é preciso que fiques, disse ella. É verdade que elle ha de vir aqui; ouvirás tudo, e se uma só palavra...

—Incommodar-te-ia ficando!

—Jesus piedoso, que infamias foram dizer-te—falla?

Disse elle umas palavras em voz baixa.

Ella nem se fez pallida nem côrada.

—Pela memoria de tua mãe t'o peço, agora é preciso que fiques, disse ella. É verdade que elle ha de vir aqui: ouvirás tudo, e se uma só palavra...

—Não tenho tempo para essas experiencias. Nem os minutos me pertencem. E depois, já seria tarde de qualquer maneira para eu mudar de convicção. A que me assiste é definitiva, e basta-me. Acompanha-me!

A saudade da vida, da familia, de Paolino, e o horror daquella noite em que íam envolver-se, assenhorearam-se della então e fizeram-a estremecer.

—Juro-te, gritou com ancia, juro-te que nunca penetrou no meu peito uma idéa de infidelidade...

—Lá viria a penetrar depois... Vamos!

E travou-lhe do braço, arrastando-a pelo jardim.

—Quero poupar-te ao menos essa violencia, disse ella.

E tirando-se do braço do marido, foi indo atraz d'elle.

Ao vel-a resignada então e acompanhando-o como victima, agitou-se-lhe o coração com um sentimento generoso de dó. Não havia uma especie de severidade da sua parte para com aquella mulher, que lhe confiára a sua felicidade? Era porventura o crime d'ella para tal castigo?

Mas acudiram-lhe á memoria as palavras que ouvira por surpresa, principalmente o ajuste para a entrevista.

Era homem para lançar mão de todas as extremidades com tanto que evitasse a deshonra. Quanto maior fôra a confiança que havia tido, maior se lhe tornava agora o horror. Revolvera todo o dia em si a idéa de que ella lhe não sobrevivesse, e que a arrastasse elle ao abysmo que ia sorvel-o, para que depois de morto não fosse a mulher comprometter-lhe o nome. Foi instantaneo o dó que teve d'ella.

Em todo o caminho não lhe dirigiu mais a palavra.

Chegaram ao forte.

As boccas de fogo não murmuravam ainda. Mandou abrir para uma escadinha de caracol que ia dar a um quarto isolado.

Ia elle adiante, e o archote que levava allumiava na fronte de Giovanna a palidez do medo.

O quarto tinha uma janella apenas, de onde se avistava o céo carregado de nuvens negras. As paredes deitavam um cheiro desagradavel. O major abriu a janella. O vento apagou a luz.

Sobresaltou-os a ambos aquelle agoiro.

—Adeus, Giovanna, disse-lhe elle como fazendo esforços sobre si mesmo. Póde ser que não tornemos a vêr-nos!

—Que morte vae ser a minha? perguntou-lhe ella logo.

—Não sei, respondeu o major.

E dirigiu-se para a porta, como querendo evitar que se prolongasse o dialogo.

—Mas quero eu sabel-o! disse a italiana. Ha de vir gente por ahi dentro estrángular-me? Vão deitar-me viva n'alguma cova? Felizes, felizes dos que vão bater-se esta noite, que terão ao menos as sensações da lucta! Coitada de mim que vou esperar sósinha sem saber por quanto tempo, esperar que a morte chegue. Jurei-te que te ficava fiel, e matas-me! Não haveria dito que não a seguir-te, aqui que fosse, a morrer até, se m'o tiveras pedido! Era o meu dever. Haver-me-hia posto diante de ti, para aparar os golpes que te fossem destinados. Mas morrer assassinada, morrer insultada! Nem tens alma nem justiça!

Um clarão immenso illuminou a janella nessa occasião, e vacillaram as paredes como um barco que o vento balouça.

Principiava o ataque.

O major estremeceu, e, sem dar tempo a reflectir, beijou a mulher—a quem condemnava—e saiu precipitadamente para ir commandar.

Não chegára a descer a metade da escada, quando parou surprehendido.

Vinha alguem subindo...

Era Paolino.

XVI

Italianos e Austriacos

—Aqui! exclamou o major com indignação.

—Aqui mais que em nenhures! respondeu Paolino. Jurei de mim para mim que havia de salvar Giovanna. Ella aonde está?

Scintilou de subito uma idéa na fronte do major.

—Saia d'aqui! gritou elle a Paolino. Estão minados os subterraneos e entra por todas as janellas a metralha. A ordem que tenho é para não deixar aqui pedra. Não tardará duas horas para morrerem quantos aqui estão. Saia! Depressa, saia! Ficaremos pagos; restituo-lhe assim o que me deu já. Quero-lhe mal, e se escapar a estes perigos todos terei direito ainda a matal-o!

O outro respondeu com impeto:

—Não sairei d'aqui senão com Giovanna. Ama

va-me ella antes de lhe pertencer. Tire-se de diante e deixe-me passar... Ainda que me fosse preciso empregar violencia...

E empurrou o major, que, apesar de resistir como desesperado, teve de deixar-se repellir.

Mas vinha lá de baixo um rumor que mettia medo.

Por entre os gritos dos feridos ouvia-se dizer a um e a outro:

—Que é do major?

—Onde está o major?

—O major desertou?

Revoltou-se-lhe o brio militar com o ouvir aquillo.

Desceu, e, ao chegar ao ultimo degrau, ia com esta idéa:

—Não se ha de dizer que a salvou o amante!

E fechou a porta da escada, levando a chave comsigo.

Antes de entrar na sala grande chamou um artilheiro.

—Está tudo prompto?

—Está prompto, commandante. Ha de saltar a torre que nem uma polkista! A mecha leva dez minutos a arder.

—Está bom. Espera que eu te dê signal! E agora, toca a defender!

Era um singular espectaculo. Carregaram-se as peças como por encanto: tiro sobre tiro, clarão sobre clarão: havia tantas boccas de fogo que mais se

diria serem espingardas de um batalhão inteiro. Horrivel! A divisão que atacava o forte atirava-se d'alma e vida. As ballas tinham levado já uma das paredes, e era metralha por aquella brecha dentro que nem chuva de pedra puchada pelo vento! Estava tudo misturado para alli: os cadaveres e a gente viva. A modo que lhes ia faltando o animo, quando o major chegou.

Deram-lhe vivas, e encheu a todos de coragem a presença d'elle.

—Viva o major!

—Viva!

Mandou carregar cada peça com duas ballas, serviu-se de morteiros, e como o inimigo vinha a chegar-se cada vez mais, mandou metade de um batalhão para acutilar os italianos flanqueando-os.

Estava alli como um capitão a bordo, correndo de um andar para o outro, dando animo aos que o iam perdendo, consolando com uma palavra os que expiravam, fazendo com que sorrissem os que estavam combatendo,—e, que era o que lhe dava maior auctoridade ainda pela superstição, invulneravel, sempre invulneravel apesar de ir pôr-se constantemente no sitio mais perigoso.

Foi immenso o heroismo naquella defeza exasperada e impossivel quasi. O forte era um dos peiores, mas apesar disso convinha não o deixar aos italianos para não bombardearem d'alli a cidade. O major já tinha perdido as esperanças de o salvar:

mas, ao menos, cada minuto que se passava dava tempo a ir fazendo móssa ao inimigo. Por um homem que perdiam os austriacos, perdiam vinte os italianos.

Mas já não tinha mais do que cincoenta soldados. Os italianos iam a chegar-se, a chegar-se. Já se lhes ouviam as vozes, praguejando, doidos d'enthusiasmo, n'aquella bella lingua, suave de mais para a guerra.

O major mandou tocar a reunir.

—Sáiam, disse á sua gente. Vão ao arsenal. Basta que se apresentem ao general, para elle entender o que é. Lá lhes hão de chegar noticias minhas.

—E o major? perguntaram alguns, que parecia que adivinhavam.

—Vou lá ter depois, respondeu elle sorrindo. Adeus, filhos.

Saíram todos de vagar e em boa ordem.

Tão depressa o major se encontrou só, foi á janella e chamou o artilheiro.

—São horas! disse-lhe. Accende a mecha.

—Sim, meu commandante.

—Depois, chamando-o de novo:

—Artilheiro!

—Meu commandante?

—Jura ahi pela salvação da tua alma que a mécha ha de durar dez minutos?

—Juro, meu commandante.

—Então, seja o que Deus quizer! disse o major.

Pegou n'uma lanterna, que estava á porta, e subiu a escada. Não parecia o mesmo homem de duas horas antes; passára-lhe o odio, só havia suavidade e perdão n'aquelle rosto; com o aproximar do sacrificio desapparecèra n'elle quanto tinha de mau.

XVII

O Fórte

Que seria o que se passou entre Giovanna e Paolino durante aquellas duas horas que pareciam não ter fim? Encontraram-se logo? Embriagou-os a ruido d'aquella agonia, e tornou-os mais intimos a noite? Gritaram, desesperados e perdidos? Resaram, vendo a morte diante de si e sentindo-se condemnados sem remissão? Não sei. Quando o major os viu, estavam longe um do outro, e como absortos n'uma idéa grave.

—Partam! disse-lhes elle em tom rapido. Estão livres.

—Livres! respondeu Giovanna, ainda com uns restos d'espanto.

—Guardem o pasmo para depois. O forte está minado, e vae saltar d'aqui a oito minutos.

E olhou para o relogio.

—A mécha já está a arder! continuou.

Giovanna teve um sobresalto.

—Por onde se sae? perguntou ella.

—Está a porta aberta, desçam.

E elle não se mechia.

—E então o major, disse Paolino inquieto por aquella immobilidade, e então o major porque não vem?

—Fico, replicou elle enxugando uma lagrima.

—Fica! disse-lhe a mulher agarrando-se-lhe ao braço. Mas que cuidas tu? Sou digna de ti, homem! Mereço que vivas!

—Não me seria dado ter maior alegria do que acreditar isso que dizes e vêr-te fiel; mas não podemos ser tres. É melhor não sonharmos com um sacrificio superior ás nossas forças. Pertenceu-me o o passado: tenham ambos o futuro, o futuro sem limites da mocidade e do amor! Sejam um do outro. Que as minhas bençãos os acompanhem. Fujam! accrescentou como recordando-se de um perigo immenso. Vão desabar estas paredes! Fujam!

—Major, disse Paolino precipitadamente, não nos dê ares de assassinos. Venha; serei eu que os deixe em paz!

—Cumpro o meu dever de soldado permanecendo aqui.

—Peço-t'o! disse a italiana.

—Não quer? perguntou Paolino com a voz tomada de angustia.

—Não. Por honra minha, pelo reconhecimento que sinto, pela religião que sigo, não! mil vezes não! respondeu o austriaco.

—Então, replicou Paolino, ficamos nós tambem.

—Ficamos! exclamou Giovanna com um enthusiasmo selvagem.

E encostou-se involuntariamente ao peito de Paolino; depois, como reprehendendo-se subitamente do que acabava de fazer pendurou os braços ao pescoço do major.

—Que estão dizendo! perguntou-lhes elle empalidecendo.

—Morreremos tambem.

—Juntos! disse a veneziana.

—Commandante, gritou o artilheiro, a mécha já não tem mais que dois nós!

—É responsavel para com Deus pela vida d'esta pobre creatura! disse Paolino olhando para Giovanna, e com a voz suffocada pelas lagrimas.

—A crueldade é obrigarem-me a não morrer! respondeu o major abraçando a mulher e correndo com ella pela escada.

Paolino ía atraz d'elles.

As descargas dos italianos haviam-se calado, desde que o forte deixára de responder. Não se atreviam a entrar, por temerem algum laço; olhavam de longe, na escuridão da noite, para aquelle montão arrasado e sinistro.

Deram tres horas n'uma egreja da cidade.

—Deus meu! exclamou o major. Passaram os dez minutos. Artilheiro! gritou. Artilheiro, apaga a mécha!

Mas o artilheiro já alli não estava. Não respondeu ninguem.

Correu o major, e abriu o subterraneo onde estava a polvora.

Giovanna e Paolino tinham andado quinze passos. A italiana, embrulhada n'uma capa de velludo preto, ía fugindo da morte com o seu passinho miudo, a fallar e a correr. Que iria disendo?

De repente pareceu que se abria a terra, e que um feixe de foguetes cortava os ares por entre a cerração d'aquella noite; rebentou uma explosão que atroou tudo como centos de trovões.

Ia o forte pelo ar.

Paolino e Giovanna ficaram esmagados debaixo de uma torre que desabou. A abobada do subterraneo, que não alluiu, preservou o austriaco.

XVIII

Primeira noite de Veneza

Conhece a gente o caracter, os costumes, a physionomia dos italianos, antes de haver ido a Italia, pelas descripções dos viajantes e ainda melhor talvez pelas peças de Shakespeare; a voluptuosa suavidade veneziana de Desdemona, o zelo scintifico de Lucencio e do criado Tranio, a alegria e paixão italiana nos *Dois cavalleiros de Verona* e no *Romeo e Julieta;* o que ninguem conhecerá nunca, mesmo depois de lêr tudo quanto ha escripto a respeito d'ella, é Veneza, a Veneza das barcarolas, *Venezia la bella*, como lhe chamam os gondoleiros.

A minha entrada alli foi triste. Cheguei ao cair da tarde, n'um dia de chuva, e deixei-me conduzir em gondola fechada pelos canaes fóra até á hospedaria Danielli, avistando atravez da chuva que batia nas

vidraças os palacios patricios erguendo-se do seio das aguas na sua ruina magestosa, imagens do esplendor passado e da decadencia actual; belleza material admiravel, que uma expressão moral realça ainda mais!

Era impossivel aproveitar o resto da tarde para vêr Veneza; em Veneza, quando chove, os estrangeiros podem unicamente passear debaixo das arcadas de S. Marcos—e ainda para chegar até lá vae a ensopar-se um homem pelo caminho; cheguei á hospedaria pelo menos frequentado dos quatrocentos canaes de Veneza, e a chuva, apertando cada vez mais, conservava a cidade como que abandonada, n'um silencio que fazia tristeza.

O silencio de Veneza é incomparavel: os silencios das outras terras pedem-lhe licença se querem ser coisa que se pareça com silencio; nem a provincia, nem a aldeia, nem Chamusca, nem Paio Pires, nem Lisboa que é o que tem havido de mais perfeito em quietação depois dos hipogeos de Thebas, disfrutam um silencio d'aquelles. Alli não ha carruagens, nem omnibus, nem carros, nem cavallos, vae cada um a pé, ou de gondola. Um nosso fiel alliado, inglez consciencioso, trepou uma occasião para cima de um dos cavallos de S. Marcos: veiu a policia, e pozse a gritar-lhe que descesse por ser prohibido aquelle entretenimento; o inglez respondeu que o seu medico lhe aconselhava todos os dias um passeio a cavallo, e que visto em Veneza não haver senão os

cavallos de S. Marcos não tinha outro remedio senão montar-se n'aquelles! Durante o dia, emquanto o sol lhe alumia as ruinas, e que não se ouve de nenhum lado rumor de cidade, Veneza é realmente triste; mas nas noites de primavera, quando se envolve no manto azul do ceu e que os raios da lua se reflectem nas ondas pequeninas dos canaes como se déssem em esmeraldas, não faz falta o ruido festivo das cidades, porque não se admira então alli senão a arte e a natureza, e Veneza ergue-se como um encanto por entre aquella serenidade admiravel! Veneza é como as mulheres formosas, que já não são creanças, não quer sol; o coquetismo dos seus monumentos precisa da claridade pallida e poetica do luar!

Uma das primeiras noticias que me deram na hospedaria foi a de se achar de passagem em Veneza com a sua companhia o actor Rossi. Rossi é para os actores da Italia o que a Ristori é para as actrizes, um talento de excepção. Os jornaes de Lisboa annunciam n'este momento a proxima vinda de Rossi; é uma auspiciosissima nova, que, para ter todos os merecimentos, tem até o de tornar interessante para o publico da capital tudo que eu vou dizer-lhes a respeito d'esse actor.

Entrei no theatro de *San Benedetto* ás nove horas da noite,—o que quer dizer que tive apenas tempo de jantar e de mudar de roupa. A sala estava litteralmente cheia, mais do que cheia, estava

acugulada; parecia até destruir o preceito de que o continente deve ser maior que o conteudo; estava mais gente do que lá cabia! O theatro é grande e vistoso; quatro ordens de camarotes, duas extensas platéas, e um palco vastissimo. Rossi, estimado hoje como o primeiro actor da Italia, attrahira de passagem por Veneza com a sua companhia uma concorrencia immensa. Os seus espectaculos formavam uma serie de recitas de assignatura, em que o celebre artista interpretava successivamente os principaes vultos da tragedia; na noite em que o vi, descançava dos *Hamlet* e dos *Rei Lear* por um drama moderno, *Kean*, de Alexandre Dumas.

Este *Kean*, que é a teima de todos os actores, e que figura de vez em quando nos nossos theatros secundarios para desengano formal dos que se atrevem com elle, está longe de ser grande obra, mas é uma peça arriscada, original, de andamento livre e rasgado, que offerece ao artista grandes physionomias e grandes lances; Kean é alternadamente um cavalheiro, um marujo, um doido, e um namorado. Rossi pareceu-me excellente n'este papel, unico do seu reportorio em que tive occasião de o ver. É um bello homem, forte e musculoso, cuja physionomia me fez lembrar de Moutinho, o moço poeta portuense que foi actor no Rio de Janeiro. Nas variadissimas scenas d'este drama excepcional, Rossi mostrou-se grande artista; não haverá actor que possua mais oitavas no seu teclado: tem a um tempo o

pranto e o riso, a energia e a suavidade, o arrebatamento e o quietismo, o lyrismo da poesia e a brutalidade da acção, a elegancia e o ar commum; póde representar com superioridade egual os principes e os ladrões, os fidalgos e os biltres, os amantes e os beberrões, os filhos prodigos e os agiotas; é um Prothéo, um verdadeiro artista, elevado, simples, variado como a natureza.

O publico applaudiu-o phreneticamente, e mais em Italia não se gosta muito d'aquella peça *d'il cavaliere Allessandro Dumas;* foi um triumpho de enthusiasmo, a que nem o pranto faltou, porque as senhoras nos camarotes choráram por vezes. O resto da companhia era regular; no acto da taberna, o terceiro, a actriz encarregada do papel de Miss Anna pareceu-me um gentil talento.

Os inglezes—ha em toda a parte inglezes, como sabem, mas em Veneza então ha ainda mais inglezes... do que venesianos, creio eu—não percebiam palavra de tudo aquillo provavelmente, mas applaudiam com ancia o actor italiano, não por ser bom o actor italiano, mas por figurar de actor inglez, e os nossos fieis alliados applaudirem sempre o que é seu—no que não se parecem comnosco, que temos genio de applaudir só o que é dos outros. Em quanto a multidão gritava entre applausos:

—Bravo, Rossi!

Os inglezes gritavam:

—Bravo, Kean!

Finda a recita, toda aquella gente partiu alvoroçada ainda de enthusiasmo, e o nome de Rossi repetido pela turba foi acordando o ecco nas aguas dos canaes e por baixo dos arcos das pontes, ao passo que as gondolas roçavam pelos palacios como andorinhas e os remos faziam brotar das ondas clarões phosphorescentes como se mergulhassem n'um mar de fogo.

XIX

Primeira manhã

Ninguem, ninguem que veja Veneza pela primeira vez poderá affazer-se á idéa de estar vendo uma cidade, senão um fantasma, uma illusão, tão natural é duvidar-se da realidade de um espectaculo que entra de tal fórma pelo impossivel!

As ruas, quasi todas assentes em rochedos ou ilhotes e juntando-se a cada passo por umas pontes pequenas quando são cortadas por canaes, são tão estreitas que se conta o caso de um marido que quando sahia deixava a mulher fechada e assim que elle voltava costas abraçava-se ella, da janella, ao namorado... que morava defronte!

Como o homem é o unico animal em Veneza que anda pela rua, e por não haver sejes nem cavallos, conservam-se as ruas aceadas e n'um so-

cego que faz gosto; não se ouve senão um grito ou outro que nunca é de ferir o ouvido porque o dialecto italiano é agradavel mesmo que o berrem, e a bulha chilreante das conversas, que tem sabôr especial por dar idéa de estarem a balbuciar tontices e a brincar com creanças. Pronunciam os nomes no diminuitivo, coisa que tem sua graça e dá muito ar de familiaridade e de ternura ao que se diz. O nome de Antonio, por exemplo, que é nome patrasana, sae-lhes da bocca feito uma joia,—Tonino!

As lojas parecem casinhas de bonecos, e não ha vel-as senão de ourives ou de pasteleiros; comer, e brilhar. Pelas ruas andam tambem sempre uns vendilhões expondo em tabolleiros uma variedade incrivel de coisitas de vidro, que alegram a vista e dão a Veneza uns ares de berço de algum d'aquelles principes das afortunadas eras das fadas.

Para passeio a pé é de rigor ir ao Rialto, ponte famosa cuja fórma e artitectura tem andado já celebrada mesmo entre nós pelas gravuras do *Panorama* e do *Universo Pittoresco*.

A ponte tem tres caminhos, um no meio, e os outros dois encostados aos logares do mercado. É a Praça da Figueira de lá. Os Shylocks creio que ainda por alli persistem, e posso affirmar-lhes sobretudo que vi a lindissima Jessica em muitos rostos femeninos que passam alli e deitam á gente o olhar tentador por baixo do elegante *zendaletto*.

A praça de S. Marcos, que passa por ser a mais

bonita praça d'Italia, é o bem parado depois de todas as excursões. Os austriacos passeavam sempre a distancia respeitavel dos venezianos. Aos domingos havia musica de banda militar na praça, e não fazem idéa da perfeição com que tocavam os austriacos; deixava a perder de vista aquella banda quantas tenho ouvido... de uma *banda* e d'outra.

O centro da praça de S. Marcos tem sido sempre o theatro das festas publicas, nas epocas de alegria nacional. Cita-se ainda lá com grande fama a feira da Ascenção, que se instituiu alli no tempo em que a liberdade e prosperidade de Veneza estavam no seu auge e o commercio attrahia as nações todas ao seu mercado. Essa tal feira ou festa, a que elles chamam da Sensa, que servia a um tempo para trafico, para orgulho nacional, e para folia, durava oito dias; em roda da praça pelos modos tudo era barracas de um desenho fantastico, onde se achavam á venda fazendas de seda e de lã, os veludos de Veneza, correntes, grilhões e transelins de oiro, joias. armas, instrumentos de musica, quadros notaveis, do Ticiano até e do Tinturetto, onde as formosuras venesianas iam contemplar os proprios encantos a reflectir-se nas produções dos artistas a quem haviam inspirado!

Do outro lado da praça ha uma fila de casas que se erguem sobre as arcadas á maneira das nossas secretarias no terreiro do Paço. Os arcos perservam do sol uma quantidade immensa de botequins que

alli se acham estabelecidos. Em tudo aquillo, ao que me disseram, reinava a tristeza e o abandono em comparação do que d'antes era, mesmo em tempos de que se recordam muitas das pessoas que ainda alli existem. Os botequins teem bebidas excellentes, e uma abundancia e variedade de gelados que é de uma pessoa ficar vivendo alli.

A casaria elegante que fica por cima dos botequins nos quarteirões a que chamam lá *Procuradorias* era n'outro tempo o coio e o *Gremio* onde tinham as suas entrevistas intimas no que respeita ao imperio da dama *del cuore* os sisudos senadores e os jucundos cavalheiros serventes. Tinha cada um para ser vicioso á sua vontade licença plena do governo.— Governo esclarecidissimo, que fundava sabiamente o seu poder na corrupção do povo!

A egreja de S. Marcos é um edificio originalissimo, mesquita, templo, cathedral, que tanto podia ser votada a Christo como a Mahomet; especie de abstracção da architectura religiosa, veneravel, mysteriosa, magnifica; os arcos, os minaretes, as columnas, são coloridos, ornados de mosaicos, e de pedras preciosas de todas as cores e logares.

S. Marcos, padroeiro da cidade apparece sobre um fundo de azul e de oiro, não com ares de doçura apostolica mas altivo como na visão mystica de Esequiel, com o feitio de um leão, de juba fluctuante, e azas abertas.

A egreja tem como riqueza muitos despojos de

nações conquistadas, mas não pude apreciar bem toda essa magnificencia escura; contem outros quantas esmeraldas viram, e quantas turquezas pisaram; pela minha parte dir-lhes-hei apenas que é uma egreja que produz grande impressão, mas não cabe a gente em si de pasmo perante aquella balburdia de imagens de todas as crenças; é uma egreja bonita, original, seductora, mas lembra pouco a fé christã e a egreja catholica.

Os venezianos dão o cavaco quando alguem principia a elogiar o *Duomo* de Milão ao passo que visita S. Marcos de Veneza, e insistem logo em nos fazer perceber bem que se a egreja de S. Marcos é uma phantasia sem rei nem roque, a famosa cathedral de Milão é de um gothico mixto que está convidando a critica dos *virtuosi*. A verdade porém é que o *Duomo* de Milão com as suas admiraveis columnas de marmore branco e polido, de um trabalho em relevo de tanta delicadeza como o que fazem os indios pela sua mão no marfim, e aquelles corucheos com umas estatuas tão leves, que parecem estar a dançar no bico de um alfinete, é uma egreja de proporções gigantescas e encantadoras.

Tanto em *S. Marcos* de Veneza como no *Duomo* de Milão encontra-se uma certa gente, sem ser á hora da missa, que tem exactamente a mesma cara, o mesmo modo, e o mesmo aspecto. Aqui uma devota embrulhada n'um veu, com as mãos postas, a olhar para uma pintura; alli um *cicerone*

á espera de freguez; mais além um homem a dormir estendido n'um banco, talvez por achar fresco o sitio; ao pé d'elle, e tambem quasi a dormir, um pobresinho n'uma apathia contemplativa entre a resa e a somnolencia; mais para lá uns vendilhões de reliquias e livrinhos de orações; e, passando, um figurão de taboleiro no braço, que vende gondolas pequeninas e bonitos de conchas, o qual molha o dedo na pia d'agua benta, despacha uma cruz pela testa abaixo, e atravessa a egreja em passo de pulga para sair pela porta de traz e poupar caminho, com o que accode a um tempo aos interesses espirituaes e aos temporaes e adianta os seus negocios n'este mundo... e no outro!

XX

Os Rufiões da praça de S. Marcos

Lembrou-me muitas vezes que se a sorte não me houvesse preparado tão escrupulosamente a necessidade de trabalhar, o que eu faria talvez... era não fazer nada, quando em Veneza olhava para aquelles magnificos ociosos, que estacionavam na praça de S. Marcos, ora passeiando de mãos nas algibeiras e bonnet encostado á orelha, ora estirados commodamente nos caes, contemplando a lagôa, o Lido, o Adriatico, descuidosos da desgraça da patria, sorrindo-se para o sol, para o ceu azul, para as mulheres bonitas, e para as gondolas qua iam levando dois amantes que se beijavam!

Cheguei a gostar d'aquelles pobres diabos, cheguei a invejal-os talvez; presumi que seriam por ahi netos de doges, principes empobrecidos, ou,

pelo menos, bastardos sympathicos e intelligentes, que curtiam ao sol e ao luar a sua devastada melancholia!

Produziu-me um dissabor immenso ter de retirar-lhes a minha consideração, logo horas depois de os haver avistado pela primeira vez, com o saber que esses sujeitos de nomeada pouco acredora exercem entre outras artes mais ou menos liberaes uma profissão, que de certo não é para eu inculcar como a mais digna do respeito dos leitores.

E é pena, porque se não fôra essa pequenina nodoa em tão bom panno, seria difficil encontrar naturezas mais rasoaveis e sensatas! Depois de almoço, vão dar o seu passeio até á ponte do Rialto, observam o que apparece de novidade no mercado, provam da fructa que está nas teigas, descem de vagar até ao caes, estendem-se na praia ao sol, namoram de longe as areias de oiro do Lido e o azul do Adriatico; passam levemente pelo somno, somno delicadissimo que mal lhes fecha os olhos, e quando acordam encontram logo com a vista as ondas que scintilam, e respiram entre delicias de voluptuosa preguiça o ar sereno e tepido de Veneza! Não ha para aquelles animos recordação penosa que os afflija; não teem saudades de ninguem, não os chama a nenhures esperança alguma, não ha mal que lhes chegue, nem cogitação que os importune, não lhes doe nada, ninguem se importa com elles, e elles não se importam com o mundo!

Para não vencerem de todo o movimento proprio á creatura humana, deixam-se ir ás vezes atraz de uma phantasia, como o leitor ou eu. Vem-lhes o appetite de ir visitar um amigo, um amigo antigo, um amigo intimo. Não vão a pé, está claro. Mandam chegar uma gondola, e deixam-se ir de passeio até lá. De outras vezes, como quasi sempre têem algum irmão ou parente gondoleiro, vão com elle de cavaco pela lagôa adiante, e até acontece, quando Deus quer, mudarem de idéa pelo caminho, e, em vez de irem visitar o amigo, deixarem-se ficar na gondola e pedirem de jantar ao parente.

Corre por lá que estes sujeitos não são seguros, mas quasi não acredito. Não é agora dizer-lhes que sejam incapazes de roubar, mas quando o fazem têem sempre uma desculpa attendivel; a sobriedade tem limites, e não fica mal a uma pessoa ter vontade alguma vez de tomar um sorvete,—despeza inesperada, que obriga por vezes um cavalheiro a recorrer a qualquer receita extraordinaria. Roubam; vamos, mas o que é que roubam? Por ahi um lenço de assoar ou uma charuteira quando muito. Depois vendem aquillo, tomam o seu gelado de morango ou de ananaz, e não se pensa mais nisso nem vale a pena.

Parece que alguns, os mais fortes, os chefes, os directores, os mestres, têem aquelles habitos de vida elegante por haverem estado em Napoles; em Napoles, pelos modos, é que os ha de feição, mas

esses são *lazzarones* em quanto que estes são *rufiones;* cumpre não confundir, e já vamos tratar desse ponto que lhes ganhou a minha indignação. Os de Napoles têem a mão mais leve para larapios, mas nãe entendem tanto do bello sexo como estes de Veneza. Não se póde ser forte em tudo; Frederico da Prussia fazia maus versos, Alexandre Herculano não tem veia para o theatro, e a prosa do marechal Saldanha nem sempre é intrépida. Quando os aprendizes da delicada arte de se apropriar do alheio fazem os seus exames, é costume dirigir-lhes as seguintes perguntas:

—Já trabalhou n'alguma parte?

—Sim senhor.

—Quanto tempo tem de exercicio?

—Um anno, tres annos, dois mezes... etc.

—Em que logares?

—Em Portugal.

—É um chapado ignorante!

—Em Hespanha.

—Está feito!

—Em Paris.

—Assim... assim!

—Em Londres.

—Sabe alguma coisinha!

—Em Napoles.

—Então sabe tudo. Toque, e viva!

Mas em Veneza, a terra poetica por excellencia, era baixo, era vil de mais o roubar; por isso lhes

lembrou tomarem qualquer emprego que pudesse ser-lhes lucrativo e ao mesmo tempo agradavel, emprego util para elles e util á sociedade. O governo austriaco, como toda a gente sabe e o leitor de certo não o ignora, empregava unicamente os seus; veneziano que conservasse n'alma a dôr profunda da desgraça da patria, e a esperança de que ella se libertaria um dia do jugo do estrangeiro, teria de ir vivendo das suas rendas ou das suas habilidades. Quem não tinha rendas nem habilidades, morria. Então um homem ha de deixar-se morrer assim, na flôr da vida, defronte d'aquelles soberbos palacios, que surgem do seio da agua em toda a sua ruina magestosa, no centro d'aquella cidade de marmore, poderosa e magnifica, que descança á superfice ondulosa do Oceano, cujas vagas vem quebrar-se nos lagedos dos monumentos? Morrer, n'aquella Veneza encantada, que ainda hoje, por entre a melancholia do seu infortunio, é o logar em que o tempo passa mais depressa, em que o amor é a unica religião, o prazer a unica e viva fé, em que as noites se allumiam com os raios suaves da lua e os dias scintilam em todo o explendor do sol, em que a desgraça simpathica d'essa antiga e soberba rainha do mar é amenisada pela alegria que os estrangeiros lhe levam de todos os sitios do mundo, visitando constantemente aquella formosissima cidade das phantasias e das visões!

Ah! Não sejamos crueis; seria necessario um ani-

mo sobrehumano para querer alli... Se a preguiça, que considero um sentimento especial das naturesas delicadas, se a preguiça tem direito—como todos os sentimentos sinceros—a ser respeitada, é no seio d'essa maravilha, d'esse sonho que se chama Veneza!

E se ha preguiça desculpavel, é a preguiça italiana. Como se ha de resistir ás blandicias d'aquella naturesa, á doçura amorosa d'aquelle clima? Todas as raças meridionaes gostam do descanço, e bem sabem que em Portugal os governos são quasi sempre os primeiros a presarem o silencio, a pachorra, e o desdem das coisas!

Os mandriões de praça publica em Veneza conhecem-se á legoa. Teem o seu casaquinho abotoado, o seu bonnet *á banda*, cabello para traz das orelhas, mãos nas algibeiras, olhar de maliciosa somnolencia, gravata velha e bota melancholica. Não são nenhuns maltrapilhos como os *lazzarones;* são cavalheiros *em más circumstancias*, que talvez já fossem rapazes, bonitos talvez, talvez alegres e extravagantes, quasi a separarem-se hoje das agitações da vida; borboletas no outomno ao fechar das azas...

Á hora em que os estrangeiros passeiam pela praça de S. Marcos, vão elles roçar pela gente e acompanharem-nos de cara voltada para o outro lado, parecendo contemplarem os pombos, as arcadas, os cafés, as lojas, os viandantes,—ao passo que nos vão dizendo:

—Quer tabaco turco?

E, logo depois do tabaco turco, como são bons homens e conhecem muita gente, vem a pêlo perguntarem-nos se já tivemos a distincção de ser apresentados a *la ornatissima signora Nene*, que quer dizer Elena, ou *la gentilissima signora* Catte, que quer dizer Cattineta, pessoas muito prendadas que por acaso elles conhecem e nós não, e a quem, como somos estrangeiros, se prestam hospitaleiramente a apresentar-nos. Que ha de extraordinario n'isto?! Quanto mais penso em tal, sinto que mais naturalmente deve desvanecer-se a imprudente indignação que de principio me inspiraram! Já não querem nada do amor, e não são egoistas impedindo os outros de serem felizes; passaram já a edade das illusões; conhecem que são feios, e que com a edade lhes tem escurecido o animo e a pelle: estão fuscos, estão de um amarello torrado, estão côr de um selim velho! A vida comtemplativa é o que lhes quadrava bem, mas precisam trabalhar para viver; —e trabalhar em que, se os austriacos os não empregam? A chuva, de mais a mais, vae de encontro á sua existencia de quietistas, obriga-os a sair do caes, rouba-lhes a vista do mar, da cathedral de S. Marcos, da *campanilla*, das gondolas; fal-os recolherem-se debaixo das arcadas; e para aturarem com paciencia os rigores do céo, que remedio senão entreterem-se com as meiguices terrestres, e darem a novidade aos estrangeiros de que a trança dos bas-

tos cabellos de *la divina* Annetta é côr d'aza de corvo, e que o pésinho de Giovanna calça o sapato de Cenerentola? A culpa d'elles se haverem perdido é toda da chuva e dos austriacos. Limitando as necessidades da vida á escacez de seus haveres, habituaram-se ao troco com que os estrangeiros os recompensam ou lhes comprem tabaco turco... ou não, tornaram-se cynicos sem terem consciencia disso, e o costume em que se puzeram de fragilidade e de indolencia leva-os a praticarem a philosophia de Diogenes... sem a ostentação do tonnel! *Poveretti! Poverini!*

A familia lastima-os, mas vive tão pobremente que não poderia inspirar-lhes grande estima pelo bem. A irmã e o outro irmão, se são bonitos, exercem a profissão de *modelo*, e servem alternadamente, perante os pintores, de Jupiter, Hercules, Venus, Magdalena, um biltre ou um santo, um tolo ou Socrates. O irmão vae para Florença ganhar a vida por este meio; e a irmã chega a Milão, e trepa para cima de um estrado e entrega o corpo ao estudo para ganhar o jantar ao pae e aos irmãos pequenos, borrachão que vive de rancho com os borrachinhos. As que não são tão formosas offerecem apenas á arte a perna, o braço ou o seio, por um pedaço de pão. Ás vezes penduram-as ao tecto, crucificam-as, enforcam-as, aproveitam-as para as scenas da inquisição. A esse tempo, o irmão que está em Veneza, o mandrião, o rufião, passeia indolentemente pela

praça de S. Marcos de bonnet á banda e mãos nas algibeiras, cantarolando uma trova no delicioso *dialecto* d'elles:

Tu sai bella, tu sai ziovane,
Tu sai fresca com'un fior;
Ven per tuttele sô lagreme;
Rid di addesso, e fá l'amor!

XXI

Palacio e hospedaria

Dormia Veneza ao murmurio das ondas, que lhe banhavam os pés de marmore: as luzes do caes dos Schiavoni, das janellas de alguns palacios que ainda são habitados, da Doganna di Mare, e do Rialto, tinham acabado de reflectir-se no canal grande. Nem viv'alma nas estreitas ruas, em que redemoinha a população veneziana; nenhum guitarrista em S. Marcos; nem um só grito de gondoleiro nos canaes. Estavam calados os sinos das trezentas egrejas; as mulheres não conversavam; acocoravam-se os pombos no cimo da cathedral. Nem uma lanterna, nem uma estrella, nem uma canção, nem um remo. Chovia—coisa detestavel e inutil: chover no mar!

Apesar disso, um viajante, que todavia não era poeta, teve a phantasia de abrir a janella, que dei-

tava para aquelle escuro deserto. Morava elle defronte de Santa Maria-della Salute, n'um dos quartos baixos d'um palacio que estava feito hospedaria. Cumpre declarar que não se entregou a meditação de nenhuma especie sobre a decadencia da cidade que o hospedava, e que de tantas tradições do passado unicamente sentiu a falta do carnaval e das moças. Passára a noite no café Florian, ao lado de dois officiaes cuja conversação acompanhára facilmente —porque não haviam dado palavra. Á hora em que todas as capitaes da Europa estavam a divertir-se, Veneza não podia offerecer uma hora de distracção a um estrangeiro, que tinha as mãos rotas e a bolsa bem provida.

Estava já para se recolher e fechar a janella, quando viu uma luz que vinha aproximando-se do fundo do canal grande. Era uma gondola que affastava lentamente as ondas, e lhe trazia ao ouvido a toada de principio longiqua e confusa de uma canção. O andar da gondola, para que assim o digâmos, era caprichoso e leve; sentia-se o remar de uma rapariga. Não tardou com effeito que o viajante pudesse avistar, ao reflexo da lanterna, formas femininas a debruçarem-se sobre o remo; a canção e o remar partiam da mesma pessoa; a barqueira vinha sósinha; a voz da moça tinha vibrações limpidas e sonoras ao mesclar-se com o murmurar da agua de encontro ao bote; balouçava e cadenceava o remo; mas, á medida que impellia a gondola, reprimia a

voz; houve até uma occasião em que pareceu chorar, e a canção foi como um suspiro. O bote passou mesmo encostado ao palacio; quando chegou ao canal pequeno do lado de S. Marcos, voltou de repente a esquina, e sumiu-se tudo: o sulco da barca, o reflexo da luz nas ondas, a canção suavissima, extinguiram-se ao mesmo tempo. Terminára o sonho.

Era devéras um sonho para o viajante. Formas que mal se avistam, palavras adivinhadas no ar, um vago raio de luz, mais nada. E haviam bastado essas apparencias para o encantarem. Parecera-lhe que aquelle nobre perfil, que passára diante de seus olhos, era o typo divino que os grandes poetas e os grandes pintores imaginam alguma vez na vida na breve miragem de uma inspiração transparente, mas que não conseguem nunca cantar nem pintar. Aquelles cabellos negros espalhados ao vento, aquella branca mão por entre a noite, a esbelta figura que se balanceava com o remo nos movimentos de um bailar requebrado, a voz pura e clara que sahia das nascentes mais cristalinas do coração, o desdem pelo frio e pela chuva, tudo era mysterioso, fugitivo e triste como um sonho perdido.

Luiz Augusto—assim se chamava o viajante—mergulhou por um momento n'essa comtemplação ideal. Debruçou-se pela janella fóra, a ver se avistava ainda a moça no canal, e estendeu os braços como para estreitar a apparição vaporosa. Finalmente, passados instantes de indefinidas saudades, pa-

receu despedir-se d'aquella imagem, fechou a janella, e cuidou ao correr as cortinas que não tornaria a ver o phantasma que o perseguia, assim como a gente deixa de avistar os actores em cahindo o panno.

O quarto que elle habitava era espaçoso e magnifico. Muitos retratos antigos, da brilhante escóla veneziana, pareciam olhal-o por cima das portas; por baixo de um escudo via-se um navio, cujo mastro grande ia perder-se na immensidade da sombra, e que, ao reflexo vacilante das luzes, parecia agitar-se como se o mar o balouçára. Dar-se ia o caso que algum doge houvesse morado alli? O quarto era digno disso.

Luiz Augusto foi sentar-se por baixo de um admiravel espelho de Veneza que tinha armas no alto da moldura, e reclinou a cabeça nas costas de uma cadeira gothica.

Duas palavras apenas a respeito d'elle; depois o conheceremos melhor em palavras e acções. Era um moço interessante, rico, distincto, a quem a educação não accrescentára quasi nada, que tinha grande inexperiencia no que respeita a artes e poesia, e ainda menos remorsos do que sciencia. Fòra-lhe a vida até alli uma festa explendida, sem lucta e sem saudade. Inconstante e livre, viajava esse ignorante prodigo e simpathico com o simples fim de mudar de horisonte, de provar de todos os fructos e de todas as mulheres. Nunca fizera mal a ninguem, por-

que tinha bom coração, e pouco bem havia feito na sua vida por não ter paciencia, mas era franco, animoso e alegre. Todas as amantes ficavam com saudades d'elle, porque esse demonio de enthusiasta frivolo escorregava-lhe nos braços como uma onda,

Sonhava, pois, Luiz Augusto sem dormir—pela primeira vez na sua vida. Sonhava com a barqueira esquiva, que assim levára na gondola caprichosa o unico desejo que elle havia formado sem poder satisfazer. Conquistador de amores faceis, estava furioso contra a pequena por ella não haver adivinhado que estendera os braços para a estreitar, furiosissimo contra a onda que levára a barca, e perfeitamente damnado com a noite que impedira a moça de o ver...

Mas ia apagar-se tal impressão na transparencia de sua imaginação frivola, quando ouviu um leve rumor; ergueu os olhos para o espelho que tinha por cima, viu abrir-se uma porta falsa, e surgir diante d'elle a visão encantadora do seu sonho, ella, realmente ella, de corpete preto e laço vermelho no pescoço, fechando a porta outra vez sem lhe importar com a luz e indo encostar-se pensativa á cadeira em que elle estava repotreado. Mais entregue á felicidade que á surpreza, o moço ajoelhou diante d'aquella figura luminosa, e só então—como se então apenas o houvera visto—a rapariga deu um grito e recuou para fugir.

Luiz Augusto passou-lhe um braço pela cintura,

chegou-a para si, e quiz beijal-a na testa; a moça esquivou-se, e por não ter força ou de estar com medo, caiu na cadeira.

—Oh! exclamou em italiano, não sabia que estivesse aqui, senhor. Perdôe. Este quarto estava sem hospede havia que tempos!

—Abençoada seja a agradavel visita, que entra assim pela parede como a luz pela janella! respondeu Luiz no melhor italiano que poude serzir para o caso, Veneza é a cidade das fadas! Valha-me Deos, gondoleira, eu deixo entrar mas não dou licença para sair...

E com ares de lhe impedir a passagem, foi-lhe fazendo festas, até que ella olhou para elle com uma reserva tão digna, que o moço percebeu que qualquer audacia seria brutalidade e parou contemplando-a extactico.

Ella redarguiu sorrindo:

—Veiu alta noite, de certo? Escolheu para asylo o velho palacio de meu pae? Fez bem; é a hospitalidade uma das leis da nossa familia. Acolho-o com alegria, porque me parece estrangeiro e distincto. Farei a diligencia de que não lhe falte nada, mas perdoará a insufficiencia da minha pobresa...

A surpresa de Luiz Augusto tocou o prodigio ao ouvir palavras taes. Reflexionou um instante, todavia, aproximou-se d'ella, e disse-lhe, depois de haver rido lá no seu interior do pasmo em que ficára:

—A menina é filha do sr. Brighela, dono da hospedaria?

Ella riu-se—mas com um desdem que lhe apertou um d'encontro ao outro os labios purpurinos; depois, pegou de um castiçal e levou-o até perto de um dos retratos pendurados na parede:

—Com quem se parece? disse.

—Quanto uma barba branca póde parecer-se com cabellos pretos, e a cabeça de um imperador com a fronte de um anjo, este retrato parece-se comsigo!

Tornou ella a pôr a luz onde estava, e respondeu com um tom de tristesa e orgulho:

—É meu avó paterno! E havia já doze gerações que este palacio pertencia aos seus antepassados...

—De maneira que estou aqui...

—Em minha casa, respondeu ella com um gesto graciosissimo. Nas gondolas, nas pontes, em S. Marcos, põem-se todos a rir quando eu fallo assim. Mas o senhor bem comprehende que em quanto estes telhados não cairem ao mar, pertencerá o palacio á filha dos que o edificaram. Porventura não está a historia da minha familia escripta aqui pedra por pedra? Não nos foi dado este palacio pela republica? Não viu este leito nascer e morrer Doges? As ondas que ahi correm por baixo, acaso levaram as memorias e imagens do passado? Póde alguem fazer com que a casa não pertença á historia, como o nome? Está em minha casa, sim; cuidaram elles

que com o insultarem-me á porta me impediam de vir todas as noites a este quarto, onde resôam ainda os ultimos suspiros de meu pae? Mas a morada antiga por si mesma se abre aos passos da filha da casa. Sei quaes são as paredes que tem portas falsas, e por que canaes subterraneos vinham as gondolas quando os doges voltavam do conselho. Póde crer-me, este palacio pertence-me como o mar pertence a Veneza, como o ninho á ave, como a vella ao vento. Bem vindo seja! A pobresa me deitou fóra d'aqui, e venderam o que era meu: mas meu continua a ser perante a historia da republica e a justiça de Deus!

Era lindissima a dizer aquillo; a fronte juvenil e nobre erguia-se-lhe altiva; Luiz Augusto sem tratar de a perceber, enthusiasmava-se com similhante loucura triste e desdenhosa. Sem analysar as impressões que tinha, sem saber se sonhava ou se estava acordado, deixava-se enlear, deixava-se attrahir:

—Seja quem fôr, disse, sinto a necessidade de saber o seu nome para o ligar á maior impressão da minha vida... Chama-se?

XXII

A gondoleira

—Chamo-me Dora, respondeu a moça; d'antes chamavam-me Lucciola, nome ridiculo para uma pobre rapariga obscura, cujas glorias de familia estão extinctas todas, Disse-me uma vez meu pae «Serás tu a luz que brilhe por entre a noite da nossa ruina, a noite de Venesa!» Mas não sou nada no mundo. Vou á noite pelos canaes fóra com a musica do meu coração e a luz da minha gondola. Dou um écco e um lampejo aos nossos monumentos, que vão caindo. Conheço a minha terra como o vento conhece a cathedral de S. Marcos. Eu lh'a mostrarei, se quizer, e tentarei por essa maneira dar-lhe a hospitalidade que lhe devo. Ámanhã terá a minha gondola á sua disposição, e por agora queira perdoar-me havel-o enfastiado com as minhas lamentações.

Dirigiu-se para a porta falsa, que dava para uma escada de onde se ouviam em baixo bater as ondas. Mas Luiz Augusto estava muito encantado já com a sua mysteriosa aventura para deixar a moça ir sósinha. Correu atrás d'ella, e, segurando-a, disse-lhe n'um tom respeitoso e supplicante:

—Oh! Dê-me já esta noite um logar na sua gondola! Antes de a ter visto, detestava eu Venesa; agora adoro-a! Deixe-me vêl-a por entre a luz dos seus olhos! Já não me aparto de si, ainda que tivesse de seguil-a a nado!

Ella hesitou por um instante; depois, socegada de certo pela physionomia alegre e sympathica do viajante, respondeu-lhe sorrindo:

—Promette portar-se com juiso?

—Grave como o respeito, devoto como a adoração!

—Causa-lhe medo a noite?

—Quando estou só, retrucou o moço.

—É patriota?

—Em se me pedindo o passaporte sou patriota logo!

—Siga-me então, e tome lá isto para o guiar no escuro.

E tirou a fita vermelha que lhe fluctuava em redor do pescoço, segurou uma das pontas e deu a outra a Luiz, que a beijou sem ella dar por tal. Chegaram ao fim da escada, onde estava amarrada a gondola. Dora saltou com uma ligeiresa graciosis-

sima, Luiz Augusto seguiu-a pulando com menos ousadia, e partiram juntos.

Já não chovia; quando chegaram ao canal grande, a lua que se erguia por cima da cruz latina do Palladio espalhava na agua e no marmore uma côr incendiada que a pouco e pouco se foi prateando. Dora remava e dirigia-se para os lados do Rialto. Luiz, encantado de principio com o quadro triste e magnifico que se lhe patenteava, e com a attitude seductora da moça, estendera-se na gondola, perdido n'um extasi que o dominaya tanto mais quanto lhe era menos familiar. Mas, de subito, como accordando, ficou envergonhado de consentir por similhante modo que a rapariga tivesse a fadiga toda, e, aproximando-se-lhe, tirou-lhe o remo. Sorriu-se ella, e disse reclinando maliciosamente a fronte airosa e gentil:

=*Vediamo!*

A primeira difficuldade que elle teve, foi conservar equilibrio na posição classica de gondoleiro; vencida essa Africa, mergulhou sem geito algum o remo na agua mas não achou pé, e fez para alli movimentos de quem quer ver se acerta. A gondola ligeira e agil obedecia a todos os impulsos, e como sem perceber o que lhe queriam, voltava-se para a direita e para a esquerda em ondulações caprichosas, por um triz que não se voltava ás vezes, e ia fazendo tudo menos andar. Dora teve dó do embaraço do moço, e depois de uma gargalhada que ac-

cordou o écco nos velhos marmores, pegou outra vez do remo que Luiz Augusto lhe entregou sem se fazer rogar.

—Famoso! disse ella. Vejo que não é capaz de nos fazer tomar um mergulho: empregou bem as suas diligencias, mas a *Gavia* não quer. Ah! Não é facil guiar as gondolas nem as raparigas de Veneza!

—Confesso-me derrotado, mas estou com dó de si. Se nós pudessemos chamar um gondoleiro!?

—A esta hora estão desertos os *traghetti*, e olhe que nenhuma outra mão que a sua havia jámais tocado n'este remo. A *Gavia* é tão suave e tão fina que a conduzo durante horas sem me cançar. Olhe! Não faço mais do que apontar-lhe o rumo...

E a gondola partiu como uma flecha sem que Dora parecesse fazer um unico movimento.

Luiz Augusto perdia-se em conjecturas. Quem era aquella rapariga, cheia de espirito, graciosa, encantadora, que com a poesia das suas saudades se aproximava da loucura? Era patricia? Indicava haver recebido uma educação em muitos pontos grosseira, e seus braços finos como os de uma creança tinham uma força pouco compativel com a ociosidade. Filha do povo? Fallava a lingua com extrema pureza, sem mescla do dialecto veneziano, destruindo completamente tal suspeita. De que lhe provinham a candura, a nobre altivez que a tornavam sagrada, verdadeira seducção de completa innocencia? Não encontrava resposta o moço a todas estas perguntas,

mas inflamava-se-lhe o coração e o espirito perturbava-se-lhe. Já lhe estava a dar cuidado o como havia de conseguir curar aquella rasão, que escurecêra n'um ponto. E mais não tinha animo de lhe roubar a crença ingenua, nem de lhe dar a perceber que o palacio de seus paes estava feito hospedaria. Elle que até esse instante tão descuidoso fôra da sua vida passada, analysava com seriedade as minimas palavras de Dora, e sentia uma sympathia irresistivel pela illusão da donzella.

Estava separado de Dora pela barraquinha fechada que constitue o centro da gondola, e que, graças ás cortinas e ás almofadas, é um retiro delicioso para um poeta com a sua musa, para um namorado com a sua amante. Encostou-se á varanda, como se diz em termo nautico, e olhou para ella á branca luz da lua.

—Não lhe faz mal fallar emquanto rema? perguntou.

—Não só fallo, mas canto.

—Pois então, se me considera digno de uma confidencia, se está persuadida de que as suas palavras não cáem no ouvido de um indifferente e que não é frivola a minha curiosidade, diga-me quem é, o que foi que houve no seu passado, que coisas adivinha na futuro. Seja boa até ao fim; preciso, sinto que preciso conhecel-a, e, se pudesse entender-me já acrescentaria que tenho direito a isso!

—Oh! retrucou ella, não me pede n'isso nenhum

mysterio grande. Toda a gente sabe a minha historia em Veneza, e qualquer gondoleiro lh'a poderá referir tão bem como eu. É triste, e mais não chora ninguem com ella senão eu!

—Cuida isso? E, a mim, parece-me que as suas lagrimas cairiam dos meus olhos!

—As lagrimas e o orvalho da noite, tudo se evapora com o sol! Pois, se o deseja, escute—mas torno a dizer-lhe que quasi que não é uma historia, é unicamente uma desgraça. Nasci no palacio Fabbiani, a que ainda agora chamou hospedaria. Meu pae era filho de um dos ultimos doges da republica; não estimava n'este mundo senão duas coisas, a sua terra e a sua filha. Quando se vendeu Veneza ao estrangeiro e o pavilhão da republica deixou de fluctuar no alto de S. Marcos, meu pae tentou de balde excitar nos corações venezianos a chamma ardente do patriotismo. N'isso se lhe gastou a vida, e n'isso perdeu seus haveres. Muitas vezes me dizia —«Os seculos antigos, os seculos de oiro e de gloria, vivem ainda nas paredes d'este palacio; em quanto elle tiver os Fabbiani por senhores, alguma coisa existirá da nossa republica porque teus filhos serão nobres como tu, grandes e justos como nossos avós! Conserva este palacio sempre, ouves? Será o ultimo sanctuario e o logar d'asylo da liberdade veneziana. A historia diz isto, e em tu vendo perpetuar-se uma tradição de edade em edade, é porque provém de Deus!» Isto me dizia meu pae, senhor,

e as suas palavras são a minha religião. Havia muito tempo que minha mãe lhe faltára, e não tinha outra filha senão eu.

Um dia, vieram prendel-o e metteram-o nas prisões de S. Marcos. Confiscaram-lhe os bens, venderam o palacio. Só no mundo, passei torturas a vêr se encontrava meio de o pôr em liberdade. Não tinha de meu senão esta gondola, em que logo ha de vêr as armas da minha familia. Habituei-me a guial-a, e a pouco e pouco aqui passei a minha vida!

A *Gavia* parecia gostar como eu dos canaes dormentes que se acercam da prisão em que estava encerrado o seu antigo dono. Ia para lá por si mesma, como se uma alma a guiára. Eu encostava-me ás muralhas, e estremecia de medo e de amor quando ouvia como que um suspiro longinquo, um ai desesperado, atravessal-as! Estava lá meu pae, e parecia-me encontrarem-se os nossos pensamentos!

Uma noite—estremeço de felicidade ainda!—estava no canal, ao vento e ao luar: vi mecher o muro, e sair pela janella um corpo magro e alquebrado. Recebi meu pae nos braços, ajoelhei, elle abençoou-me, beijou-me na testa, e partimos. Comprehendera-o: elle sentia apagar-se-lhe a luz, fizera esforços supremos não para ser livre mas para ir morrer, ultimo dos Fabbiani, no leito em que todos os Fabbiani haviam morrido. Fez-me meu pae um aceno: queria dizer que se considerava perdido, e que cumpria remar em direcção ao palacio. O palacio

estava deshabitado ainda. Entrámos pelo canal subterraneo que ainda ha pouco viu: quando chegámos á alcova em que o encontrei esta noite disse-me elle:—«Agora posso dar a alma a Deus. Morro na minha casa, como meus avós, os senadores e os doges. Lembra-te sempre das minhas ultimas palavras. Façam elles o que fizerem—este palacio pertence-te: dou-t'o. como meu pae m'o deu a mim. Ha dois seculos que se predisse a nossa ruina, mas a tradição venesiana annuncia uma virgem cujos olhos teem de descobrir um dia a porta do thesouro mysterioso; és tu; deves aqui vir todas as noutes até encontrares o que a canção das lagôas annuncia. Aqui tens a chave de que has de servir-te. Adeus, constancia e coragem!»

E arrastou-se até ao leito, fechou as cortinas para ficar só com a eternidade e com Deus, e, quando a aurora illuminou o quarto, meu pae expirou.

Desde esse tempo ando de luto, mas tenho uma esperança no coração; as palavras do moribundo nunca mais me saíram de dentro d'alma. Quero encontrar o thesouro, não para ser rica mas para entregar o palacio á historia. Todas as noites ando por alli ás escuras, como phantasma errante da familia. Ás vezes via-se correr uma luz pelas janellas de cima, e como o palacio não tinha gente e ninguem conhecia em Veneza a passagem secreta por onde entro, espalhou-se no povo o boato de que

a alma dos Fabbiani vem visitar as ruinas do seu solar. Em quanto a si, se quer ter dó de uma pobre rapariga que obedece a uma ordem suprema, não volte áquelle palacio; respeite o leito do ancião, e não se ria de uma memoria que me faz chorar!

—Oh! Não me haverá debalde encantado com as suas tristesas e as suas saudades. Sinto-me republicano desde que a escuto. Não voltarei ao palacio—se não para a acompanhar e para a defender!

—Não queria encadear o seu sorriso ás minhas lagrimas. Sabe que em Venesa me chamam louca, que me apontam com o dedo quando passo, que as mães affastam de mim as creanças, e os gondoleiros me perseguem a barca? E porque!? Porque tenho o orgulho de não querer cantar como elles, e porque sou pobre de mais para deixar de ser altiva. Aqui está o meu universo, o meu palacio, e os meus telhados. A minha gondola é quanto me ficou da riqueza de meus paes; não me aparto d'ella, e por isso me chamam doida. Vou andando ao acaso, que é como eu vivo; ando errante na cidade das ruinas, e vejo os explendores da rainha do Adriatico irem caindo agora um depois do outro no mar, de onde saíram! Batem as azas da vaga de encontro aos monumentos, e levam-os. Desapparece como uma miragem toda esta magia impossivel, que foi a gloria da minha familia; o mar sorri, e eu choro. Sou Veneza, Veneza vencida e morta; —não esteja parado ao pé de uma ruina!

XXIII

As gondolas

—E depois, proseguiu Dora, a minha vida é tão singular e fatal! Vou indo atraz do meu sonho como os poetas, como os que se namoram do ideal, como todos que morrem! Têem rasão de dizer que sou doida. Não me tiro da gondola, de noite, senão para ir a esse palacio que é a minha quimera. Não quer a filha dos doges ver Venesa de dia; trasborda-lhe o coração de maldições contra esses escravos, que assim se deixam aviltar sem tentarem a luta e a revolta. Aqui me fecho, á sombra das cortinas do barco, e amarro-o a algum caes deserto. Oiço d'aqui o murmurio da praça de S. Marcos, o tumultuar das ruas, as desordens dos gondoleiros, as canções dos amantes, os sinos das egrejas,

e as injurias da soldadesca austriaca. Como esses rumores me fazem todos mal, procuro esquecel-os dormindo, e vejo a Venesa que o sol aluniava ha duzentos annos. De principio, vinham perturbar-me o somno; inquietava-os esta vida differente da dos outros; até no barco me insultavam. A pouco e pouco foram acostumando-se a considerar-me como louca; respeitaram em fim a enfermidade da minha intelligencia, e deixam-me só. Passam as ondas, passam as horas, até que a noite chega. Então recomeça o meu rumo; sei quantas estrellas se avistam de cada canal, quaes as pontes que a lua prateia, como é que as brisas fazem gemer os sinos, a que logares vão os namorados procurar as gondolas, debaixo de que janellas se toca guitarra, e em que ruas se armam embuscadas. Conheço os ruidos todos, as luzes, e as sombras de Venesa durante a noite. E em se fechando as janellas, em o canal grande estando deserto, em tudo estando a dormir entro no palacio, procuro, invento, recordo-me, desespero-me, digo a lenda de cór, estudo os mysterios todos d'estes muros velhos, reso á madonna, encho-me de animo, e não encontro nada. Conformando-me então com a minha sorte e com a minha missão, digo entre mim que ámanhã será, e ámanhã vae sendo como hoje. Oh! insisto em lhe dizer isto, não queira distrair-me da minha sina fatal; esqueça-se d'esta creança importuna que o não deixou dormir, e unicamente, quando lhe disserem que sou doida, res-

ponda lá no seu coração que sou devota, fiel e infeliz!

—Pois olhe, Dora, replicou Luiz Augusto que a escutára com paixão e que sentia trasbordar-lhe o coração convencido. Não dou ouvidos á desgraça de consagrar-me a si, de a auxiliar nas suas pesquizas, de a consolar, de deixar ir a minha alma ao encanto que a leva para si. Eu andava errante na vida; era inutil, e era egoista, não sentia nada. Desde o nosso encontro estremeceu-me o peito, estimo a nobreza, a virtude, tudo de que ahi fallou; dormia, e agora vivo, sonhava e acordei; quasi ignorava o sentimento da patria, e adoro agora a minha atravez da sua. Que o queira ou não queira, sou seu, bebo-lhe os pensamentos, respiro-lhe o ar, sou o sulco da sua gondola!

Ella parou, contemplou-o por um instante; depois, puchando o remo com força e escorregando pelo canal adiante:

—Não quero que participe da minha desventura, lhe disse. Assim que fôr dia, dir-me-ha adeus. Não nos veremos mais, e terá de esquecer-me. Não ha de ser difficil; fujo como as sombras, como a noite. Não fallemos agora nem do passado nem do futuro. Viemos ver Veneza ao luar: olhe para ella, e veja-a!

Havia tanta melancholia no accentuar destas palavras ultimas, que Luiz cuidou por um instante que a donzella se sentia estremecer como elle de invo-

luntaria sympathia. Surriu-lhe a esperança, e, para melhor descobrir a verdade, respondeu:

—Sei que não póde entender-me e que a sua innocencia é tanta que nem lhe deixa admittir o encanto irresistivel da sua formosura; sei que é suspeito sempre coração que tão depressa se incendeia, mas tambem sei que transformou todo o meu ser, que me faz tremer o som da sua voz, e que os instantes rapidos que temos passado juntos me deram maiores sensações de que todos os annos da minha mocidade! Dora, em nome do socego religioso d'esta noite, em nome do que ha de santo n'um juramento feito á luz d'este luar divino, creia-me, amo-a!

—E eu, replicou ella voltando á sua natureza altiva, tenho dó de si. Pôde ser que não seja sufficientemente nobre para a neta de um doge, mas é com certeza rico em demazia para a pobre de uma gondoleira. Consagrei a minha vida a um empenho fatal ou a uma solidão tristissima, mas gloriosa á luz do dever; não, isso nunca!...

N'essa occasião a gondola entrára no canal estreito que vae da Calle dello Speziale e passa por baixo da ponte de Donna Onesta. Estava tudo ás escuras, quando subitamente brilharam ondas de luz na extremidade do canal. Ouviu-se uma explosão de gargalhadas e de canções n'um barco illuminado que ia passando.

—Ai! exclamou Dora assustada, é a gondola de

Roncari. Atira-me uma injuria de cada vez que me encontra; verá que hão de insultar-me!

—Insultal-a! bradou Luiz. Esquece-se de que estou aqui.

—Não tem armas, e elles veem armados. Se me ama, como disse, não faça a menor tentativa, não diga nada, e esconda-se com esta cobertura.

Era tão decisiva a phrase de Dora, que o moço, obedeceu sem fazer a mais leve observação. A rapariga saltou de um pulo á prôa do barco e impelliu-o, mas a outra gondola, á força de remos, alcançou-a n'um momento. Ia remando um homem moço, o tal que ella designára pelo nome de Roncari, e que levava comsigo no barco uma mulher e uns companheiros, que tinham ares de voltarem de alguma orgia. Quando conheceu a gondola de Dora, atravessou a sua por forma que lhe impedisse a passagem.

—Olá! gritou. Então já não te lembras, Dora, dos usos de Veneza? Não me disseste *Oe castali!* (grito de que se servem os gondoleiros para não abalroarem). Tiveste receio de que te conhecesse a voz? Pois, minha rica filha, não se passa assim; tens que vir a bordo, ou deixar-nos a nós ir fazer visita ao teu barco!

—Já não resta em Veneza senão a liberdade dos canaes, Roncari! Deixa-me essa ao menos, e segue o teu caminho!

—*Per Bacco!* redarguiu o outro. Essa é nova! Rapazes, a Dora tem um amante. Vejam!

E com a pá do remo levantou a manta que cobria Luiz Augusto. Este, erguendo-se impetuosamente, deitou-lhe a mão, mas Dora por um movimento rapido fez recuar a gondola e o moço largou o remo.

—Ainda ha pouco era a brincar, Dora, mas agora estou fallando serio, retorquiu Roncari. Escuta; temos para ahi supportado os teus desdens e consentido que a mais formosa rapariga das lagôas não escolhesse namorado d'entre nós, mas não é para darmos licença que te divirtas á nossa custa passeando de gondola, ao luar, com um estrangeiro. Visto que tens amantes, tambem queremos o quinhão que nos é devido, ou pelos menos conhecermos o favorito *il amicco favorito!*

E com o dizer isto pulou para saltar na gondola de Dora. Fez ella então, desesperada, um novo movimento, Roncari caiu no canal, e a gondola da moça poz-se ao largo.

Mas, da outra gondola choviam pragas. Dois homens a remarem levaram-a na pista da *Gavia* e antes que Luiz Augusto pudesse defender-se prenderam-o dois braços robustos e atiraram com elle para a gondola. Roncari foi nadando até lá. A rapariga teve apenas tempo de dizer a Luiz:

—Espere por mim, vá ganhando tempo e lembre-se das suas promessas; eu mentia ainda agora, tenho-as n'alma. Até sempre!

Remou com ancia e a *Gavia* desappareceu na sombra, como se tivesse azas.

—Ah! Miseraveis! gritou Luiz. Que mal lhes fez aquella rapariga?

—Já vê, respondeu Roncari sacudindo a agua do fato, que me custou cara a graça e que tomei um banho depois da cêa; sirva-me isto de desculpa. Que mal nos fez ella? É que andamos a requestal-a ha que seculos e não posso levar á paciencia que appareça diante de mim com um rival. Em quanto á pessoa do cavalheiro, não desejamos senão que nos traga alegria e que partilhe comnosco na patuscada. Tem-me ares de um companheiro agradavel, e como andamos de sucia lembrou-me que se havia de divertir mais na nossa companhia do que com aquelle morcego da patricia! Vamos cantar que é maravilha, e se gosta da Gattinára, minha amante, que aqui lhe apresento, está á sua disposição!

Luiz, entregue todo á sua paixão juvenil e casta, e com o perfume daquelle amor que lhe entrára no peito, respondeu apenas com um gesto desdenhoso.

—Ah! retrucou Roncari. Não a acha a seu gosto?

E, pegando de um archote, innundou de luz a Gattinára, que se surriu.

—Queira ver! Por ventura illuminou já uma festa com a sua formosura alguma rapariga mais bonita que esta! Cabe-lhe a cintura no annel que os ratões dos doges atiravam ao mar. Em ella abrindo estes olhos azues, vê a gente o ceo; quando abre os braços, é de uma pessoa querer morrer alli; e se entra n'um museu empallidece a Fornarina, e Mag-

dalena do Ticiano sente-se incommodada. Faça favor de olhar para ella, e diga-me que tal a acha?

O moço não pôde deixar de olhar, e aqui para nós, foi de opinião que a pequena era de lei, mas lá lhe fugia sempre a idéa com enthusiasmo religiosissimo para a pobre Dora, que lhe levára a alma.

—Homem! continuou Roncari. Dar-se-ha caso que só eu é que não seja capaz de guardar rancor? Por um triz que não me affogou ainda agora, e ainda em cima vejo-o de má catadura! Co'a breca, o senhor não póde estar namorado seriamente da Dora? Eu tive o gosto de o vêr antes d'hontem, quando o senhor chegou; andou por ahi hontem e hoje como quem nem está para viver nem para morrer, e a pequena não podia de subito arrombar-lhe o peito! Veio a Veneza para se divertir, e presumo que não lhe será facil encontrar maior alegria, e melhor hospitalidade de que na nossa companhia. Venha hoje comnosco, e ámanhã pôl-o-hemos em liberdade, e irá para a Dora ou para onde bem lhe pareça. Sou o gondoleiro Roncari, ganhei ahi um dinheirito na regata, e ando a vêr se o gasto. Aproveite, e cara alegre! Deita vinho nos copos, Beppo! E tu, Gattinára, canta uma trova!

A rapariga pegou na guitarra, que lhe estava aos pés, e cantou uma canção que recordava as grandesas de Veneza, as desgraças que a oprimiam, e as esperanças de guerra.

—Alto! disse-lhe Roncari. Isso não são graças. Os canaes estão desertos, mas os austriacos podem

estar accordados. Que diabo de mania essa de lamuriar a patria! A mim não me faz móssa o jugo do estrangeiro com tanto que me deixem levar vida airada. Quando se é livre, é que é preciso ser sério. Que importa lá a escravidão em havendo dinheiro, que é a melhor liberdade que ha!?

Roncari dizia isso por mofa? Não soube Luiz Augusto adivinhal-o; mas admirou-se do ar independente e ousado d'aquelle homem, que com tanta arrogancia proclamava o seu aviltamento.

—Continúa a estar zangado? disse-lhe Roncari.

—Não me sinto muito disposto a rir, não. Fizeram-me prisioneiro sem eu saber porquê. Não se impõe a ninguem o divertir-se, e não lhes fico agradecido por me obrigarem a tomar parte da sua folgança. Vejo que estão contentes da sua vida, não discuto esse bom humor, e é possivel que n'outra occasião, quando os conheça mais, partilhe d'essa alegria. Por esta noite não me obrigem a continuar aqui, e larguem-me em terra quanto antes.

—Está-me custando não poder cumprir as suas ordens, mas resolvemos castigar esta noite o vencedor da Dora, e o castigo é offerecer-lhe para cear comnosco e fazer a côrte á Gattinára.

—Roncari, disse a rapariga interrompendo o dizer do amante, é já a segunda vez que te atreves a dispôr de mim sem me consultares. Este senhor não se propõe a prestar-me as suas homenagens, e ainda está para saber se eu estaria resolvida a acceitar-lhas!

—Pois então, retrucou Roncari, é porque nos enganámos com o companheiro; vive nas lagôas a dizer finezas a uma doidita que lhe conta historias da caróchinha, e não faz caso da mais bonita rapariga de Veneza! Queira perdoar o cavalheiro, se por ventura já tem ordens menores; se a nossa companhia causa assombro á candura de seus costumes!

O diacho do Luiz picou-se com a graça, viu que o estavam a desafiar, teve medo do ridiculo, pareceu-lhe que estava fazendo um papel comico, disse comsigo que mais valia terminar por uma extravagancia aquella noite phantastica, reparou que a Gattinára era boa moça, os habitos de sua vida levavam-o insensivelmente para a inconstancia e não se sentia curado de todo, e depois bebera um maldito vinho que lhe subira á cabeça...

XXIV

A ilha de Torcello

—Leve a breca tristesas! exclamou Luiz. Acceito o que me offerecem; acceito a Gattinara, que sempre ha de ser menos cruel do que ainda agora disse; acceito a ceia, e ámanhã á noite os convidarei para outra. Remem lá para terra, e vamos para onde mais gostem!

Os gondoleiros, entorpecidos já da orgia e estirados no barco, não queriam saber do que se passava; Roncari travou do remo e voltou costas; Luiz Augusto chegou-se mais para a Gattinara.

—Esteja quieto, disse-lhe ella; Roncari está no seu direito de não me querer já, mas o que não póde é dispór de mim com quem lhe pareça...

—Com quem lhe pareça? É porque não tenho

ares de cavalheiro, e valho menos por acaso que todos estes que ahi estão?

—Não hei de ser eu que me entregue a quem de principio me desdenhou!

—Ai, não!? Quanto hei de dar, para que não tornes a dizer isso? pede por bocca; sou generoso!

Os olhos da Gattinara brilharam na sombra.

—É mau systema para me alcançar insultar-me. Se eu devéras pudesse crêr que lhe pareço bem...

—Vamos a ver se este annel t'o diz!

E Luiz tirou do dedo um brilhante magnifico, que a Gattinara havia olhado já.

—Dá-m'o? perguntou a moça.

—Dou, com a condição de eu proprio t'o metter no dedo!

Chegou-se a Gattinara para perto de uma das luzes da gondola, affirmou-se no annel, e atirou-o desdenhosamente ao canal.

—Que é isso! exclamou Luiz, profundamente pasmado, temos aqui Pisistrato! Deitar fóra um bocado da felicidade!

—Ainda me fica bastante, porque agora estou convencida. Provei-lhe que sei sentir-me de um ultrage, e o cavalheiro acaba de dar-me provas de que sabe remediar o mal que pratica—estamos quites.

A cortezã fizera a sua vontade; levára a moço a esquecer quanto podia affastal-os; estava elle a seus pés, n'uma attitude mais preguiçosa que apaixona-

da; a gondola balouçava-lhe devagarinho a imprudente ebriedade; espalhavam-lhe em redor um perfume perfido as flores que a Gattinara tinha na cabeça; as luzes reflectiam-se na agua dormente e nos palacios por onde roçava a barca; a voz sonora de Roncari balouçava uma canção; já não apparecia a Luiz Augusto a imagem de Dora senão vagamente e n'uns longes... Chegaram á ilha de Torcello, onde tencionavam ceiar.

Pelo que respeita a Dora, tão depressa se viu livre de Roncari teve logo um sentimento de escrupulo pela confissão que fizera a Luiz. Sahira-lhe do coração aquelle grito, mas sentiu depois que haveria sido mais digno d'ella contel-o e callar-se. A graça caprichosa do moço, a expressão espontanea e franca do amor que lhe inspirára, e que elle tinha desde logo revelado com a ingenuidade de uma boa alma, impressionára-a, mas dedicada toda como andava a uma missão austera não lhe cumpria porventura repellir de seus sonhos o amor? Poderiam accaso approvar seu pae proscripto e os doges seus avós, que a ultima dos Fabbian se namorasse subitamente assim de um estranho a quem nem sequer sabia o nome, e de tal forma sacrificasse aquella especie de empreitada solemne?

Accusava-se com energia a si propria, mas amava, mas estremecia ainda ao recordar-se d'aquella noite de expansões e de confidencias, e o namorado invocára com fé os astros do ceo, e lembrava-

se... lembrava-se assustada do que poderia succeder a Luiz na ilha de Torcello!

Sabia que existia de ha muito em Veneza uma associação formidanda, com a qual a policia austriaca fazia a vista grossa—talvez por não a poder combater. Grande numero de filhos familias havia reunido os restos de seus patrimonios, e sem mais motivo de principio do que um grandissimo desalento politico, tinha formado uma sociedade cujo primeiro fim fôra o prazer e a folia. Sempre embarcados, animando os canaes desertos n'uma festa que nunca acabava, chamavam-lhes os gondoleiros negros, *i gondolieri neri*, por causa de uma fita preta que usavam em ar de cinta. Passavam pomposamente, com corôas de flores na cabeça, petulantes de luxo, fazendo grande alarido, em pé nos barcos, de cabeça erguida e sorriso nos labios. Parodiavam os costumes antigos, os antigos explendores da patria escrava. Tinham attrahido com a sua mocidade resplendente e prodiga umas poucas de mulheres, em cujas veias corria o sangue das cortezãs rainhas da Veneza de outros tempos. Todavia, a pouco e pouco, foi aquelle oiro todo caindo ao mar; era preciso mais, para proseguir n'uma vida de tão escandalosos triumphos. Foi então que Roncari, filho aventuroso das lagôas, se offereceu á sociedade dos gondoleiros negros.

A decadencia politica de Veneza levava-lhe todos os dias viajantes novos, que iam contemplar a ago-

nia d'aquella regia condemnada. Não seria possivel encontrar entre elles, alguns que sacrificassem parte da sua fortuna a toda a casta de prazeres agradaveis? Alguns se acharam, e a associação de que Roncari estava feito chefe sorveu novos patrimonios, que vinham fresquinhos do estrangeiro. Tinha o governo espiões na sociedade dos gondoleiros? O povo dizia que sim, mas tolerava-os como tolera tudo —aquelle infeliz povo, coitado; e os gondoleiros negros iam percorrendo os canaes a seu bel prazer todas as noites, e variavam de pretextos para apanharem os viajantes. Taes laços armavam ás victimas, que não lhes davam a liberdade sem as haverem empobrecido. Citavam-se até alguns moços que tinham morrido d'aquellas orgias habilissimas por haverem tentado sacudir o jugo, e a quem por castigo tinham matado com prazeres.

Dora sabia isso tudo, e, em quanto remava na direcção do mar alto, ia murmurando:

—Perdido, estará perdido o pobre moço, se lhe não acudo e o deixo com aquelles infames. É o primeiro que entende que a minha dedicação filial é respeitavel, havia sinceridade no que elle me dizia do seu amor. Quem sabe se já haverão tido tempo de perverter-lhe o animo? Talvez que elle já não tenha tão santa confiança nas palavras da filha das lagôas. E hei de enterrar o meu sonho, se assim fôr, suffocal-o, esquecel-o, mas mostrar-lhe ao menos em que abysmo vae perder-se, e salval-o, ain-

da que eu morra sem cumprir o que jurei a meu pae!

A *Gavia* ia vogando para a ilha de Torcello. Dora, estremecendo de medo e d'amor, saltou á praia. Resplandecia na sua festa de todas as noites o palacio dos gondoleiros, situado a cem passos do mar. Pelas janellas abertas vinha um murmurio de palavras confusas, o motim do tocar dos copos, os ultimos sons das canções, e umas vagas exhalações de vinhos, de perfumes, e de flôres...

A donzella, antes de entrar alli, encommendou a sua alma a Deus. Bateu á porta; os criados occupados com o serviço não fizeram caso; mas, assim que a conheceram, mandaram-a embora tratando-a de: Maluca! Maluca! Chorou e implorou, mas como a repelliam com violencia, estava já para gritar por Luiz Augusto com toda a desesperação da sua alma, quando se ouviu o motim de uma desordem. A lucta não foi longa, ouviu-se logo uma canção na sala da festa, e appareceu Roncari com um homem ferido nos braços.

O que se tinha passado, fôra que Luiz Augusto sentado á mesa ao lado de Gattinára respirava duas chammas a um tempo, a do vinho de Asti que tinha no copo, e a do olhar ardente que o queimava nos olhos pretos da cortesã. Os convivas eram alegres, moços, e loucãos; os ditos galantes brilhavam como o christal e as porcelanas espalhados sobre a toalha. A liberdade que sorri ao bebedor dava a cada um

o seu quinhão de alegria commoda e facil... De quando em quando, nos raros intervallos das risadas e dos descantes, o mar batendo nas paredes do palacio enviava á festa os suspiros sonoros das vagas... Nas janellas sorria a noite estrellada, os perfumes embriagavam aquelle sonhar acordado das orgias, a brisa fazia estremecer a um tempo as luzes e os collos nus...

As mulheres eram todas formosas, e Luiz Augusto tinha a mais formosa de todas. Dizia elle comsigo, na penumbra da sua rasão:

—Por fim de tudo, é uma noite magnifica! Aqui está Veneza, como eu a julgava impossivel ha poucas horas ainda na alcôva do palacio velho! Vivam as horas que vão batendo no relogio de S. Marcos, mais as cidades que expiram em festas d'estas! Viva, ó Gattinára, viva a tua alegria que me pertence!

—Alto! interrompeu um, que lhe ficava ao lado. Mais devagar!

O moço ponderou então que havia pensado em voz alta, e olhou com altivez para o interruptor, que tinha uns bigodes grandes e um olhar de matamoiros.

—Mau! exclamou Roncari. Quer ter novas rixas pela Gattinára, marquez, sabendo que ella não quer nada de si?! Ninguem me póde privar de a offerecer a quem bem me pareça, e este moço, na qualidade de meu hospede, não consinto eu que ninguem lhe toque!

—Visto isso, redarguiu o tal a quem chamavam marquez, póde aqui a insolencia d'este cavalheiro pôr-se á capa da tua protecção?! É um insulto que me faz, escolher para manceba uma mulher a quem eu amo!

—O insolente n'este caso, exclamou Luiz Augusto erguendo-se, é o que vem provocar-me e ousa pôr em duvida a minha coragem. Sempre quero conhecer a d'elle!

E, ao mesmo tempo correu para um tropheu de armas, que estava pendurado na parede, travou de uma espada e arremeçou outra aos pés do marquez.

—Imprudente! gritou Roncari. O duello é crime de morte em Veneza, e se por desgraça ferires esse cavalheiro vêr-te-has obrigado a esconder-te entre nós por mais tempo do que te faz conta!

—Embora! exclamou o moço com enthusiasmo. A perspectiva não é de metter medo. Defenda-se, marquez, e lembre-se que está a Gattinára nas pontas das nossas espadas!

As espadas crusaram-se, e giraram por instantes n'um circulo de fogo; a vantagem, porém, era de Luiz Augusto, que obrigou o marquez a recuar, e que, atravessando-lhe um hombro, o pregou na parede chato como um cartaz.

XXV

Dora

Fez-se pallido o moço por um momento, e volvendo em seguida a vista para a Gattinára que se mostrára assustadissima, disse-lhe:

—É o festim das bôdas! Eras tão formosa que não podia deixar uma pessoa de fazer a sua diligencia por te merecer!

E foi sentar-se novamente ao lado d'ella, entre bravos, acclamações, e hymnos, emquanto Roncari levava em braços o pobre homem do marquez, que parecia ferido mortalmente.

Foi então que Dora avistou Roncari. Fez-lhe signal, e elle foi fallar-lhe depois de ter posto o homem ao collo dos criados.

—Não se admire de ver-me aqui, disse-lhe ella; para aqui me atirou o destino, apesar das injustiças

que aqui me esperam. De cada vez que me tem encontrado nos canaes tem-me sempre tratado como inimigo, Roncari, a mim, pobre, fraca, e sósinha; não me lembra haver-lhe feito mal, e nunca pedi senão um logarsinho para a minha gondola, uma restia de sol para me seccar os cabellos, e que me deixem ir vivendo como Deus manda sem se importarem comigo—em vez de me apontarem ao dedo, ou de, como já n'uma occasião, me ameaçarem de me batter com o remo. Apesar de todos os ultrages, não posso esquecer, Roncari, que ambos somos filhos de Veneza, e venho pedir-lhe um favor.

—Ouve, redarguiu elle; bem sei que o meu comportamento foi duro e injusto; mas deves lembrar-te do tempo em que, ainda com a consciencia sem mancha, chegava ao pé de ti e me faltava o animo de dizer-te quanto te queria. N'essa epoca, com um surriso pelo qual eu haveria dado a minha alma, com uma esperança que nunca me quizeste dar, podias haver feito de mim um homem de bem. Não sonhava com outras venturas senão de morar na mesma casinha comtigo, termos um barco onde emballassemos nossos filhos, um viver humilde em que amassemos, soffressemos, resassemos juntos. Que altiva, que desdenhosa eras n'esse tempo! Como a filha dos doges humilhava o gondoleiro! Agora, recordo-me e vingo-me. Mas é cobarde este procedimento com uma mulher, e não tornarei mais... Que

queres tu? Se não me pedires impossiveis, dir-te-hei que sim.

—Ver por cinco minutos esse moço, que vocés assaltaram esta noite.

—Ah! retrucou elle. Com que então este agora aqueceu-te esse coração de pedra? Pedes muito, Dora.

—Mas estou prompta a pagar, replicou a moça com altivez e com tristeza; não tenho mais nada n'este mundo senão a *Gavia;* dou-lh'a, se me deixarem fallar ao viajante.

—Morres de amores por elle! atalhou Roncari. A *Gavia*, que é a tua vida! Deixal-a; é a melhor gondola de Veneza, e com ella não tenho eu medo de ninguem nas regatas. Acceito. E agora que nos chegámos á falla, pódes continuar a apparecer nos canaes sem susto.

Ella olhou com saudade para a gondola, e disse tristemente:

—Nunca mais!

Roncari foi direito a Luiz Augusto e deu-lhe logo a noticia de que o procurava uma mulher.

—Uma mulher! retrucou elle. Em Veneza não ha mais do que uma, que é a Gattinára! Queira dizer-lhe que tenho a noite tomada.

—*Excellencia*, é a Dora que o está esperando.

Áquelle nome o moço ergueu-se de um salto: fez-se pallido e encarnado em menos de um segundo; volveu o olhar para o ponto do ceo que se

avistava pela janella, e depois de cobrir os convivas com uma vista de indiffinivel desdem, partiu como um relampago.

—Co'os diabos, meditou Roncari, vou fazer de tolo com esta generosidade toda! Nada; vamos a isto depressa!

Desceu, foi-se a uma das gondolas que estavam presas á amarra, tirou um cadeado, sumiu-se na sombra até á *Gavia*, que estava presa por uma corrente enrolada n'uma argola, poz-lhe o cadeado, e desappareceu antes de Dora e Luiz haverem tido tempo de o ver.

Dora pegou da mão ao moço, levou-o para a gondola, sentou-o ao lado de si sem lhe dizer nada. Hia a annunciar-se apenas a aurora por uma brisa mais fresca, que enrugava o mar.

—Está com frio? lhe disse. Lá em cima estava melhor, não é assim?

—Oh! respondeu elle como suffocado, perdoe-me!

—Não quero arguil-o. Esqueceu-se no centro de toda aquella alegria da pobre rapariga que lhe havia aberto o seu coração. Devia succeder assim, e eu previra-o. Mas cumpre que lhe falle, e que o salve: escute.

E contou-lhe quanto sabia a respeito dos gondoleiros negros. Foi eloquente e mais que bonita, bella: inspirou-se com o luctо de Venesa e com a abjecção de escravos taes; o moço, convencido do que ouvia, pasmado do que o estava esperando, e ado-

rando-a tanto mais quanto a alma lhe estremecia com o amor que os receios da donzella revelavam, respondeu exasperado:

—Que hei de fazer? Pertenço-lhes, de certa fôrma. Insultou-me um d'esses miseraveis, feri-o mortalmente, e creio que...

—Não lhe dê cuidado, interrompeu ella com um sorriso desdenhoso; tudo isso é do programma delles, para o guardarem com medo de que os denunciasse. Uma comedia infame. Têem um actor para o papel de morto. Esse, a quem ainda agora matou, já tem morrido uma duzia de vezes, e em lhe sarando a ferida resuscita.

—Estou livre, visto isso, exclamou Luiz como se lhe tirassem um peso enorme de cima dos hombros. Vamos juntos procurar horas mais dôces, Dora; abençoado sejas, anjo da guarda que vens pela manhãsinha espalhar o sonho mau! Sejamos felizes, amemos-nos, partamos!

—Amemos-nos! replicou ella com um sorriso que escondia lagrimas. Ainda ha pouco não havia entre nós senão o meu destino; agora ha o ter-se tão depressa esquecido de mim. Partamos. Esta gondola já não é minha.

—Quê! *A Gavia?*

—Não havia remedio senão comprar o direito de o salvar.

Luiz atirou a bolsa á praia.

—Restituo-lha eu! exclamou.

Depois, febrilmente, interrompeu-se a cada palavra para apertar n'uma convulsão as mãos de Dora.

—Não me ama, e para não me deixar gastar parte da minha fortuna e uns annos de vida, priva-se do seu unico asylo, da sua esperança, das suas telhas,—a gondola, herança de seus paes! Não me ama, e por mim faz mais que uma mãe por um filho! Sacrifica-me a sua mocidade e a sua vida, renuncia a tudo, porque precisa da gondola para entrar de noite no velho palacio Fabbiani! Em que ha de ir agora, filha, por cima das ondas do Adriatico? Onde ha de esconder essa fronte linda, quando adormece, cançada da sua lida mysteriosa, para não vêr a patria a expirar! A *Gavia*, o seu mundo, a recordação do seu passado, a sua quimera do porvir! Não nos atormentemos com desconfianças crueis! Se me ama, não ha logar para si no mundo todo senão nos meus braços. Seja minha mulher, arranque-me d'estas trévas em que se me perdeu o juizo!

E cobria de beijos as mãos de Dora, que lhe voltava o rosto e respondia:

—Não! Deixe-me resistir ao surrir da vida. Ainda que eu o amasse como diz, não devia unir-me a si. Não é proprio o traje de noiva em quem tem de usar lucto eterno. Quando acabo de chorar pela nobresa da minha casa, choro por meu pae; depois de chorar por meu pae, tenho de chorar pela patria. Não queira para noiva quem está feita noiva das rui-

nas. Foi o meu palacio, esta gondola; será meu tumulo, já que m'a quer restituir. Nunca mais sairei d'ella!

—E eu serei seu hospede! disse o moço surrindo. Teremos por nosso o mar, a liberdade, e a morte!

E encostou o remo á praia para deitar o barco, que mal se mecheu; ouviu-se o rumor surdo da corrente de ferro; Dora olhou aterrada; estavam prisioneiros de nova traição do Roncari.

—Oh! exclamou a donzella; falle, falle de liberdade, e ouça em resposta o rumor d'essas cadeias!

—E não ha meio de escapar! redarguiu o moço exasperado. E d'ahi, deixal-os vir; se não me ama, se não me quer!

Dora escutou apenas a voz da paixão n'esse momento!

—Oiça, lhe disse, ha um meio, um só, e que Deus me perdôe se lanço mão d'elle. É o coração que me inspira, porque o destino me leva para si. Talvez seja uma superstição ridicula o que vou dizer-lhe, mas creio n'ella; em se estando em afflicção, já se tem fé nos milagres. Fallei-lhe de uma chave que meu pae me deu á hora da morte. Era a que devia abrir-me a porta mysteriosa que debalde procuro ha tanto tempo. Diz a tradicção da nossa familia, que ella só uma vez poderá servir. Aqui a tem, tentemos, tenho o pressentimento de que nos salvará!

Luiz Augusto olhou-a com gratidão religiosa.

—Lembre-se, Dora, de que me dá a sua vida n'essa chave!

—Pois, se é tua! respondeu ella, debruçando-se ajoelhada para a corrente de ferro.

A chave entrou. Roncari e a Gattinára appareceram n'essa occasião com archotes e correram á praia; mas a *Gavia* seguindo a curva das vagas, que o vento levava para Veneza, desappareceu n'um rego d'espuma, emquanto o moço respondia ás maldições de Roncari abraçando Dora.

Quando chegaram ao canal grande, ia a aurora a colorir os velhos telhados do palacio Fabbiani. *Il signor* Brighella estava á porta, pasmado de vêr voltar para casa um hospede, que não tinha visto saír.

—Quanto paga você d'este palacio, ó Brighella? gritou-lhe o moço.

Brighella hesitou em dar resposta.

—Quanto paga por esta hospedaria, se percebe melhor assim?

O locandeiro lá lhe disse o preço, e o moço offereceu-lhe, com grande acceitação do pactuante, o dôbro; ficaram justos.

Subiram o moço e a donzella para a alcôva em que principiou esta historia; e considerando em extase aquella peregrina formosura, que de dia ainda brilhava mais, disse-lhe elle:

—Enganei-te, Dora. Quando hontem á noite aqui vieste, vi eu logo o thesouro que procuras. A lenda

da tua familia tinha rasão. Queres vêr o que devia restituir-te o teu velho palacio? Olha!

Dora ergueu a vista na direcção que levava a mão de Luiz Augusto. Viu-se então, rubra e radiante, no espelho que elle lhe mostrava, e respondeu reclinando a fronte no hombro do moço:

—O thesouro, querido, é o nosso amor!

XXVI

Veneza

Deixêmos lá os criticos escabichar defeitos ao Palacio Ducal, que para os poetas, para os artistas, para toda a gente cuja imaginação se deleite em percorrer os periodos romanticos da edade média, é um edificio maravilhoso!

O palacio tem oito portas de entrada e toma parte da praça, da piazzeta e do canal grande; a magnificencia e ornatos dos porticos, a famosa escada dos gigantes, as alegorias dos pintores á gloria da republica, aos feitos d'armas, ao commercio d'outro tempo; as Venus venezianas, a sala onde se reunia o senado, a sala d'aquella quadrilha de Neros, que se chamava o Conselho dos Dez, em que ainda se vê o tribunal onde se sentavam os juizes, e a porta, que os *ciceroni* chamam *porta fatale*, por

onde a victima depois do julgamento, em segredo, saía para ninguem nunca mais a ver nem a escutar; a sala esplendida dos retratos dos Doges; a ponte dos suspiros, por onde passavam os condemnados a ultima vez que podiam olhar para o Adriatico, toda essa enorme confusão de grandeza e de horrores é o que faz com que similhante edificio, palacio de um lado e prisão do outro, seja um dos espectaculos mais curiosos de que ha memoria no mundo!

As cartas de recommendação que levei para Veneza serviram-me de muito; ao bibliothecario do palacio Ducal, o sr. Velutti, e ao secretario do Atheneu e director do Museu Carrer, o sr. Nicolo Barrosi, devo principalmente grandes favores de hospitalidade; a Italia, que é o reino da poesia e das artes, é tambem o paiz hospitaleiro e amavel por excellencia; o acolhimento ali é tão cheio de attenções, de confiança, de enthusiasmos, de benevolencia que facilmente se estabelece intimidade. Amavel gente! Povo em que logo se sente que vem de longe, que descende dos romanos, que foi grande, que é ainda bom, e que entre os nomes mais antigos da republica tem os nomes mais illustres da arte, paiz das formosuras, da graça voluptuosa e simples, da musica, e do amor!

Dei uns poucos de passeios com Barrozzi, por Veneza. Barrozzi—cavalheiro de trinta e tantos annos, pallido, grave, distincto, temperando a doçura da

Italia com a tristeza veneziana d'aquelle tempo— contava-me muitas coisas a respeito de Alexandre Dumas, que tinha estado ali tres mezes antes e que fôra seu companheiro effectivo. Dumas fizera uma *conferencia* no hotel da Europa, a dez tostões pouco mais ou menos a entrada, destinando o producto para os pobres depois de salvar as despezas do hotel; mas as despezas do hotel foram taes, que nem chegou para ellas o dinheiro que rendeu a conferencia. Deu depois um jantar em que elle foi o cosinheiro, *il cuoco;* veiu sentar-se á mesa dos seus convidados, entre acclamações, com o barretinho branco da cosinha e o avental; depois, no fim da festa, fez presente do avental á marqueza C*, e do barrete a Nicolau Barrozzi. Quando passeavam juntos, Barrozzi e Dumas, ia sempre Dumas pelo caminho a perguntar a Barrozzi parando diante de cada casa:

—Que crime aconteceu aqui?

—Qual foi a atrocidade, que aqui se praticou?

—Conte-me os horrores que se passaram n'esta vivenda?

—Diga lá a historia nefanda d'esta casa, ó Barrozzi?

E não havia maneira de o convencer que pudesse existir casa em Veneza onde algum crime monstruoso e romanesco não lhe tivesse, por assim dizer, preparado vinte volumes.

—Que diz, Barrozzi, pois esta casa não tem historia nefanda!

—Não tem, palavra de honra! respondia gravemente o secretario do Atheneu.

—É impossivel! retrocava Dumas.

Melhor do que com o grande romancista da França se accommodava commigo, no que respeita a indagações, o amavel veneziano. Iamos conversando despreoccupadamente, e apenas de vez em quando uma leve nuvem de tristeza assombreava o cavaco, quando encontravamos com a vista os soberbos palacios de marmore em que ainda me parecia que devessem morar os Foscarini e os Bembi dos tempos grandes e livres da republica, ou a *barca corriera* conduzindo um rancho de mulheres bonitas e de homens moços, cujos balbuciamentos suaves, cujo riso até fosse tudo melodia!

Durante o pouco tempo em que estive ali, dava-me Barrozzi suas lições de italiano, lendo eu uma ode que Piave me dedicára em Milão na vespera de eu partir para Veneza.

Conservo essa poesia como uma agradabilissima recordação d'Italia, e pondo de parte até o reconhecimento que me inspira a amavel offerta do poeta, tenho pela composição toda a estima de que ella é digna. Piave tem hoje sessenta annos, mas conserva a frescura, a graça, a mocidade de espirito de um poeta moço. É o melhor *librettista* da Italia, o amigo intimo de Verdi, o poeta das melhores operas. É o auctor d'aquella deliciosa *burleta* que tanto applaudimos este anno em S.

e la Comare. Todos os artistas teem por elle uma veneração especial, e a sua casa da rua de Buorgo-Nuovo 21, em Milão, á hora de visitas, é um verdadeiro viveiro de celebridades. É casado com uma senhora muito formosa e prendada, cuja bella voz forma muitas vezes o encanto de algumas *soirées* familiares, e tem uma filhinha que parece um anjo de Raphael.

Não resisto ao prazer de lhes dar a conhecer a excellente ode sobre Veneza, que Piave me fez a honra de offerecer-me:

Giunto alle sponde Adriache,
O nobil Lusitano,
Vedendo le reliquie
D'un popolo sovrano,
Di generoso palpito,
S'agiterà il tuo cor.

La face della storia,
Custode del passato,
Che th'a di nostre glorie
Si a lungo favellato
Ti mostri si soffribile
Sia d'oggi lo squallor.

Entra, e v'ammira altissime
Sorgere al ciel dall'onda
Torri, magioni, e cupole,
Ornar la doppia sponda
Del torto piano equoreo,
Che [illegible]

Vedi superbo, immobile.
Di Rivoalto il Ponte,
E il tetto dè due Foscari,
Che s'alza à lui di fronte,
E il tempio della Vergine
Ricordo di pietà.

Piazze vi scorgi a loggie
Mute dè lor monarchi,
Vedi di Dogi il gotico
Palazio dai cent'archi,
Cui fan corona i secoli
Ed é sgabello il mar.

Di là, nè dì chi furono,
Mandava il suo ruggito
Di Marco il fiero aligero,
E di Bisanzio il lito
Vide sue torri in cenere
E un cieco trionfar...

Ed or?... silenzio... mormora
Terribile pei cieli
Sconvolgitore uragano,
Che del futuro i veli
All' universo attonito
Alfine squarcierá...

Frante dalla sua folgore
Dell' adria le catene,
Venezia ancora sorgere
Vedremo dalle pene;
Ringiovanita splenderne
Vedremo le ...

Consorte allora al giubilo
Dell' itale sorelle
La mia ridenta Martire
Potrá seder fra quelle,
E immenso ne fia il gaudio
Quanto ne fu il dolor!

Oh i fati non avversino
Si fervido dessio!...
Colui che atterra e suscita,
Che dè soffrenti è il Dio
Con equa lance giudichi
Oppressi ed oppressor,

Quel di beato cantico
Intuonerò con Lei!...
Riggiungeranti al margine
Del Tago i versi miei!...
Dè Veneti il tripudio
Troverá un' eco in te!...

Quell' eco rammentandoti,
Gentile Lusitano,
Com 'oggi fra le lacrime
Non ho sperato invano
Ti fará lieto volgere
Un tuo pensiero a me.

O que em portuguez significa:

«Quando vires junto ás margens adriaticas os restos de um povo rei, o teu coração, ó nobre luzitano, palpitará de sentimentos generosos. Bem te mostra

a luz da historia, depositaria do passado e que tanto tem dito da nossa gloria, se é hoje possivel supportar-se esta agonia.

«Olha e admira como se levantam magestosas por entre as ondas, as torres, a casaria, as cupolas, adornando as duas margens da inclinada planicie maritima que divide a cidade. Olha para a soberba ponte do Rialto, e para a casa dos dois Foscari, que se lhe ergue fronteira, e para o templo da Virgem, monumento de piedade. Guiam-te as praças ás habitações silenciosas dos seus monarchas.

«Vê o palacio gothico dos doges, o palacio dos cem arcos, que se enflora com os seculos e tem por escabello o mar. Outr'ora dominou d'ali com o seu rugido o altivo allado de S. Marcos, e as praias bysantinas viram as suas torres em cinza, e o triumpho foi cégo. E agora? Silencio. Um tufão destruidor murmura terrivel pelos céos, e rasgará um dia os véos do futuro ante o universo attonito.

«Veremos Veneza ainda, quebradas as algemas, erguer-se rejuvenescida e explendida de formosura, e, associada ao jubilo das suas irmãs italicas, collocar-se entre ellas a libertada martyr, para que seja immensa a alegria como o tem sido a dôr! Oh! nunca o destino combateu desejo mais vehemente!

«Áquelle que devasta e anima, que é o Deus dos que soffrem, que julga os oppressos e os oppressores na balança da equidade, entoarei com ella n'esse dia um hymno de louvor! Seguir-te-hão meus ver-

sos até ás margens do Tejo, e os transportes dos venezianos encontrarão ecco em ti; ecco, que recordando-te, gentil lusitano, que não esperou debalde o meu pranto, ha de fazer-te volver para mim risonho o pensamento.»

Na ode de Piave está a vêr-se Veneza, a Veneza artistica, grandiosa, infeliz, aquella Veneza onde eu nunca fuí senhor de almoçar sem haver amparado a consciencia com quatro quadros do Ticiano e dois ou tres tectos de Paulo Veroneso.

Mas a ode além de todos os seus merecimentos, teve um inexcedivel para mim: animar Barrosi a fallar-me de litteratura... de litteratura portugueza! Conhece príncipalmente as obras de Rebello da Silva, escriptor com quem por vezes tem estado em correspondencia ácerca de investigações historicas, e os versos de Palmeirim, que merecidamente estima. Mandei-lhe ultimamente as *Canções da tarde* de Bulhão Pato: elle não conhecia este poeta e certamente folgará de o ler.

Pela conversação que tivemos, conclui que a litteratura na Italia não é uma fonte de receita muito superior á da nossa terra. Quasi que é preciso por lá ser rico para escrever. Da maior parte das vezes os auctores ficam muito bem contentes se os editores se encarregam de mandar imprimir as obras. Milão, Veneza, e Florença são as unicas cidades onde se pagam os manuscriptos; mas o preco nunca passa

de oito mil réis por folha de dezeseis paginas. Os talentos mais nobres da Italia não tiram do seu trabalho os proventos explendidos dos escriptores celebres de França ou Inglaterra. Pela traducção da *Iliada* deram a Monti cento e sessenta libras; Manzoni recebeu quarenta libras unicamente pelos seus popularissimos *Promessi Sposi*, que o livreiro Vicente Ferraris, de Milão, lhe comprou; e foram tambem quarenta libras o que recebeu Silvio Pellico, do livreiro de Turim, pela primeira e unica edição das suas *Pregioni*, tantas vezes reimpressas e traduzidas nos outros paizes.

Em Portugal—digamol-o aqui á puridade—isto de coisas litterarias não vae tão mal como podia ir, e os tremoços por emquanto, assim mesmo, continuam a vender-se mais baratos do que os manuscriptos!

Entretive-me ás vezes de manhã a catar os archivos no empenho de dar com algum achado que tivesse referencia a Portugal. Encontrei algumas coisas curiosas, duas principalmente, uma carta escripta de Lisboa ao Doge, em 1598, e uma deliberação secreta do Senado, mandando para Lisboa uma gondola.

Quando o Senado decidiu processar o desconhecido que havia sido preso em Padua, e dizia ser D. Sebastião, rei de Portugal, o embaixador de Hespanha em Veneza queria apoderar-se d'elle e fez ameaças no caso de não lhe ser entregue; a republica, porém, não tendo achado motivos para proce-

der contra elle, pol-o em liberdade, intimando-lhe apenas que saisse dos seus estados. Constou isso em Portugal, e eis a carta que d'aqui se escreveu ao Doge, e que copiei do original, que existe no archivo geral de Veneza:

Serenissimo Prinçepe

Eu entendi como vossa Exçelencia áverá de za nove mezes tem prezo hũ homé que dis ser' El Rey Dom' Sèbastiàõ Rey de Portugual. q̃ des apareseo na Batalha d'Alcacer en Africa pelejando contra os Mouros. a Instancia do Enbaixadôr del Rey de Castela e por q̃ depois de sua prizão são passadas muytas cousas no proçesso das quais emtendemós ser ò dito Rey, e polos sinaẽs q̃ à requérimento ou mandado de Vossa Ex.ª o Doutor frey Estevão de Sampayò pessoa de credito reputação, e virtuossos costumes, trouxe verdadeiros de Portugual, não quis deixar visto minha óbrigacão a isso me conpelir de advertir aos senhores Estados destas provincias unidas, a esperansa q̃ nos dava seer esté ho nosso verdadeiro Rey. E como Elles sempre deseyavão aliberdade deste Reyno polla gramde amizade q̃ senpre entre Elles e os Portugueses ouve, lhẽs pareceó ser' justo em tal caso escrever a Vossa Ex.ª a pedirlhe queira uzar de sua costumada justª: peraq̃ este prezo se veja ẽ exsamine, ho qual se na verdade fôr quem diz, Estes senhores sem duvida teraõ à maõ co' muyta Instançia en tudo ô q̃ se ô

feresser pera q̃ Elle seya Estabelecido em seus Reynos. Eu tão bem pollo sangue destes Reys de q̃ dessemdo e parentesco q̃ cõ estè tenho me obrigar, naõ quis deixar de lenbrar a Vossa Ex.ª a estreyta àmizade q̃ sempre co' Elles tiveraõ (E apromptidaõ q̃ nellas àcharaõ pera á conservassaõ e bem dessa Senhoriã) e pedirlhe queira uzar neste negocio co' a jultica e prudencia cõ q̃ Vossa Ex.ª se faz tanto nomear polo mundo, pera q̃ este homẽ se veya justifique e sayba a verdade, q̃ se não for q̃ hé. Portugual se naõ aballe, E seya causa na Cristandade de novas guerras e mizerias. Isto me moveo mandar esté gentil homẽ: q̃ foy del Rey meu Sñor e pay. q̃ santagloria aya, chamado Sebastião Figeira ô qual por se aver' achado cõ ó dito Rey na Batalha d'Alcacer, poderá enformar a Vossa Ex.ª como pessoa q̃ ó conhece dé idade de seis anos até se perder. E eu espero q̃ Vossa Ex.ª lhe dará credito no que diser por sér pessoa de quem El Rey meu sñor e pay tinha muyta confiansa ten doo ó Eu na mesma pola esperiencia que de sua fidilidade e verdade tenho. Ñosso Señor a serenissima pessõa Vossa Ex.ª guoarde por muytos ánõs pera conservaçaõ de seus Estados.

De Delffet 18 de setembro 1600.

DON EMANOEL

Ao Serenissimo Prinçipe Marino Grimano
Duque de Venezza.

Este D. Manuel, a quem Deus perdôe não ter apprendido a escrever melhor, era um dos filhos do Prior do Crato.

No archivo conservam-se muitas cartas dos nossos reis. A republica veneziana teve sempre boas relações com Portugal: não tinha embaixadores permanentes, mas mandava-os quando era preciso. O dr. Nicolau Erizzo leu já á academia de Veneza uma memoria, que ainda está inedita, sobre as relações de Veneza com Portugal, e o sr. Bartholomeu Cecchetti publicou ultimamente um trabalho *Una visita agli archivi della republica di Venesia*, que recebi haverá dois mezes e li com a attenção que merece, onde se encontra noticia copiosissima e sisudamente estudada das curiosidades do archivo, entre as quaes muitas ha que teem referencia á nossa terra.

A republica teve sempre um consul em Lisboa, que escrevia ao Senado tudo o que acontecia por cá. Por espaço de dois seculos foram estes consules da familia de appellido Moura, que depois foi nobre e se extinguiu n'este seculo, deixando uma notavel galeria de quadros, que pertence hoje ás duas familias Sacchi e Sernaggiotti.

Encontrei tambem nos archivos noticia de uma gondola que veiu para Portugal, ha muito tempo; as duas, que Sua Magestade a Rainha trouxe agora da sua viagem, não poderão porém encontrar essa companheira, porque ninguem me dá noticia de que no arsenal exista ou se saiba já de semelhante coisa. Eis a nota:

Portogallo—Dia XVIII febb 1501 (1502 m c) p. 203 t. Deliberazioni del Senato (secreto).

Sapientis Consilio

El fò delibero altre volte in questo Conseio che mandar sa dovesse una gondola fornita de tutte sua casse necessarie al Serenessimo re di Portogallo, cosi desiderando la maestà sua. E perchà dicta gondola se attrova compita nel nostro arsenal et hora se attrova comodo passazo de poterla condur de li cum le nave che cargano in questà città nostra per Lisbona: S'anderà parte che dicta gondola sia altanto mandada al dicto Serenessimo re et per maggor satisfaction suà et honor de la Signoria nostra farseli debi un *felze* de restagno d'oro, da esser apresentado a Sua Maestà la dicta gondola per lo ambassador nostro existente deli.—De parto 73 (mesar).

Girolamo de la da Pesaro—marco Babani—M. A. Marasiani—Aloisia Malia cons. valunt che el felze sopra scritto da esser mandado al Serenessimo re di Portogallo cum l'antedicta gondola *sia de raso cremesia cum un arma di sopra de la Maestà antedicta.*—De porto Pg.—de no—3.—o.

Portugal—Dia XVIII fev.º 1501 (1502 m. c.) p. 203 t. Deliberações do Senado (secreto).

Sapientissimo Conselho.

Deliberou-se em tempo n'este conselho que se mandasse uma gondola, fornecida com todas as

suas caixas necessarias, ao Serenissimo rei de Portugal, sendo este o desejo de Sua Magestade. E visto que a dita gondola se acha prompta no nosso arsenal, e agora se offerece occasião de poder ser d'ali conduzida com os navios que estão á carga na nossa cidade com destino a Lisboa, determinou-se que a dita gondola fosse mandada ao dito Serenissimo rei, e para maior satisfação sua e honra da Senhoria nossa deve fazer-se-lhe uma borda toda com franjas de oiro, devendo a dita gondola ser apresentada a Sua Magestade pelo nosso embaixador residente ali—de porte 73—(mesa).

Girolamo de la de Pesaro—Marco Babani—m. a. marasiani—Aloisia malia. Determinam que a dita borda destinada ao Serenissimo Rei de Portugal com a mencionada gondola *seja de setim cramezim tendo sobrepostas as armas de Sua Magestade.*—De porte pg.—de no—3—o.

Para arejar e sacudir-me do pó dos archivos depois de vasculhar estas antiquallas, ia logo em seguida admirar as prodigiosas obras d'arte que os telhados d'aquelles faustuosos edificios ainda cobrem; voltava outra vez e outra a S. Marcos, tornava a pasmar deante dos mosaicos, dos ornatos, dos baixos relevos, dos mausoleus explendidos dos doges, e extasiava-me de novo n'alguma das sallas do palacio ducal deante dos quadros sublimes dos mestres, *A Gloria do Paraiso* do Tintoretto, o *Rapto*

da Europa de Paulo Veronéso, os cento e quatorze retratos dos doges, ou o *Pariso, Purgatorio e Inferno,* de Palma o moço, em que elle pintou a amante tres vezes, serena e alegre no paraiso, em quanto fiel, perturbada e inquieta no purgatorio quando suspeitou d'ella, humilhada e maldita no inferno quando a achou culpada!

Ás noites alternava os meus recreios indo uma noite ao theatro e na outra tomar sorvete no caffé Florian, costumando ao domingo, para variar, tomar o sorvete no caffé Florian, e ir depois para o theatro.

O theatro Malibran era o meu theatro predilecto. É um theatro popular onde se representa toda a qualidade de obra, tragedia, pantomima, drama, opera, farça, mascarada, etc.

Ainda na vespera de deixar Veneza, para ali fui. Apesar da triste situação dos venezianos, a alegria n'essa noite era grande por se saber positivamente que estava para rebentar a guerra. Acompanhou-me o cavalheiro Barrozzi, e respirava em tudo tal alegria que até o secretario do Atheneo sacudia de vez em quando a sua respeitabilidade e dizia graças a alguma moça bonita que ia passando sósinha.

No theatro havia enchente real. Sentia-se no rumor da multidão, na agitação das conversações, na inquietação das attitudes, que acabara a indifferença passiva dos venezianos. Os austriacos, bellos e elegantes, conversavam em grupos separados, dei-

tando o oculo ora para um camarote ora para outro. Por mais escrupulosos que fossem em não insultar nem pela alegria nem pelo desdem a situação miseravel dos venezianos, o luxo dos austriacos todavia resplandecia tanto que tornava mais saliente o trajar modesto da gente de Veneza. Aquelle theatro é baratissimo. Um camarote custa sete tostões. Disse-me Barrozzi, por ver eu admirar-me d'isso:

—Se custassem mais caros ninguem cá vinha. Temos muito pouco dinheiro. Quando Dumas o mez passado fez duas conferencias, queria pôr as entradas altas; fiz-lhe perceber que se assim praticasse teria de fallar para si proprio, e para mim, por me deixar entrar de graça. Os austriacos teem os empregos todos. É rarissimo ver um cidadão de Veneza á frente de alguma administração. Alguns, a quem isso succede por milagre, reunem ás prendas pessoaes de todo o ponto analogas ao emprego que exercem—o alto merito de servirem de graça!

Não pude deixar de exclamar:

—Coitados!

—Os juizes são estrangeiros; não sabem nada dos costumes do paiz, e pouco sabem da lingua. Ha uma palavra unicamente que diga bem a nossa situação—desgraça! Olhe, o irmão do seu amigo Piave está preso ha uns poucos de annos, a mãe d'elle morreu quando lhe prenderam o filho; se a guerra não o salvar salvando-nos a nós todos, apodrecerá na prisão. Aqui as causas crimes são jul-

gadas no maior segredo: o reu não tem defensor, e nunca lhe dizem quem o accusa. Póde estar preso um pouco de tempo, e, quando o deixarem ir para a rua, leva a convicção de que tem um inimigo que lhe armará laços que não póde prever nem evitar! Ah!—disse-me elle a meia voz, mas como se as palavras lhe saissem da alma—tudo isto vae acabar; a guerra é infallivel!

Deu-se signal de principiar o espectaculo.

Não sei onde li a descripção de certa ilha, na qual os montes são de chocolate e os rochedos de caramelo, correndo riachos de leite crême em todas as direcções; o que sei, porém, é que me fez lembrar isso uma das peças d'essa noite no theatro Maibran!

Imaginem uma magica sem alçapões; uma peça phantastica sem transformações á vista, sem mezas que se tornam arvores, nem arvores que mudam para ondas; uma arlequinada scenica calculada para actores, cantores e dançarinos: e terão uma idéa da composição a que assisti; tudo sem tom nem som, armado no ar, sem rei nem roque, sem razão de ser, sem alcance poetico, sem enredo, e faltando-lhe pouco para seguir aquelle uso extravagante do theatro antigo de incumbir a dois comicos a recitação do poema, dizendo um as palavras e o outro fazendo os gestos!

Ao principio bem foi o caso; houve logo canto, declamação, e baile, sem se perceber, é verdade,

porque motivo succedia isso tudo, mas emfim mais festa ao santo; depois, porém, da mesma fórma que na tal ilha de assucar cande se davam muito bem os que lá chegavam e depois morriam de aborrecimento e inanição, assim a ternissima piegueira d'essa tal producção cançava a gente com tanto suspiro, cantatas maviosas, murmurios, volatas, o amante passo a dois, e toda a qualidade de idylio que se transforma de pancada em *tarentela* de baile de mascaras, e ahi veem todos os artistas em mascarada pela platéa dentro, e nós vamos para o palco se quizermos, e dançamos com as actrizes, que um momento antes figuravam de nereides e agora representam de simples polkistas, especie de bustos de ninphas a que a gente visse de repente surdirlhes pernas de arlequim!

Os venezianos applaudiam aquella singular composição, porque tinha para elles o grandissimo merecimento de terminar pela mascarada. Que jubilo, que exultar saudoso, que mescla admiravel de recordações e de esperanças, saudade dos tempos alegres de Veneza e anceio de que elles voltassem! Assim que a mascarada rompeu pela platéa e palco, formando um só tablado, a festa tornou-se realmente interessante e eu proprio me senti ebrio da alegria dos outros, alegria doce, alegria melancholica para que assim o digamos, alegria phantastica que parecia accordar Veneza do seu somno aviltante para lhe dar de novo a folia do antigo carnaval!

Com o fallar aos venezianos de paixão, de escravidão, de tortura, talvez não se conseguisse vel-os mudar de côr: mas em se lhes fallando do Carnaval —choravam. É porque o Carnaval alli principiava d'antes a cinco de outubro, e havia outro em maio pelo tempo da Ascenção do Senhor, o que vem a dizer que dez mezes no anno andava toda a gente pela rua de caraça, os padres até e até o nuncio!

Não cuidem que brinco, o uniforme era andar mascarado; e os parochos seriam mal acolhidos na freguezia, e mal olhados os bispos pelo clero se não andassem de caraça na mão ou no nariz!

A mascara tem em Veneza tanta significação que quando, em tempos, uma menina nobre era pedida para casar, punha mascara e mais ninguem a via senão o noivo ou as pessoas a quem elle désse licença para isso, o que era rarissimo!

Assim que terminou a peça, precipitou-se a multidão nos corredores, e era uma pressa tal em toda aquella gente que, ainda dentro do theatro, já ia cada um a gritar pelo nome do seu gondoleiro para que atracasse sem demora.

Não ha carruagem n'este mundo que possa comparar-se ás gondolas, pelo bom commodo e pelo prazer que dá ir a gente n'ellas á saida dos theatros. A gondola é uma especie de saveiro ou varino, estreito e comprido como um peixe; ponham na idéa uma sarda ou um chicharro, com uma caixa de sege

na barriga. A caixa tem uma porta só, dois logares ao fundo—e dois dos lados, que servem de ordinario para se estender as pernas. Abre-se aquillo tudo e fecha-se, quando se quer. A próa da gondola tem um ferro com seis dentes. As gondolas são todas pintadas de escuro; a caixa é forrada de casimira branca, ou de velludo preto; são todas as gondolas eguaes, e não se permitte nem ao maior fidalgo nem ao mais rico figurão ter gondola que se difference seja no que fôr da do mais infimo particular. Discreto e elegante uso, que não deixa adivinhar ao avistar-se um d'aquelles barquinhos escorregando pelas aguas mysteriosas de algum dos canaes, se vae dentro uma fidalga que vem de um encontro amoroso, ou a mulher do gondoleiro resando á *madonna* com o filhinho ao collo!

Está uma pessoa alli como no seu quarto, lê, escreve, come, bebe, faz festas á sua bella; e os barqueiros, um adiante e outro atraz da caixa, vão remando sem verem quem conduzem!

Ninguem observa, ninguem pasma, ninguem espreita. Ó Veneza dos amores! O que sempre será bom é não deitar a cabeça de fóra da gondola, porque os dentes da prôa de outra gondola que vá passando pódem cortal-a de subito como se fôra uma cabeça de nabo!

Foi no dia immediato a essa recita do theatro Malibran que ao cair da tarde me despedi de Veneza. Ainda fui olhando da gondola, que me levou

á estação do caminho de ferro, para os grandiosos palacios da cidade das vagas, que a pouco e pouco se iam perdendo para mim nas tintas vagas e aerias da distancia; e por entre aquelle silencio melancholico, quebrado apenas pelo remar dos gondoleiros, pareceu-me um instante ouvir ao longe uns sons da musica phantastica do *Carnaval de Veneza*...

XXVII

De Veneza ao Chiado

Ao voltar porém d'aquella formosa Italia, que é a patria das artes, da graça, da benevolencia, do bem estar, e das doçuras da poesia, vim encontrar em Lisboa um grande acontecimento, que durante a minha ausencia tivera logar aqui:

Fechára o Marrare!...

Ora, devo dizer-lhes, Portugal é Lisboa, Lisboa é o Chiado, e o Chiado era o Marrare. O Marrare não era o primeiro nem o melhor botequim, era o unico botequim. Se alguem desejar saber o que foi feito dos rapazes que durante trinta annos passaram por aquelles dois corredores estreitos, esguios, mysteriosos, encontrará uns em ministros, outros feitos consules em diversos pontos do globo, alguns addidos de legação, muitos em posições eleva-

das, e não poucos fazendo a gloria da mesa do orçamento.

Era a casa das noites e das manhãs: de tarde, ninguem; á hora em que nos outros botequins não havia mãos a medir para attender aos freguezes, que iam tomar caffé, a essa hora os freguezes do Marrare estavam a vestir-se para ir jantar. Mas, pela noite adiante que agitação, que voseria, que theorias transcendentaes ácerca da arte, que discussões politicas, que dissertações com respeito á musica— quando digo *com respeito*... sabe Deus como ella era tratada!

Se algum freguez deixava ir crescendo a conta, nunca alli se lhe pediu dinheiro. Unicamente, de uma vez ou d'outra, se rompeu no excesso de mandar vir o homem da harpa, para tocar uma contradança ao freguez em debito mesmo nas suas bochechas. No dia immediato, se o freguez não dera signal de si, o homem da harpa passava a tocar-lhe a *Norma* e nunca houve freguez, por mais intrepido, que se atrevesse a affrontar a *Lucia*, que lhe estava promettida para o terceiro dia, porque pagava para ter direito de dizer ao da harpa—«Ah! biltre, que tocas como um malvado! Raspa-te, passa fóra, patife, não te posso aturar mais!» E note-se que os criados conservavam-se affaveis e inteligentes; se a divida do freguez chegava já a uma libra, o criado deixava de lhe dar «*excellencia*»; em chegando a duas tratava-o pelo appelido; ás quatro

libras era tu cá tu lá! Os freguezes, ás vezes, tanto por tanto, queriam antes a harpa.

Com quanto nos ultimos annos houvesse perdido alguma coisa do explendor antigo, e cada dia lhe fosse deixando um vacuo que o dia de ámanhã não preenchia, o Marrare era ainda nos ultimos tempos um dos logares mais curiosos de Lisboa. Conservava-se ali a tradição; alli morava o entrudo; vivia já de recordações, mas vivia; era um veterano a contar as campanhas!

Palavra d'honra! Quando cheguei e vi no Marrare aquella loja de sapateiro que lá está agora, percebi que ha uma cidade mais devastada ainda do que Veneza...—é Lisboa!

FIM.

INDICE

		PAG.
I	No caminho de ferro	5
II	Milão	19
III	Ainda Milão	28
IV	Ainda Milão	36
V	Milão n'outro tempo	45
VI	O Duque de Milão	53
VII	Vingança de italiana	61
VIII	No Lago *di Como*	68
IX	O Lago	76
X	Como casou em Milão um portuguez	85
XI	Durante a guerra	93
XII	O Palhaço	101
XIII	Nem italiano nem austriaco	109
XIV	Drama	116
XV	A guerra	125
XVI	Italianos e austriacos	132
XVII	O forte	137
XVIII	Primeira noite de Veneza	141
XIX	Primeira manhã	147
XX	Os Rufiões na praça de S. Marcos	153
XXI	Palacio e hospedaria	163
XXII	A gondoleira	170
XXIII	As gondolas	178
XXIV	A Ilha de Torcello	189
XXV	Dora	197
XXVI	Veneza	206
XXVII	De Veneza ao Chiado	228

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

DG
654
M3
cop.2

Machado, Julio Cesar
Do Chiado a Veneza

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 13 30 10 04 003 2